

Asfixia

Mestre Phantom

Edição do autor

Brasília, maio de 2009

*À minha Christine:
submissa de alma;
plenamente mulher.*

*Meus sinceros agradecimentos a tantos
quantos colaboraram com esta obra, quer
pelas narrativas e testemunhos ofertados,
quer pela demonstração e ensino das
técnicas descritas ou aludidas.*

*Não declinarei nomes por motivos
óbvios: se desejassem publicidade, essas
admiráveis pessoas não usariam
codinomes...*

ADVERTÊNCIA

O BDSM (bondage, disciplina, sadismo e masoquismo), que é retratado nesta obra, é um conjunto de práticas sexuais exóticas. Essas práticas envolvem riscos, maiores ou menores, à saúde – tanto a física quanto a psicológica –. Os praticantes do BDSM passam por treinamento para dominar as técnicas e habilidades necessárias à sua prática segura.

A narração de práticas sadomasoquistas encontradas nesta obra destinam-se tão somente a prover um pano-de-fundo para a narrativa ficcional, não substituindo, em hipótese alguma, o aprendizado adequado das práticas, o qual deve ser monitorado e orientado por praticantes já experientes.

1 Velas

Uma gota. Um gemido. A pele se avermelhou, reagindo de imediato ao estímulo inédito. Os músculos das costas retraíram, mais pelo susto do que pela dor. A respiração, já levemente alterada por conta da expectativa, se acelerou um pouco mais.

Outra gota. Mesmo sem o elemento surpresa do início, a sensação se revelava intensa. Mais uma vez, a reação foi instintiva: músculos contraídos, respiração acelerada e um leve gemido. A concentração começava a falhar. Natural. Treinada que fora para suportar longas sessões de tortura, caso necessário, sabia bem que o melhor a fazer era não se concentrar. Quanto menos pensasse, menor a probabilidade de ser tomada pelo pânico. E isso era exatamente o que queria evitar.

Estava deitada, de bruços, sobre o tapete macio. Suas mãos, atadas com cordas, acima da cabeça, eram de pouca utilidade no momento – assim como seus pés, também atados e esticados –. Sentia-se vulnerável e exposta; mas, nem por isso, frágil. Sua situação, ali, era voluntária: um ato de entrega total. Se quisesse, poderia parar e sair. Bastava pronunciar a palavra de segurança. Tal possibilidade, entretanto, sequer lhe passava pela cabeça. Até porque o jogo estava bastante interessante.

As gotas de parafina quente se sucederam, sem ritmo determinado e sem lugar específico. O elemento surpresa estava de volta, na forma de uma escolha aleatória de tempo e espaço: de olhos vendados, ela não podia sequer supor quando ou em que ponto do corpo seria despertado o próximo estímulo.

À medida que o tempo passava, as noções de tempo e espaço se tornavam mais difusas. A excitação, sempre crescente, cuidava de levar a mente à mesma entrega completa a que o corpo estava submetido. A música suave, ao fundo, passava, cada vez mais, despercebida; e o aroma do incenso já se perdera, fundindo-se ao quadro mental que privilegiava sensações a palavras ou sentimentos.

De repente, tudo mudou. O choque de um jorro inesperado de parafina quente nas costas despertou, de uma só vez, todos os sentidos; provocou um urro incontido de dor e um espasmo involuntário de toda a musculatura. Gotas de suor brotaram de sua testa, em resposta à descarga de adrenalina; e, entre suas pernas, a umidade excessiva denunciou o quanto seu corpo gostara da mudança.

Mais parafina derretida; desta vez, nas coxas. As pernas, após se contraírem, relaxaram e começaram a tremer. O tão indesejado pânico a dominava. Queria sair dali logo. Queria acabar com aquele tormento, aparentemente, insuportável. A respiração se descontrolou. O suor gotejava por todos os seus poros, transformando a outrora agradável sensação de contato com o tapete macio em mais um elemento de tortura. A sensibilidade, agora exacerbada, fazia com que seus sentidos se confundissem a tal ponto que temia não suportar

acordada por muito tempo. Mas, paradoxalmente, não pensava em pedir *safe word*. Aliás, não pensava em nada. Talvez não conseguisse, mesmo que assim o desejasse, concatenar duas palavras.

O golpe final veio em um último jato de abundante parafina quente derramado sobre suas nádegas. Naquele ponto, não resistiu. Gritou, contorcendo-se, mas não de dor ou agonia: é que o líquido viscoso escorreu pelo seu rego, atingindo o ânus e provocando, por conta de uma contração involuntária da musculatura, um violento e inusitado orgasmo. E ela – como lhe fora ordenado, caso gozasse – latiu como uma cadela no cio.

Alguns momentos se passaram, nos quais nenhuma atividade pôde ser, por ela, percebida. Aproveitou esse intervalo para se recuperar e se recompor. Bem que precisava. Para uma primeira experiência, aquilo tinha sido bastante intenso.

Sua tranquilidade não durou muito. Ouviu o som de fita adesiva sendo desenrolada, bem perto de sua cabeça. Sabia muito bem o significado daquilo: seria submetida a algo que, definitivamente, não desejava; e sua única alternativa seria interromper o jogo.

Seus lábios foram selados com um pedaço de fita adesiva, daquelas grossas, utilizadas para calefação em dutos de ar condicionado. Não poderia, dali por diante, pronunciar qualquer palavra – nem mesmo a *safe word* –. Não poderia protestar. Não poderia reagir.

Uma pequena bola de borracha lhe foi colocada entre os dedos da mão direita. Seria sua única forma de expressão inteligível: se desejasse interromper o jogo, deveria soltar a bola.

Temeu. Tremeu. Ao mesmo tempo que um ímpeto quase incontrolável a inclinava a parar com tudo, a vontade férrea de demonstrar que estava disposta ao que quer que fosse a conduzia adiante. Respirou fundo e se preparou para o pior.

Não foi rápido nem indolor. Seu algoz estava disposto a transformar a experiência, que lhe soava desagradável, em algo quase insuportável. Queria testar seus limites: sua tenacidade, sua resistência e sua abnegação. E ela sabia quão próxima estava de cruzar o limiar de suas forças.

Sentiu quando as coxas grossas e firmes tocaram as suas, no momento em que o homem se ajoelhou sobre ela. Gemeu, quando o dedo masculino espalhou uma generosa dose de lubrificante íntimo entre suas nádegas. Se desesperou, quando lembrou que a parafina ainda estava ali e que, se esfarelando, tornaria a experiência ainda mais dolorosa.

Quando a ponta do membro rígido tocou seu ânus, respirou fundo. Não esperava compaixão ou misericórdia de seu dominador. Apenas torcia para que a bola de borracha não se soltasse de seus dedos, acidentalmente, no momento crucial.

Fechou as mãos com força e respirou fundo mais uma vez. E, quando o falo rasgou suas carnes, gritou, trêmula, um grito abafado. As lágrimas brotaram de seus olhos, enquanto se sentia, ao

mesmo tempo, usada e humilhada. E tudo o que queria era que aquilo acabasse logo.

Ou não? No turbilhão de sensações de dor e prazer, seus sentimentos e desejos se perderam, assim como sua consciência. A última coisa de que se lembraria, ao despertar, era do violento orgasmo que a sacudira.

* * *

A campainha da porta soou. Era o sinal, combinado, de que estava sozinha no apartamento.

Ainda amarrada e amordaçada, agora sem a venda e com toda a sua dignidade subtraída, Marli Cerqueira respirou fundo e abriu os olhos. Deveria, sem ajuda externa, se livrar das cordas, banhar-se e deixar o recinto.

Encolheu as pernas, apoiando-se na cabeça e nos joelhos. Encolhendo os braços, apoiou-se nos cotovelos. Sair daquela situação não seria fácil; mas também não era impossível. Esticando novamente as pernas, conseguiu se mover até o ponto onde a faca tinha sido deixada. Com algum esforço, esticou os braços, abriu os dedos e alcançou a faca. Nisso, era relativamente experiente. Usou a lâmina afiada para cortar as cordas, mesmo sem as poder ver. O nó que lhe prendia as mãos foi desfeito sem grande dificuldade.

Com rapidez, desembaraçou-se do resto da amarração. Ficou de pé e alongou os membros, para se livrar das câimbras.

Olhou para baixo, enquanto tirava, em dores, a mordação. Por suas pernas escorria uma mistura de sangue e esperma, testemunho do suplício ao qual fora, há pouco, submetida.

Dirigiu-se ao banheiro. À medida que caminhava, sentia as placas de parafina descolando de suas costas, não sem uma boa dose de ardência e de dor. Como havia sido instruída, as deixou nos mesmos lugares onde caíam.

Abriu o chuveiro. Ao menos isso: a água morna, ainda que potencializasse a ardência da pele irritada, funcionava como lenitivo para os músculos ressentidos do longo período de imobilidade.

Se enxugou. Restos de parafina ficaram também na toalha.

Olhou-se no espelho, enquanto penteava os cabelos e retocava a maquiagem. Aos poucos, a aparência abatida e desolada cedia lugar à beleza, enquanto a maquiagem cuidadosa ressaltava seus traços delicados. Deveria sair dali com ar de satisfação; não, de sofrimento. Era esse o combinado.

Apanhou sua bolsa e deixou o apartamento, trancando a porta atrás de si, não sem antes correr os olhos pelo cenário, com um suspiro de alívio e de satisfação. Tomou o elevador e encaminhou-se ao ponto de encontro.

* * *

Como combinado, Marcos Tamiani esperava Marli Cerqueira sentado no bar, tomando uma cerveja. A recebeu com o mesmo sorriso acolhedor que sempre exibia quando ela se aproximava. Levantou-se e foi ao seu encontro. O abraço afetuoso e o

beijo na boca não davam qualquer indicação de que, momentos antes, os dois haviam estado, juntos, em uma situação tão radicalmente diferente.

– Como você está? – perguntou ele, genuinamente interessado.

– Com gostinho de "quero mais" – respondeu Marli –. Quando tem mais?

Marcos riu, enquanto os dois se sentavam.

– Tá falando sério?

– Mas é claro! Devia ter me apresentado esse seu lado há muito mais tempo.

– Bem... não dá pra adivinhar que uma mulher como você possa gostar dessas coisas... – mentiu Marcos, conhecido por sua habilidade em reconhecer potenciais adeptos do BDSM.

– Tudo bem; nem eu mesma fazia idéia. Mas agora já sabemos, né? E eu quero conhecer tudo o que houver pra se conhecer no... como é o nome?

– BDSM – respondeu Marcos –. Bondage, disciplina, sadismo e masoquismo. Mas eu acho melhor você ir devagar. É muita coisa e pode ser que você não goste de tudo.

– E como vou saber se não experimentar?

– É. Tem razão. Ver e ouvir dizer é uma coisa; vivenciar é outra.

– E então? Vai me ensinar?

– Não é tão simples... – tentou ele desconversar.

– Sem essa, Marcos. Eu vi sua fama na Internet. Você é o melhor.

– Meu amor, você não deve acreditar em tudo o que lê na Internet...

Marli se impacientou com a reticência do namorado.

– O que é que está acontecendo, hein, Marcos?

– Do que você está falando?

– Até parece que você está fugindo de me ensinar!

– Não é isso. É que...

– Abra logo o jogo. O que é que você está me escondendo?

A moça de uniforme se aproximando da mesa fez com que a conversa fosse temporariamente suspensa.

– Traga uma cerveja para mim e uma água mineral com gás para a moça – disse ele à garçonete, enquanto estudava a fisionomia da namorada atentamente.

Marli fez menção de protestar, mas o olhar firme do rapaz deixou claro que sua escolha não estava aberta a contestações. Um sentimento ambíguo se apoderou dela. Marcos bem sabia que ela detestava água com gás. Era evidente que ele fizera aquilo para provocá-la. Mas, ao mesmo tempo em que teve vontade de reagir, ela percebeu ali uma boa oportunidade de mostrar que estava disposta a tudo para atingir seus objetivos.

Marcos permaneceu em silêncio, observando-a sorver com dificuldade a bebida insípida. Só quando o copo e a garrafa estavam completamente vazios é que ele voltou a falar.

– Está bem. Se é isso o que você quer, eu ensino. Mas com três condições.

– O que você quiser.

– Você vai fazer tudo o que eu mandar, sem questionar.

– O tempo todo?

– Sempre que estivermos jogando.

– A segunda?

– Qualquer dúvida que tiver, fale comigo. Nada de ficar pesquisando na Internet. Qualquer um pode colocar o que quiser na rede; e há muita gente escrevendo bobagem sobre BDSM, hoje em dia.

– Certo.

– E a última condição: nada de misturar as estações. Na hora de jogar, jogamos; fora disso, somos namorados.

– E como eu vou saber a hora em que estamos jogando?

– Você vai saber. Tudo a seu tempo.

2 Um caso muito estranho

A sala de Marli Cerqueira era tida como um modelo por seus colegas: todos os papéis sempre em ordem; os demais objetos, meticulosamente organizados nas prateleiras e gavetas. Ciente de que a disciplina é fundamental no trabalho de um investigador, Marli cuidava sempre de exercitá-la. “O método pode ser aprendido racionalmente”, repetia para si mesma, “mas somente quando exaustivamente praticado é que passa a fazer parte do indivíduo”. E, com efeito, aqueles que lidavam mais de perto com a agente costumavam dizer que a disciplina estava em seu sangue.

Essa característica a levou a inúmeros sucessos. Tão habituada estava a sistematizar seus procedimentos que aprendera a, intuitivamente, detectar, em uma situação, os elementos que fugiam do contexto. Era com base nesses elementos que elaborava suas linhas de raciocínio – as quais, não raro, pareciam excêntricas ou despropositadas, mas, ao final, mostravam-se, não apenas coerentes, mas também essenciais na solução dos casos investigados.

Quando chegou à sua sala naquela manhã de segunda-feira, a agente Marli Cerqueira não precisou de utilizar sua acurada habilidade de observação ou recorrer a sofisticados métodos investigativos para perceber que alguma coisa estava muito errada:

uma pasta displicentemente largada sobre sua mesa indicava que o delegado Macedo estivera ali. Em toda a delegacia, ele era o único que – propositalmente – desrespeitava o caráter metódico de Marli, deixando objetos sobre sua mesa sem o menor cuidado. Um bilhete escrito à mão pelo delegado dava o tom inusitado à cena. No pequeno pedaço de papel, uma única frase: “por favor, venha à minha sala”. O que causou estranheza foi o “por favor”.

Depois de guardar a própria bolsa e apanhar um copo de café, Marli sentou-se diante da papelada e passou a examiná-la. Tratava-se de um dossiê que continha relatos e fotos da cena de um crime. Nada excepcional, já que, afinal, aquela era uma delegacia de polícia. Leu o relatório policial com atenção, analisou as fotos e não encontrou nada de especial. Fechando a pasta, foi à sala do delegado.

* * *

Um bom investigador mantém os sentidos em alerta para pequenas nuances, detalhes que destoam do conjunto, coisas que estão faltando ou que não deveriam estar na cena. Um senso analítico quase inato faz disparar, em sua percepção, um sinal de alerta. Pois a mente de Mali, naquele momento, parecia uma central de emergência em dia de cataclismo: luzes, sirenes e campainhas por todos os lados. Primeiro, a pasta sobre sua mesa; depois, a convocação ao gabinete do delegado; agora, a atitude estranha de Macedo, de fechar portas, janelas e persianas antes de iniciar a conversa.

Após certificar-se por todos os meios de que o encontro não estava sendo espionado, o delegado se postou em sua confortável cadeira giratória e olhou fixamente para Marli, antes de começar:

- Você deve estar estranhando o caso que lhe passei.
- Isso é assunto para a polícia civil – respondeu ela.
- Em tese, sim. Mas eu tenho interesse pessoal no caso.

Macedo abriu a gaveta e apanhou três fotos que passou para a agente. Eram três mulheres diferentes, todas estranguladas sob as mesmas circunstâncias; todas vestindo couro preto e algemadas sobre a cama.

– Cada uma em um estado – explicou ele –. Dificilmente, a civil veria ligação entre os casos.

– E o senhor viu porque é praticante – completou ela, entendendo, afinal, as atitudes do chefe –. Dominador, eu suponho.

Macedo sorriu, sem disfarçar uma ponta de orgulho.

– É tão fácil perceber?

– O senhor teria menos problemas em esconder o que é casado – foi a resposta, acompanhada de um sorriso sutil.

Depois de uma pequena pausa dramática, Macedo suspirou e perguntou:

– O que você sabe sobre sadomasoquismo, Marli?

A pergunta apanhou a agente de surpresa. Não que uma indagação desse tipo não fosse esperada, quando o assunto era crimes de conotação sexual; o que a surpreendeu foi não sentir-se à vontade para responder.

– Muito pouco... – gaguejou, para seu próprio espanto – Quase nada, na verdade. Por quê?

Macedo acentuou ainda mais seu ar de superioridade e prosseguiu:

– Há uma coisa errada nessas fotos.

– Sim – apressou-se ela –. Mulheres que resolveram brincar com o perigo e se puseram nas mãos de homens que não tinham noção da hora de parar.

– Errado.

– O que, então?

– As roupas. Essas mulheres estão vestidas demais. Submissas, geralmente, estão nuas ou, no máximo, com roupas íntimas.

Fazia sentido. Que prazer teria o dominador em chicotear alguém que estivesse trajando couro?

– Então elas eram...

– Dominadoras – completou o delegado, com aquele irritante tom de triunfo na voz, típico de quem faz uma pergunta para a qual só ele sabe a resposta –. Lady Amazona, Domme Gwyn e Rainha Selvagem, para ser mais exato. E a que está naquela pasta é a Deusa Flor. Quatro dominadoras imobilizadas, torturadas, espancadas e asfixiadas. Quais as chances de isso ser uma coincidência?

– É mais fácil crer que há um tarado revoltado à solta, matando essas mulheres.

– Exato.

– Assim mesmo, Macedo, eu não posso fazer nada. Você sabe que isso não é assunto para a Federal. Além disso, não demora e alguém, aqui dentro, nos ligará ao BDSM através desse caso. Duvido que você queira isso.

Macedo não respondeu de imediato. Abrindo uma gaveta, apanhou um envelope e o repassou à agente, que o abriu. Dentro, havia um pen drive e um comprovante de transferência bancária, para sua conta, de setecentos e cinquenta mil reais.

– Um ano, Marli. Você tem um ano para resolver o caso.

Marli avaliou o material.

– De onde veio essa grana, Macedo?

– Isso não importa muito. Pode-se dizer que é um patrocinador muito interessado em que esse assassino seja detido. Mas relaxe, porque é dinheiro limpo.

– Não estou gostando desta conversa – disse ela, com sinceridade.

Macedo sorriu.

– Imaginei que você responderia isso. Um cheque igual a esse estará na sua mão assim que o bandido for pego. Melhor assim? Mas tem uma condição: sigilo absoluto. Nem mesmo o departamento pode saber o que você está fazendo.

– E como é que vou conseguir essa proeza?

– A partir de agora, você está de licença – O delegado apanhou um formulário na gaveta e o repassou a Marli, que o assinou.

- Pensou em tudo, mesmo, não?
- É pra isso que me pagam, Marli.
- Só mais uma coisinha: por que exatamente eu?
- Isso, é melhor você perguntar a Lord Dark.

* * *

O apartamento, na Asa Sul, não deixava dúvidas quanto a quem era sua proprietária. Tudo muito limpo e organizado.

Para manter a ordem, Marli Cerqueira contava com a ajuda de Denise, uma jovem estudante de química que lhe fora indicada por Marcos quando Amélia, a antiga empregada, se aposentou.

Denise era pessoa discreta. Nunca se imiscuía em assuntos particulares de sua patroa e evitava emitir opiniões, a menos que isso lhe fosse solicitado. Organizada e meticulosa, trazia o apartamento sempre em ordem e cuidava de cumprir com suas obrigações de modo a superar, sempre que possível, as expectativas da patroa. Tinha boa cultura. Sabia conversar sobre os mais variados assuntos e, quando dizia alguma coisa, raramente precisava ser contestada ou corrigida. Era bem provável que não precisasse trabalhar para sustentar os próprios estudos; mas Marli, mesmo estranhando um pouco, não achava ruim que ela se dispusesse às mais corriqueiras tarefas domésticas. Ao contrário, sentia-se agraciada pela sorte – encontrar ajudantes eficientes e prestativas não é tão comum quanto se imagina.

Denise não estava no apartamento. Era seu horário de aula.

Marli chegou e foi direto para seu quarto – como não trabalhava em casa, achava desnecessário ter um escritório ou mesmo uma escrivaninha ali –. Trocou de roupa, ligou o notebook e tratou de examinar o conteúdo do pen drive.

Havia quatro pastas no dispositivo. Cada uma correspondia a um dos casos já mencionados pelo delegado Macedo; e, em cada pasta, era possível encontrar documentos digitalizados – do depoimento de testemunhas aos relatórios das autópsias – e centenas de fotos. Tudo muito técnico. Nada elucidativo. Marli sabia que, se quisesse entender o que estava por trás daquela série de crimes, teria que olhar para onde os policiais não olharam; enxergar o que eles não viram. Em outras palavras, sua abordagem teria que ser outra. Ainda assim, não devia ignorar todo o material já levantado. Por isso mesmo, se pôs a examiná-lo mais atentamente.

Começou pela Deusa Flor.

Adelaide Castro Gusmão, conhecida no meio BDSM como Deusa Flor, tinha 32 anos, era divorciada e não tinha filhos. Era secretária executiva em uma multinacional do ramo de computadores e, segundo os colegas de trabalho, nada, em seu comportamento no ambiente profissional, indicava que fosse inclinada a práticas sexuais exóticas. Não era de viajar muito e sequer frequentava as festas promovidas pela empresa. Por isso mesmo, todos estranharam que tivesse sido encontrada morta em um quarto de hotel de Belo Horizonte, sendo que residia em São Paulo. Seus pais, católicos fervorosos, não puderam contribuir com nada nas investigações, até

porque desconheciam qualquer coisa em seu comportamento que pudesse conduzir a um provável suspeito. Seu ex-marido casara-se novamente; o divórcio fora amigável e a nova esposa dele mantinha, com Adelaide, uma relação bastante cordata.

Domme Gwyn – ou Pamela Karlston, como era conhecida no Setor de Embaixadas – era filha de um alto funcionário da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil; tinha 25 anos e era solteira. Em um ambiente cercado de segredos e reservas, como é o meio diplomático, não era de se estranhar que pouca informação estivesse disponível, além do fato de que fora encontrada morta na suíte de um motel de luxo, no Núcleo Bandeirante.

Cenira Pereira – a Lady Amazona – não poderia ter um codinome mais adequado. Seu corpo atlético denotava constante atividade física; sua tez morena indicava que era oriunda do norte do país. Tinha 44 anos e era casada. Empresária, dirigia uma empresa de eventos no Rio de Janeiro. Fora encontrada morta em um motel de beira de estrada, em Vitória, no Espírito Santo.

A Rainha Selvagem – cujo nome de batismo era Márcia Coelho Alencar –, de 29 anos, era esposa de um músico paranaense. Mãe de duas meninas, morava em Goiânia, com a família, há sete anos. Era a típica dona de casa, a não ser por suas aventuras sexuais, as quais eram conhecidas e compartilhadas pelo marido. Dos quatro casos, aquele era o único em que os envolvidos eram praticantes confessos de sadomasoquismo. Adamastor Alencar não fazia a menor questão de esconder suas preferências ou as de sua esposa. Em seu

depoimento à polícia, deixou registrado que era submisso à Rainha Selvagem e que não se importava com o fato de ela sair – esporádica ou frequentemente – com outros homens a quem dominava em suas sessões de BDSM.

Quatro casos aparentemente desconexos. Tirando as preferências sexuais, nada parecia unir as vítimas. E foi exatamente isso que chamou a atenção de Marli.

Pelo que havia pesquisado até o momento, a prática sadomasoquista costuma funcionar como elemento catártico, à medida que permite ao praticante liberar suas fantasias – mesmo as mais perversas – em um ambiente controlado, onde as técnicas são treinadas à exaustão e três princípios, unidos pela sigla SSC, regem as atividades. Os princípios do são, seguro e consensual – repetidos como mantra a quem se inicia no BDSM – costumam funcionar como freio aos mais afoitos e desavisados; e, embora haja, muitas vezes, acidentes provocados por descuido ou imperícia, são poucas as notícias de excessos que conduziram a danos permanentes. Como os praticantes jogam com seus desejos reprimidos, liberando-os em um espaço lúdico, vai contra qualquer lógica um serial killer sadomasoquista. Isso porque – ao menos, assim cria Marli – os assassinos em série têm como característica primordial o não saber lidar com suas próprias frustrações – algo que, em um espaço BDSM, se dissolve, já que as frustrações são canalizadas para práticas, no mínimo, heterodoxas. Logo, o assassino, ainda que estivesse infiltrado no meio, provavelmente não pertencia a ele.

A breve análise forneceu um ponto de partida para a investigação. Era evidente que conduzi-la da forma tradicional não levaria a nada; afinal, as próprias circunstâncias dos crimes nada tinham de convencionais. Seria preciso pesquisar no meio; procurar saber mais sobre a identidade alternativa das vítimas para, através disso, chegar a pistas que conduzissem ao criminoso. Para tanto, deveria contar com a ajuda de seu namorado e, agora, senhor. Outra coisa que faria o mais rápido possível era tentar contato com a única pessoa que, pertencendo ao círculo mais próximo de uma das vítimas, falaria abertamente sobre o assunto, abordando-o na perspectiva desejada: Adamastor Alencar. Mas, antes de tudo isso, teria que – contrariando as determinações de Lord Dark – pesquisar na Internet. Porque os grupos de discussão e sites de relacionamento, se não são confiáveis para quem deseja aprender os fundamentos do BDSM, são, por outro lado, excelentes fontes de pesquisa quando o objetivo é conhecer os praticantes.

* * *

Enquanto ponderava sobre as possibilidades e fazia as primeiras anotações, Marli Cerqueira teve sua tranquilidade arruinada pelo volume insuportável do aparelho de som ligado na sala. Teve ímpetos de se levantar e aprontar um escarcéu, quando lembrou que Denise não sabia que ela estava em casa. Então, decidiu ficar quieta mais um pouco e observar.

Curioso, aquilo. A moça, sempre tão discreta, agora, que pensava estar sozinha, demonstrava uma personalidade expansiva e levemente extravagante. O Rock pesado era entremeado de pequenos gritos – que tinham a pretensão de acompanhar a música reproduzida pelo aparelho de CD – e se misturava ao barulho do aspirador de pó, em sinal inequívoco de que uma ruidosa faxina se processava na sala. Marli sorriu, tentando imaginar a cena da empregada dançando, usando o cabo do aspirador como pedestal de microfone ou guitarra e imitando os trejeitos do roqueiro.

Não demorou e sua imaginação foi superada pela realidade. O aspirador foi desligado e, abruptamente, Denise irrompeu pela porta do quarto, trajando blusa, calcinha e tênis; com os cabelos presos por um lenço para lá de antiquado. A moça soltou um pequeno grito, antes de se jogar para trás da parede que dava acesso ao corredor, deixando apenas a cabeça e os ombros à mostra, enquanto se dirigia à patroa que, àquela altura, não conseguia conter o riso.

– Dona Marli! A senhora está em casa! – disse a empregada, constatando o óbvio, antes de correr para a sala e desligar o som.

Mais que depressa, Marli se levantou da cama e foi atrás da moça.

– Tudo bem, Denise. Não precisa entrar em pânico.

Apanhando uma almofada no sofá e, com ela, tentando bloquear a visão de suas partes pudendas, Denise gaguejou:

– Pensei que a senhora só viria à noite.

– Que bobagem é essa de me chamar de senhora, agora, Denise? Deixe disso! – Marli avançou em sua direção e lhe tomou a almofada – E não precisa se esconder desse jeito, não. Até parece que eu nunca vi uma calcinha na minha vida...

Na verdade, Marli já vira muitas calcinhas; mas não aquela. E não pôde deixar de perceber que a visão lhe despertara o interesse mais do que seria de se esperar. Puxou a moça pelo braço e, como já fizera inúmeras vezes antes, sentou-se ao seu lado no sofá.

– Desculpe a bagunça, Marli. Eu não fazia idéia de que você chegaria tão cedo.

– Nem eu – retorquiu a patroa –. As coisas viraram de cabeça para baixo no trabalho. Vou passar um bom tempo em casa.

Denise não conseguiu disfarçar o fato de que seu susto inicial se transformou em uma certa dose de angústia após a última frase. Não falou nada, mas seus olhos se arregalaram e a respiração se alterou levemente, como ocorre com uma criança que tenta, inutilmente, disfarçar um mal feito.

– O que foi, Denise? – insistiu Marli, farejando que alguma coisa estava errada – Por que essa cara de cachorro que quebrou o prato? Eu vou ficar em casa mais tempo, sim; mas vou ficar trabalhando. Você não precisa mudar sua rotina por minha causa.

– Eu não sei, do... Marli. Quando eu aceitei trabalhar aqui, não era pra ser vigiada o tempo todo, sabe? Eu não sei se gosto muito de alguém olhando o tempo todo o que eu estou fazendo. Isso é meio estranho...

O tom de voz de Denise não deixava dúvidas de que estava mentindo, tentando disfarçar algo que se recusava a revelar.

Marli soltou uma sonora gargalhada, que deixou a moça ainda mais desconcertada.

– Do que a se... você está rindo, Marli?

– Desculpe, mas não dá pra controlar. Você está ridícula, garota! Quer parar de besteira e abrir logo o jogo?

– Eu não sei do que... – balbuciou a empregada, mas foi interrompida pelo puxão que a agente federal deu em seu braço, forçando-a a ficar de quatro, no sofá, com a bunda para cima.

– É disso que eu estou falando – respondeu Marli, tocando com a ponta do indicador direito sobre uma série de pequenos hematomas e aproveitando para apreciar a visão daquela bundinha empinada.

Denise se endireitou no sofá e começou a gaguejar.

– Quem é o seu dono, Denise? – perquiriu Marli, incisiva, naquele tom de voz que recusa qualquer tentativa de o interrogado se esquivar.

– Eu não... não posso...

– Quem é? – pressionou ainda mais a agente.

– Não posso! Eu vou perder a coleira!

– Fala logo, garota! É Lord Dark, não é? Você tem medo de eu chegar em casa e encontrar os dois juntos, não é isso? Fala!

Denise chorava convulsivamente, com o rosto enterrado entre as mãos. Limitou-se a, com um meneio de cabeça, fazer sinal negativo.

– Não o quê, garota? Fale comigo! Lord Dark é ou não é seu dono? Responda!

A moça fez que sim com a cabeça.

– E é aqui que vocês se encontram? No meu apartamento, quando eu estou fora?

Outro meneio de cabeça negou.

Marli decidiu tentar outra abordagem.

– Não precisa chorar. Venha cá.

Gentilmente, puxou a menina para junto de si e a abraçou afetuosamente, acariciando os longos cabelos negros.

– Tudo bem – prosseguiu, em tom maternal –. Não precisa ficar assim. Você não vai perder a coleira coisa nenhuma. Agora, acalme-se para que a gente possa conversar feito duas mulheres adultas, está bem?

Não houve resposta. A moça estava ocupada demais tentando recuperar o autocontrole. Depois de algum tempo, voltou a se endireitar no sofá e, depois de um longo suspiro, disse, sem olhar diretamente nos olhos de sua interlocutora:

– A ordem que eu recebi do dono foi de cuidar bem de sua casa e da senhora. Ele disse que eu seria bem recompensada por isso; e sou. Mas a condição era de que a senhora não poderia descobrir,

jamais, que eu sou cadela dele. Se isso acontecesse, ele me tiraria a coleira imediatamente.

– E você achou mesmo que iria conseguir esconder isso de mim para sempre, Denise? Descobrir as coisas é minha profissão. Esqueceu?

– Eu sei disso. É que ordem é ordem. O dono mandou, eu obedeco. Sabia que não ia dar muito certo. Mas não é meu papel discutir uma ordem do dono. Ele foi bem claro: “escute bem, aqui, sua vadia. Se eu perder a namorada por sua causa, você nunca mais olha na minha cara, entendeu bem?”

– Que conversa é essa de perder a namorada, Denise? Você acha, mesmo, que eu vou brigar com o Marcos por sua causa? De onde tirou essa idéia?

A garota se mostrou mais perdida do que nunca.

– Mas você é baunilha. Não conheço nenhuma baunilha que aceite um namorado que tenha uma sub.

– Não sei o que quer dizer baunilha, não; mas não tenho a menor intenção de desmanchar com o Marcos por sua causa, se é isso que quer saber.

Denise se atirou sobre Marli e a abraçou com força. O primeiro ímpeto da agente foi afastá-la; mas logo mudou de idéia: a sensação daquele corpo contra o seu estava bastante agradável.

– Tudo bem – disse, voltando a abraçá-la, agora com mais suavidade –. Está na cara que você é apaixonada pelo Marcos. Então, sente aí e vamos fazer um trato.

– O que você quiser – respondeu a moça, endireitando-se novamente no sofá e enxugando as lágrimas.

– É o seguinte: eu estou em uma situação complicada. Você não sabe ainda, mas eu também estou para me tornar cadelinha de Lord Dark.

Os olhos da moça brilharam.

– Sério? Isso é o máximo! Seremos irmãs de coleira!

– É. Só não rola de eu virar sua empregada, entendeu?

Denise riu, relaxada, pela primeira vez desde o início da conversa.

– Agora, preste atenção – prosseguiu Marli -. Eu estou cuidando de um caso; e, para dar conta das investigações, vou ter que me infiltrar nos grupos de BDSM como dominadora. Acontece que eu não sei nada de dominar e nem tenho vontade de aprender. Mas é preciso. Então, o trato é o seguinte: eu contorneio as coisas com Lord Dark. Dou meu jeito. Sei que ele não é tão apaixonado por mim, assim; mas é o suficiente para me dar ouvidos. Em compensação, você me ensina tudo o que sabe sobre BDSM. Fechado?

Outro sorriso brotou nos lábios de Denise, que lhe estendeu a mão ainda trêmula.

– Fechado.

3 O círculo da verdade

Um arrepio percorreu as costas de Marli Cerqueira quando ela apertou o botão do elevador. Havia seguido à risca as instruções: trajava apenas um sobretudo preto. Nada por baixo. Fora desconfortável, mas, ao mesmo tempo, excitante sair assim de casa. Em cada etapa do trajeto, deliciara-se imaginando qual seria a reação dos transeuntes se descobrissem que aquele carro era dirigido por uma mulher nua. Ao estacionar e dirigir-se à portaria, pôde sentir a umidade escorrer pelas coxas. Ao falar com o porteiro, teve dificuldades em não gaguejar.

Dirigia-se ao apartamento de seu namorado – naquela noite, dono –, onde teria, de acordo com ele, sua cerimônia de iniciação. Receberia um codinome. Passaria a portar a coleira de seu senhor. Ingressaria, afinal, no turbilhão de sensações e emoções corriqueiramente conhecido como sadomasoquismo e referido por seus adeptos pela sigla BDSM.

O elevador parou no andar desejado. Poucos passos foram necessários para chegar à porta do apartamento. Não seria necessário tocar a campainha: sua presença era esperada. Levou a mão à

maçaneta e sentiu o coração palpitar mais forte. Abriu a porta, entrou e a fechou logo em seguida.

Seguindo as instruções previamente fornecidas, despiu-se do sobretudo e o pendurou, junto com sua bolsa, em um cabideiro junto à porta. A parca luz de algumas velas era tudo o que tinha para se orientar. Colocando-se de quatro, engatinhou sobre o tapete, percorrendo o caminho que já lhe era familiar.

Um odor de alfazemas enchia o ambiente. Resistindo ao instinto de erguer o olhar e vasculhar o recinto, Marli seguiu em frente. Sabia onde deveria chegar.

Sentiu a presença de seu amo. Percebeu, também, que não estavam sozinhos. Não tinha, contudo, o direito de saber quem mais ali estava.

Enquanto engatinhava, Marli topou com velas acesas no chão, formando um círculo. Era o círculo da verdade, sobre o qual já havia sido instruída. Deveria circundá-lo, saudar seu senhor com um beijo nos pés e, só então, se postar, sempre cabisbaixa, entre as velas. Assim fez. Em resposta à sua saudação, recebeu o sinal de que estava em cena: puxada pelos cabelos, teve seus lábios levados aos de seu amo em um beijo suave seguido de uma leve bofetada. O jogo começou.

Oito velas acesas, posicionadas formando um círculo, e Marli, nua, os cabelos presos em um coque, ajoelhada, no centro da formação, com a cabeça baixa.

– Sabe onde está? – perguntou o dono da casa.

– Sim, senhor. No círculo da verdade.

– Sabe o que significa?

– Que não posso mentir enquanto estiver aqui, senhor.

– Conhece as regras do BDSM?

– Sim, senhor. O senhor me explicou muito bem.

– Tem certeza de que quer fazer isso? É sua última oportunidade de desistir.

– Tenho certeza, senhor. Só tenho um pedido a fazer antes.

– Então faça. É sua chance.

– Gostaria de ser mais do que escrava de cena, senhor. Meu desejo é servi-lo vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Quero me entregar integralmente a meu amo, mesmo que ele me deseje usar apenas nas cenas. Quero que saiba que, não importa onde, não importa quando, não importa como, serei sua para fazer de mim o que quiser.

Por aquela, Lord Dark não esperava. Mas não se fez de rogado.

– Não acha que eu vou jogar o tempo todo só porque você quer assim, não é?

– Longe de mim, senhor. Não tenho a intenção de determinar quando e como meu dono deve jogar. Meu desejo é sincero, senhor.

Dark pensou um pouco, antes de prosseguir. Apanhou uma das velas e ergueu.

– Que se faça sua vontade. A partir deste momento, ela me pertence. Eu a batizo, Miss Take.

O toque da parafina fez novamente a pele de Marli – ou melhor, Take – arder. A mesma sensação de torpor da primeira experiência a invadiu quando, uma por uma, as oito velas tiveram seu conteúdo derramado. No batismo, entretanto, o desfecho foi bastante diferente da experiência anterior: Miss Take foi possuída por seu novo amo ali mesmo, sem qualquer aviso. De quatro estava, de quatro ficou. E quando ele, saciado, se retirou para um rápido banho, ela permaneceu na posição, sentindo o esperma escorrer-lhe pelas pernas. Imaginou que seria abandonada ali novamente, mas estava enganada. Em menos de dois minutos Lord Dark já estava de volta, com uma coleira nas mãos. Pôs a coleira no pescoço de Take e, por ela, conduziu a moça – sempre de quatro, até o lugar junto à poltrona que lhe havia sido reservado.

As luzes da sala foram acesas.

– Veja, minha querida – disse o dominador –, os convidados de honra de seu batismo. Essas pessoas são testemunhas de que você, a partir de hoje, me pertence.

Com a maquiagem borrada pelas lágrimas, Take correu o olhar pela sala. Eram rostos que nunca vira antes, à exceção de dois: um, o homem a quem era subordinada na polícia federal: o delegado Macedo, conhecido entre os sadomasoquistas como Prometeus; a outra, que estava aos pés de Lord Dark, a moça que trabalhava para ela: Borboleta, a quem ela conhecia como Denise.

“Péssima hora para não poder abrir minha boca” – pensou Take.

– Como é de hábito – anunciou Lord Dark –, nossa recém-chegada vai comemorar seu batismo servindo a todos os dominadores presentes. Minha Borboleta vai ajudá-la a se preparar.

– Sim, senhor – disse a moça, pondo-se de pé e fazendo sinal a Take para que a seguisse.

As duas deixaram a sala de cabeças baixas e em silêncio. Antes de fechar a porta do banheiro, Miss Take ainda conseguiu ouvir a pequena algazarra que começava a se formar pelo vozerio cada vez mais exaltado na sala.

* * *

– Tudo bem, pode relaxar agora – tranqüilizou Borboleta, enquanto abria o chuveiro –. Lord Dark não gosta muito de liturgia. Quando a gente voltar lá pra dentro, o clima vai ser outro. Você vai ver.

Uma boa dose de óleo mineral foi aplicado sobre as costas de Miss Take. Em seguida, Borboleta começou a esfregar-lhe suavemente as costas para tirar a parafina que ali ficara presa.

– Há quanto tempo você serve a Lord Dark? – perguntou Take, procurando ser cuidadosa nas palavras e na entonação da voz. Não queria parecer ciumenta, mas não conseguia segurar a curiosidade.

– Três anos – respondeu a moça –. Desde que eu fiz dezoito anos.

– Fala sério!

– É sério. Foi uma amiga minha que apresentou a gente. Ela servia a ele. Eu experimentei, gostei e não quis mais sair. Acho que foi a mesma coisa que aconteceu com você, não é? A diferença é que Lord Dark nunca foi meu namorado.

Um riso nervoso denunciou o desconforto de Borboleta diante da situação.

– E você nunca quis namorar?

– Tá brincando? Já tive um bocado de rolos. Mas os caras da minha idade parecem que estão com a cabeça no mundo da lua. Muito físico, muito ego e pouca atitude. Não tenho paciência, não. De vez em quando, o Lord me manda procurar alguém. Eu vou; até consigo. Pra mim não é difícil. Mas não passa de uma semana. Acho que é fetiche do Lord, sabe. Ele parece que gosta de me ver saindo por aí e voltando meio que decepcionada.

Enquanto a voz quase pueril enchia os ouvidos de Miss Take com a história de vida de uma adolescente que prefere homens mais maduros, as mãos suaves percorriam-lhe as costas, as nádegas e as coxas retirando os últimos resquícios de parafina. Estranhamente, Take teve vontade de que ela não parasse ou de que, ao menos, lhe permitisse retribuir o que muito se aproximava de uma carícia. Em toda a sua vida, nunca tivera qualquer experiência mais íntima com uma mulher; e, fosse pelo inusitado da situação, fosse pela proximidade que já sentia para com a moça, o fato era que, ali, pela

primeira vez, sentira despertar em si certa curiosidade sobre como seria.

– E a sua amiga? A que lhe apresentou a Lord Dark? Ela veio hoje?

– Ela morreu em um acidente de carro, há dois anos e meio – respondeu Borboleta, enquanto conduzia aoura para baixo do chuveiro –. Foi um baque e tanto para o Lord. Depois disso, eu o vi sorrir poucas vezes; ao menos até ele conhecer você. Foi por isso que eu não me importei quando vocês dois começaram a namorar, sabe? Fez bem pra ele. A única coisa que eu pedi foi que ele me deixasse ficar por perto. Foi aí que ele teve a idéia de me apresentar pra trabalhar pra você.

* * *

O pequeno corredor parecia não ter fim. Como Borboleta decidira permanecer no banheiro, Take teria que retornar à sala sozinha.

A ausência de companhia teve seu efeito colateral. Pela primeira vez, Miss Take teve a oportunidade de se perguntar o que diabos estava fazendo ali. Só então lhe veio à mente o último anúncio de Lord Dark: ela serviria a todos os dominadores presentes.

A perspectiva não lhe pareceu nada agradável. Só tivera, antes, uma experiência sadomasoquista; agora, graças a uma impulsividade que não lhe era nada peculiar, estaria, por uma noite, à mercê de um grupo de pessoas de quem a única conhecida era alguém a quem jamais imaginara prestar serviços sexuais.

O frio na barriga, que a deixara no momento em que ingressara no círculo da verdade, estava de volta. Teve vontade de desistir, de voltar atrás. Mas esse não era seu estilo. Voluntariamente se colocara naquela situação. A levaria até o fim.

Quando entrou na sala, sua surpresa foi maior do que poderia supor. Todos estavam vestidos, conversando amigavelmente, como se a cerimônia de encoleiramento não passasse de uma recepção informal na residência de um amigo. A cena já havia sido desfeita e as velas, guardadas. Com efeito, quem ali chegasse não suporia tratar-se de uma sessão BDSM. Nem mesmo as submissas estavam na posição que delas se esperaria: circulavam pelo ambiente conversando animadamente, vestidas e sem qualquer vestígio de postura ritual.

Sentiu-se ridícula. Mais ainda quando, atrás dela, veio Borboleta, trajando um vestido discreto. Era a única pessoa nua no ambiente.

Teve ímpetos de voltar, mas Borboleta a conduziu pelo braço até o centro do grupo. Formaram uma roda ao redor dela.

O silêncio era absoluto. Só fazia aumentar seu constrangimento. Fez menção de se ajoelhar diante de seu dono, mas foi detida por ele. Lord Dark levou a mão ao seu queixo e olhou em seus olhos marejados.

– Você está linda... mas não acha que seria melhor vestir alguma coisa?

A gargalhada foi geral. Take ficou sem saber como reagir; o conflito entre a raiva e a vontade de rir se encerrou com a vitória deste último. Percebendo o papelão que tivera que fazer, lançou mão de uma de suas habilidades menos conhecidas pelos amigos: a capacidade de rir de si mesma.

Foi premiada com um beijo na boca. Quando fazia menção de sair, a voz de Macedo a deteve.

– Ah, não! Passei anos imaginando o que haveria por baixo daquelas saias. E, agora que posso ver, vocês vão acabar com a festa tão depressa?

Miss Take olhou para seu amo em busca de orientação. Ele fez um sinal discreto para que ela se aproximasse do chefe. Ela o fez.

Macedo – ou melhor, Prometeus – evitou ser muito ousado a princípio. Limitou-se a olhar mais atentamente. Se conheciam e ele bem sabia que haveria um dia seguinte. Mas Take não estava disposta a pensar no dia seguinte. Se estava ali, levaria tudo até o fim. Olhou novamente para seu dono, pedindo, com os olhos, aprovação. Obteve. Olhou para Prometeus, tentando deixar transparecer alguma dose de subserviência. Estendeu-lhe a mão e perguntou:

– Me permite, senhor?

O homem deixou-se conduzir. Sua mão foi tomada gentilmente e levada à nádega desnuda. Podia-se perceber sua respiração alterada, enquanto apalpava a musculatura macia. Em seguida, Miss Take, sempre com muita gentileza, conduziu a outra mão do dominador à sua vagina, cuja umidade era abundante e o

calor, convidativo. Prometeus respondeu com uma carícia gentil, após o que a mulher nua se afastou e, com a anuência dos presentes, retirou-se, acompanhada de Borboleta.

* * *

– O dono comprou pra você – disse Borboleta, apresentando um elegante vestido longo –. Eu ajudei, trazendo uma roupa sua para tirar as medidas.

Miss Take ficou agradecida pela ajuda, ainda que ela implicasse em alguma dose de bisbilhotagem da parte da irmã de coleira. Era um vestido azul bem escuro, feito em crepe bem justo ao corpo na parte superior e que acompanhava as curvas até pouco abaixo da cintura para, então, folgar-se levemente. Uma fenda, que ia da bainha inferior até pouco acima do joelho, aumentava a sensualidade despertada pelo decote ousado e pelas costas desnudas.

Um par de sapatos de salto alto completava a indumentária. Como adereços, um pingente, brincos, pulseira e anel, tudo formando um conjunto harmonioso, emprestavam àquela que, instantes antes, estivera nua no centro de um grupo de pervertidos, uma aura de requinte e dignidade acima do que ela mesma estava habituada. Pôde, então, voltar à sala para prosseguir com a noite, fossem quais fossem as surpresas que esta ainda lhe reservava.

Na verdade, sua expectativa não encontrou retorno. Nenhuma surpresa relevante havia à sua espera. O restante da noite foi passado em conversas agradáveis, algumas das quais sobre trivialidades; outras, a respeito das diversas práticas BDSM com as

quais Miss Take teria contato dali por diante. Apresentada àqueles que não conhecia, Take tratou de ser o mais agradável possível.

Terminada a pequena recepção, foi instada a permanecer no apartamento, em companhia de Lord Dark e de Borboleta. Havia assuntos – alguns triviais; outros, não – que deveriam ser resolvidos ainda naquela noite.

* * *

O cansaço já começava a se apoderar de Miss Take. As últimas vinte e quatro horas foram tensas e intensas; o corpo já dava mostras de precisar do merecido repouso. Atento a isso, Lord Dark foi rápido em suas instruções.

Borboleta continuaria convivendo com Miss Take, mas agora sem precisar ocultar sua identidade ou o fato de residir no bloco ao lado, em um apartamento tão confortável quanto o seu. Isso significava que uma nova empregada seria necessária para Take. A moça, além de sua irmã de coleira, seria também sua cobaia no aprendizado das técnicas de dominação e sadismo. Os detalhes seriam acertados depois.

4 Tudo em família

Marli Cerqueira já estava se acostumando ao fato de que, dentro do universo BDSM, quase tudo é possível. Dentro do grande emaranhado de idéias e práticas que se reúne sob uma mesma sigla, há práticas que podem ser adotadas pelos adeptos das mais variadas correntes de pensamento.

Não se espantou quando encontrou, em suas pesquisas na Internet, dezenas de definições diferentes, ideologias vez por outra conflitantes e – como Marcos advertira – muita gente tentando impor seu modo de pensar e suas práticas particulares como se fossem o *verdadeiro BDSM*. Infantilismo (pessoas que gostam de se fingir de bebês ou crianças pequenas), *cross dressing* (pessoas que têm prazer em se trajar como o sexo oposto, ainda que não tenham qualquer tendência homossexual), zoofilia, *blood sports* (práticas que envolvem ferir o outro de modo a sair sangue), imobilizações, humilhação, *dog play* (pessoas que se portam como se fossem cachorros, comendo em tijelinhos no chão e passando horas a andar de quatro, portando coleiras e guias), *poney play* (pessoas que se portam como pôneis, inclusive puxando carroças) e muito, muito mais. Era tanta coisa que ficava difícil para Marli cogitar alguma

prática que não estivesse coberta pelo imenso guarda-chuva formado pelas quatro letras.

Porém, todas as coisas que pesquisou – e algumas que presenciou nos últimos dias – não foram suficientes para preparar seu espírito para o que estava prestes a testemunhar.

Encontrava-se em uma lanchonete de beira de estrada, a meio caminho entre Brasília e Goiânia. O encontro fora marcado ali para evitar constrangimentos para Adamastor Alencar, sujeito bastante conhecido nos meios sadomasoquistas das duas cidades. Afinal, sua esposa fora assassinada há pouco mais de um ano e, desde então, ele não mais aparecera nos grupos de BDSM, sumiço esse que foi encarado com naturalidade pelos demais participantes.

Marli estava sentada em uma mesa, em um canto mais escondido da lanchonete. Como o local era parada quase obrigatória para quem trafegasse entre a capital da República e a capital do estado de Goiás, mesmo ali era necessário tomar alguns cuidados quanto à discrição. Um copo de caldo de cana gelado e uma travessa com pastéis lhe faziam companhia, enquanto aguardava aquele que – assim esperava – poderia lhe fornecer as mais concretas pistas sobre o homem que andava assassinando dominadoras em vários estados da Federação.

Quando Adamastor apareceu na porta e apanhou uma comanda das mãos da atendente, Marli prendeu a respiração por uns instantes. A mulher que o acompanhava era idêntica àquela retratada como sendo a Rainha Selvagem. Trajava uma roupa simples, exceto

pela blusa que, embora de mangas curtas, tinha uma gola alta que cobria todo o seu pescoço. Esse detalhe não passou despercebido pela investigadora.

Os dois sentaram-se à sua frente, na mesa. Marli se apresentou, como sendo investigadora particular.

– Eu soube que você é também dominadora, não é? – complementou Adamastor – Miss Take, não é isso?

– Parece que não há mesmo segredos, neste meio – respondeu Marli, com um sorriso.

– Não se trata disso – retrucou Adamastor –. Lord Dark me deu informações bastante precisas a seu respeito. Disse que eu devo contar tudo o que eu sei, porque você pode nos ajudar a pegar aquele desgraçado.

“Bom modo de se referir ao assassino de sua esposa” – pensou Marli.

– Esta é Marta Coelho, irmã da Márcia – prosseguiu Adamastor.

– Muito prazer – disse Marli, estendendo a mão à outra –. Imagino que tenha sido difícil para você suportar a perda de sua irmã.

– Mais do que isso – respondeu Marta –. Não consigo me conformar com isso tudo. Espero poder colocar as mãos naquele canalha, um dia. Ele vai pagar caro pelo que me fez.

Marli fez ar de desentendida e Adamastor se apressou a explicar:

– A Márcia morreu por engano. O encontro havia sido combinado entre o crápula e a Marta. As duas trocaram de lugar na última hora. Brincadeira de gêmeas, sabe como é.

Marli não sabia. Podia imaginar, claro, que duas gêmeas idênticas, vez por outra, trocassem de lugar, só de farra. Mas não lhe passava pela cabeça como o viúvo poderia encarar isso com tanta naturalidade.

– Deixa eu ver se entendi: a Marta marcou um encontro às cegas; Márcia foi em seu lugar e foi assassinada. É isso?

– Isso mesmo – respondeu Marta –. Mas não foi, exatamente, um encontro às cegas. Já havia visto o safado uma ou duas vezes; me encontrado com ele em bares. Nesses dias de hoje, a gente não pode se dar ao luxo de partir sozinha pra um encontro às cegas.

– Sei – disse Marli, encorajando a outra a prosseguir –. E você tem alguma pista de onde ele pode estar agora?

– Vá se saber. O telefone que me deu era pré-pago. O endereço era falso. Até porque, quem é que vai ficar checando endereço numa situação dessas? Pesquisei o cara; ele parecia gente boa; parecia estar interessado em alguma coisa legal. E eu já estava meio de saco cheio de dominar o marido da minha irmã, sabe como é?

Agora, sim, Marli Cerqueira ficou petrificada.

– Como disse? Dominar o marido de sua irmã? Então, Adamastor é seu escravo e não dela?

O homem sorriu um sorriso pálido.

– Das duas. Na verdade, das três.

– Três?

– É. Trigêmeas. Só sobraram duas, agora. Minha Márcia se foi...

As lágrimas nos olhos do rapaz pareceram bem sinceras. Àquela altura, Marli já não parecia se impressionar com mais nada.

– Trigêmeas – encorajou ela a prosseguir –. E onde está a terceira irmã?

– Maria? – Foi Marta quem respondeu – Ela preferiu não vir hoje. Não estava se sentindo bem.

– Sei... – a investigadora ouvia atentamente, o que não significa que sua cabeça já havia parado de girar, com tanta surpresa – E você continua servindo às outras duas, Adamastor?

– Bom, sabe como é... a vida é curta. Duvido que Márcia fosse querer que nós parássemos de viver, depois que ela se fosse.

– Entendo – respondeu Marli, enquanto estendia a travessa com pastéis na direção de Marta que, esticando o braço, apanhou um –. Você pode me dar detalhes de como foi, naquela noite? Sei que pode ser doloroso, mas, quanto mais detalhes eu souber, mais fácil fica para desvendar o crime.

– Eu não sei dizer muita coisa – disse Adamastor –. Estava viajando naquele dia.

Marta se apressou em apresentar os detalhes de que lembrava.

– Nós tínhamos combinado de nos encontrarmos no shopping às sete da noite. De lá, iríamos para o motel. A gente ia fazer isso em Brasília. Para evitar encontrar com algum vizinho ou conhecido por aqui. Três irmãs idênticas, você sabe como é. Até explicar que focinho de porco não é tomada... Mas eu caí na besteira de comentar com a Márcia. Sei lá. A gente comentava tudo uma com a outra. E foi aí que surgiu a idéia de ela ir no meu lugar. Ia ser divertido. Eu ia chegar no motel logo depois e dar um susto no cara. Um susto no bom sentido, quer dizer. A Maria já estava sabendo. Já pensou? O cara combina com uma e aparecem três, iguaizinhas, pra mandar nele... Achamos que ia ser engraçado ver a cara do sujeito.

– E qual era o apelido que ele usava?

– Édipo. Não sei se isso faz muita diferença. É bem capaz de ele usar um nome diferente pra cada encontro. Afinal, se usar o mesmo nome, pode ser que alguém dê o alarme na comunidade e, aí, já viu...

– Entendo.

Marli estava atenta a tudo o que lhe era dito. Ao mesmo tempo, tentava conectar as informações; colocá-las em uma sequência, emoldurando um quadro que fizesse sentido. Mas alguma coisa não estava batendo. Um pequeno detalhe, bem sabia. Algo que, provavelmente, passaria despercebido para qualquer outro.

– Quando a gente chegou a Brasília, a Márcia foi encontrar o cara; eu e Maria ficamos esperando, escondidas, pelo momento certo. Seria dado um sinal: Márcia ia dar um toque no meu celular,

quando o cara estivesse imobilizado no quarto. Era a deixa para a gente aparecer. Acontece que passou uma hora, passaram duas... e nada de a Márcia ligar. Foi aí que eu tive a idéia de ir até lá, saber se estava tudo bem. E, quando cheguei no quarto, encontrei a minha irmã estrangulada em cima da cama.

Luzes de alerta se acenderam na mente de Marli. Agora, não era mais uma vaga impressão de que algo não batia. Era a certeza de que os detalhes estavam errados. O corpo, segundo o relatório policial, fora encontrado somente oito horas após o óbito – o que, por si só, já era estranho, já que não havia, no laudo do legista, qualquer referência a *rigor mortis*, como seria de se esperar.

Marli Cerqueira estendeu, novamente, à testemunha, a bandeja de pastéis. E foi então que suas suspeitas ganharam maior vulto.

– Quantas irmãs vocês são, no total, Márcia?

– Somos três – respondeu a interlocutora, sem se dar conta de que havia sido chamada pelo nome da suposta falecida –. Quer dizer: éramos três até que a...

– Pode parar – interrompeu Marli, olhando friamente para a mulher do outro lado da mesa –. Aliás, é melhor parar, mesmo. Simular a própria morte é crime muito grave. Espero que não esteja escondendo outro crime ainda pior...

– Do que você está falando? – a mulher assumiu imediatamente posição defensiva, enquanto o marido dava sinais

visíveis de que estava à beira de um ataque de pânico – Olha, moça, a gente veio aqui na maior boa vontade...

– Chega, Márcia! – Marli foi mais enfática – Use seu fôlego para me explicar por que foi que fingiu estar morta. E aproveite para esclarecer como conseguiu que um policial, um delegado e um legista se tornassem seus cúmplices. Suborno?

Márcia Alencar não deu mostras de que iria desabar. A não ser pelas lágrimas em seus olhos, quase imperceptíveis, todos os seus sinais corporais e faciais apontavam para a férrea disposição de sustentar a farsa indefinidamente.

– Qual das três morreu naquele quarto, Márcia? É melhor você ser sincera comigo; ou você, seu marido e seus amigos policiais terão muito o que explicar à justiça.

Márcia suspirou e baixou os olhos, mas não a fronte.

– Ninguém morreu. Ainda. Estamos vivas, as três. Nunca saímos juntas em público, evidentemente.

– E os vizinhos? Não desconfiam?

– Não têm como. Minha casa tem muros bem altos e a frente é totalmente fechada. Ninguém, de fora, pode ver ou ouvir o que acontece lá dentro.

Marli fez um breve silêncio, permitindo ao casal se recompor, antes de prosseguir:

– Por que essa farsa, então? Dinheiro? Algum golpe na companhia de seguros?

Márcia Alencar sorriu; mas foi um sorriso melancólico. Não respondeu com palavras. Limitou-se a baixar a gola da blusa e mostrar a cicatriz que circundava seu pescoço.

– Foi o único jeito de eu permanecer viva. Não sei de onde veio aquele homem; não sei por que foi que fez isso. Mas tive sorte em ele achar que eu havia morrido. Se soubesse que sobrevivi, é bem provável que viria atrás de mim. Eu vi o rosto do safado, entende? Falei com ele. Reconheceria aquele canalha até no quinto dos infernos. Já pensou se ele descobre que ainda estou viva? Então, a gente resolveu aproveitar que eu e minhas irmãs somos tão parecidas; conversamos com o delegado e ele ajudou a gente a montar tudo. Achei que ia ficar tudo bem; que era só azar meu. Mas, depois, soube que outras dominadoras foram mortas do mesmo jeito. Aí, nós ficamos apavorados. Quando o Lord Dark falou que você estava investigando, achei melhor vir e conversar. Pensei que você engoliria a estória.

– Quer dizer que essa conversa de seu marido servir às três...

– Isso é verdade – atalhou Adamastor, sorrindo pela primeira vez –. Aliás, acho que foi isso que salvou a vida da Márcia.

– Pois é – completou a moça –. Quando a Marta bateu na porta do quarto, o sujeito se desesperou e saiu pela porta de serviço. Mais um pouco e tudo o que eu lhe contei seria verdade, literalmente. Mas me diga uma coisa: como foi que você percebeu?

Foi a vez de Marli sorrir.

– Irmãs gêmeas possuem muitas características em comum; mas poucas são as que realmente são idênticas. A vida se encarrega de imprimir em uma e em outra pequenas diferenças, como essa cicatriz no seu pulso. Uma das fotos da perícia mostra essa cicatriz. Duvido que suas irmãs tenham, cada uma, uma igual.

– Curioso você reparar em um detalhe tão pequeno – respondeu Márcia Alencar, referindo-se ao fato de que a cicatriz mencionada não media mais do que quatro milímetros –. Não, minhas irmãs não têm essa marca. Isso ficou no meu pulso quando retirei o implante. Um minúsculo dispositivo GPS, na verdade. Permitia que eu fosse localizada em qualquer lugar do planeta. Um dispositivo de segurança.

– E onde você estava com a cabeça quando deixaram implantar essa coisa em você?

Marli já tinha ouvido falar naquele tipo de dispositivo. Chegou a ser comercializado na Europa; mas, até onde sabia, tinha trazido mais problemas do que proteção e, por isso, estava caindo em desuso.

– Normas da empresa. Eu tinha que usar. Mas não demorou muito e ele foi retirado. Parece que alguém invadiu o servidor e estava usando os dados para monitorar aqueles que deviam ser protegidos.

– E que tipo de empresa é essa, que exige normas de segurança tão rigorosas para seus empregados?

A pergunta era motivada mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa. Marli sabia bem que determinadas empresas que lidam com informações altamente sigilosas exigem que seus funcionários evitem arriscar a própria vida desnecessariamente. Um empregado desses pode ser facilmente alvo de sequestro ou chantagem, por causa do valor das informações a que tem acesso.

– Não vem ao caso. De qualquer modo, deixei o emprego – foi a resposta de Márcia.

– Então, por que está me contando isso? Tem a haver com o fato de você ter tido o cuidado de forjar um laudo pericial de sua morte, em vez de simplesmente veicular a notícia nos jornais?

Márcia respondeu, quase num sussurro:

– De certa forma, sim. Aquele homem sabia algumas coisas a meu respeito... Algumas coisas que ninguém sabe. O que ele falou, enquanto me estrangulava... Ele me disse uma coisa que não me saiu mais da cabeça. E foi aí que eu percebi que não era um assassino qualquer. Ele estava usando aquilo tudo, aquela cena, como disfarce.

– Quer dizer que você acredita que não foi escolhida por acaso?

– Marli, pelo amor de Deus! Eu lidei com informações e análise de dados boa parte da minha vida adulta. Aquele homem queria chegar até mim e sabia muito bem como fazê-lo. O que ele disse...

– Mas o que foi, afinal, que ele falou, Márcia?

A mulher olhou para o esposo ao seu lado. Ele acenou, sutilmente, com a cabeça, incentivando-a a prosseguir.

– Bom... Ele me disse que aquilo era para eu aprender a não me meter onde não era chamada. Disse que eu precisava aprender uma lição; que eu precisava aprender a não mexer com quem está quieto.

Marli ponderou se deveria insistir em se aprofundar no assunto. A moça parecia evidentemente desconcertada. Mas talvez não houvesse outra oportunidade tão propícia para colher o depoimento.

– E o que você acha que significa isso?

– Não sei. Sinceramente, não sei. Pode ser que tenha a haver com o meu trabalho. Mas, nos últimos tempos, eu estava fazendo apenas trabalho burocrático. Não consigo ver em que isso poderia ameaçar alguém.

Habituada a interrogar, Marli Cerqueira percebeu claramente duas coisas: a primeira, que a interlocutora mentia quanto à natureza do trabalho realizado; a segunda, que não estava disposta a dar informações adicionais. Ao menos, não naquele momento.

Despediu-se dos dois, pagou a conta e retornou para Brasília.

5 Irmãs de coleira

Marli acordou com o toque de mãos suaves e delicadas em seus cabelos. Não estava habituada àquilo. Antes de abrir os olhos, permaneceu quieta, apreciando a sensação. Só depois de um tempo é que, após um suspiro, decidiu conferir quem a despertara. Era Denise.

– Seu café já está pronto.

– Obrigada, Denise. Já vou.

A moça possuía cópia da chave do apartamento; afinal, fora empregada ali por meses. E, quando despertou Marli, já lhe havia preparado o banho e posto a mesa para sua primeira refeição do dia.

A investigadora saiu da cama com certa dificuldade. O corpo pedia mais descanso, embora a mente já estivesse ativa. Olhou para o relógio. Eram onze e meia da manhã. Passara da hora de levantar.

A água morna sobre o corpo ajudou a terminar o despertar. Aos poucos, os acontecimentos das últimas horas foram repassados e analisados, enquanto a higiene matutina era concluída. Havia muito a ser feito. Precisava comprar roupas novas e alugar um automóvel, enquanto o seu era levado à oficina para uma revisão. Precisava marcar uma entrevista com Adamastor. Precisava voltar a sentar para

estudar o caso. Tudo isso sem falar no fato de que precisaria procurar uma empregada nova para dar conta do apartamento e separar um tempo para aprender BDSM.

– Eu trouxe uma moça para fazer uma faxina no apartamento. Espero que não se importe – disse Denise, enquanto Marli sentava e iniciava o desjejum.

– De jeito nenhum. Eu ia precisar de procurar alguém, mesmo.

Marli sorriu. Mesmo não sendo mais sua empregada, Denise continuava demonstrando a eficiência de sempre; se adiantando às situações e resolvendo os problemas antes que eles se manifestassem. Pelo visto, era sua dedicação a Lord Dark o verdadeiro motor de sua conduta.

– O nome dela é Berenice. É prima da minha empregada, a Claudete. Ela está procurando trabalho porque a antiga patroa dela se mudou para a França.

– Vamos fazer uma experiência, não é? De repente dá certo. É até bom que seja gente conhecida.

– Com certeza. Olha, eu não tenho aula esses dias. A UnB está em greve. Se puder ajudar em alguma coisa...

Marli refletiu um pouco. Sim, Denise poderia ser muito útil. Mais útil do que imaginava.

– Denise, o que você acha de continuar trabalhando comigo? Não limpando a casa; me ajudando com as outras coisas?

– Quer dizer...

– Bom, eu tenho muito o que aprender com você, não é mesmo? E vou precisar de ajuda, agora que trabalho por conta própria. O que me diz? Não posso pagar muito, mas...

– Dinheiro não é problema, Marli – atalhou a outra, com entusiasmo incontido na voz –. Eu tenho minhas fontes de renda. Puxa, seria muito legal trabalhar com você. Quer dizer... continuar trabalhando. É um jeito, sabe, de eu me sentir mais perto do...

Hesitou em prosseguir. Sabia que pisava em terreno minado. Uma palavra em falso poderia colocá-la em apuros. Mas Marli tratou de acalmá-la.

– Do Marcos, não é? Você é apaixonada por ele.

Um breve silêncio. Denise baixou os olhos.

– É. Mas eu acho que ele nunca vai me enxergar do jeito que eu gostaria. Sei lá. Ele procura outro tipo de mulher. Como você, por exemplo: ativa, independente, realizada...

– Marcos só está me usando, Denise. Eu achei que tinha encontrado alguém que me amasse, mas, no fundo, ele só está me usando.

– Os homens sempre usam as mulheres, não é?

– Sei lá. Ao menos a maioria, sim. Mas, e daí? Eu não estou à cata de casamento, mesmo. Está bom do jeito que está.

Marli deu de ombros. Denise olhou para ela, um tanto desconfiada. Era estranho ouvir aquilo. Na noite anterior, a investigadora não parecera nem um pouco indiferente aos atos do namorado. Também não era essa a impressão que ela transmitia

quando falava dele. De Marcos, por sua vez, era tão perceptível a mudança desde que conhecera a policial que pouca esperança havia de que os dois pudessem vir, um dia, a se separar.

– Bom, então é melhor começarmos logo o dia – Marli decidiu mudar de assunto –. Há muita coisa a fazer hoje.

* * *

Foram tantas coisas a resolver que, quando as duas retornaram ao apartamento, já havia anoitecido. Berenice, seguindo as instruções de Denise, terminara a arrumação, trancara tudo e deixara a chave com o porteiro. Marli pediu a ajuda da nova amiga para guardar todas as compras.

– Mas é claro – disse Denise –. Só me deixe ir em casa, tomar um banho.

– Não precisa... quer dizer... faz isso aqui.

Haviam acabado de entrar no apartamento e as sacolas já estavam sobre o sofá. Denise sorriu, divertindo-se com a insegurança da irmã de coleira. Deu um passo em sua direção.

– Dominadora não vacila. Faz valer a sua vontade. Se você quer aprender, é melhor começar logo.

Marli avançou um passo e a encarou, mantendo o olhar tranquilo e firme.

– Fique.

– Me convença – disse a outra, desafiando-a com o olhar, levantando levemente o queixo e mordendo os lábios.

Marli levou a mão à nuca de Denise, agarrou-a pelos cabelos, sem brutalidade, mas com firmeza, e trouxe-lhe os lábios para junto dos seus. Pela primeira vez na vida, beijou uma mulher na boca. Foi retribuída com uma respiração ofegante e com mãos delicadas enlaçando-a pela cintura. Um beijo suave e demorado. E, quando, afinal, se apartaram, Denise tomou fôlego.

– Isso foi bem convincente – disse, sorrindo.

A tensão se amenizou, mas não muito. Marli sabia que dera início a um jogo que não conhecia, mas que desejava ardentemente experimentar. Não era exatamente uma cena de dominação que tinha em mente. Denise não estava alheia ao fato.

– Você nunca teve intimidades com uma mulher, não é? – perguntou ela, enquanto ensaboava as costas da amiga.

– Na verdade, não – respondeu Marli –. Nunca tive curiosidade... até segunda-feira.

– Bom, a gente pode dar um jeito nisso.

– Mas eu não estava pensando exatamente em SM... – sugeriu, enquanto se virava de frente para ser ensaboada.

– Melhor ainda – foi a resposta de Denise, cujas mãos nos mamilos de Marli se demoraram bem mais do que o necessário –. A ordem que eu tenho é de ajudar a treinar você. Mas, antes de aprender a usar técnicas e instrumentos, acho que é melhor você aprender uns truquezinhos que não estão nos manuais...

* * *

Marli Cerqueira relaxou simultaneamente todos os músculos do corpo. Estava suada e exausta. A sensação dos lábios femininos entre suas pernas fora mais intensa do que poderia esperar. Foi difícil, quando tudo terminou, retomar o ritmo normal da respiração. Com o canto do olho, podia ver, ao seu lado, a menina-mulher que a apresentara a esse novo universo de sensações se masturbando, de olhos fechados, até atingir o próprio orgasmo.

Ficaram as duas ali, sobre a cama, rendidas, por alguns instantes, olhando para o nada, antes de Denise dizer, com a voz ainda rouca:

– Você foi muito bem em sua primeira aula de dominação. Parabéns.

– Mas eu não fiz nada! – surpreendeu-se Marli, virando o corpo de lado para ficar de frente para a amiga nua.

– Fez, sim. Você me convenceu a ficar e a fazer o que você queria. E fez isso sem precisar gritar ou agredir. Dominou; controlou a situação; atingiu seu objetivo.

Marli não estava convencida. Denise prosseguiu, agora também virada de frente para ela:

– Apanhar o chicote e deixar marcas no rabo de alguém não é muito difícil. Aprender a usar velas, gelo, cordas, algemas e outros brinquedos pode exigir um bocado de técnica, mas não passa disso. Qualquer um, com um pouco de dedicação pode conseguir. Mas a habilidade de se impor, de realmente dominar, essa é para poucos. Tem muita gente que acha que sair esbravejando palavras de ordem,

ostentando soberba e destilando arrogância é dominar. Nada a haver. Dominar é, antes de mostrar quem manda, mandar, de verdade; estar no controle da situação; fazer com que os outros atendam aos seus desejos. E ter prazer nisso.

– Você entende muito de dominação...

Denise deixou escapar um sorriso brejeiro.

– Ninguém entende mais de dominação do que uma submissa bem treinada.

6 Borboleta

À medida em que convivia mais intimamente com o namorado, Marli melhor compreendia a hesitação dele no dia da primeira conversa sobre BDSM. Marcos era homem mais reservado do que se podia pensar à primeira vista. Empresário bem-sucedido, evitava falar de seus negócios tanto com ela quanto com Denise. Não que tivesse algo a esconder. O negócio de fabricação de casas pré-moldadas não é exatamente uma atividade que exija grande confidencialidade. É que a reserva fazia mesmo parte de sua personalidade. Era preciso algum tempo de contato para que ele abrisse, mesmo que discretamente, algumas de suas peculiaridades, como o fato de detestar comer frango frito.

Aquela chácara era outro de seus pequenos segredos. Pouquíssimas pessoas – além dos empregados que cuidavam do lugar – sabiam de sua existência. Marcos preferia assim. Aquele era seu reduto: o recanto onde se refugiava das pressões do dia-a-dia. Denise o conhecia. Outros praticantes – especialmente os que faziam parte de seu círculo mais íntimo de amizades – iam lá esporadicamente, mas sempre eram informados de que o lugar era de um conhecido que o alugara por um fim-de-semana. As únicas pessoas que

permaneciam na casa nessas ocasiões eram o caseiro, sua esposa e, esporadicamente, a filha mais velha.

A chácara era totalmente cercada por muros altos. A casa ficava bem no centro do terreno e árvores estrategicamente posicionadas deixavam um grande espaço ao seu redor livre de olhares curiosos de quem, porventura, pudesse bisbilhotar, mesmo que à distância. A residência do caseiro era afastada o suficiente para que ele mesmo e sua esposa pudessem gozar de alguma privacidade, cautela que, com o passar do tempo, se mostrou absolutamente ineficiente. Isso porque, numa das vezes em que Marcos lá estava com sua escrava, a filha mais velha do casal acidentalmente flagrou uma cena ao ar livre. Curiosa, foi perguntar à submissa do que se tratava. A resposta a fez se aproximar de Marcos, o que era um problema, devido ao fato de ela ser menor de idade. Sistemático do jeito que era, o rapaz se recusou a fazer qualquer coisa com ela antes de seus dezoito anos. Mas nunca a impediu de bisbilhotar escondida pelas frestas das janelas ou, à distância, com o binóculo que ele mesmo lhe dera de presente.

Os pais da moça olhavam aquilo tudo contrariados. Conheciam o patrão há muito e lhe eram imensamente gratos; afinal, fora ele quem os acolhera quando não mais tinham para onde ir e tratava seus filhos como se dele mesmo fossem: custeava seus estudos e não lhes deixava faltar nada. Mas daí a aliciar sua filha mais velha, a distância era grande. Não se importavam que ele fizesse o que quisesse: a chácara era dele. Mas não queriam suas crianças

envolvidas com aquilo. Só que nada havia que pudessem fazer; afinal, ele mesmo não estava tomando qualquer atitude: sempre deixara claro seu respeito por todos da família. Acontece que as coisas haviam tomado um rumo indesejado: a moça não mais aceitava a ordem do pai de sair da chácara nos fins-de-semana. Em vez disso, preferia passar o dia trancada no quarto, ouvindo música alta, ajudar nos afazeres de casa ou, de quando em vez, dar uma volta pela propriedade com o compromisso de não se aproximar da casa principal, a não ser que fosse chamada.

Com o passar dos meses, *seu* Severino foi relaxando a guarda. A filha estava quase completando dezoito anos e seu fogo, aparentemente, parecia estar mais manso. Por isso mesmo, ele não se importava quando, depois de procurá-la insistentemente, a encontrava sentada na varanda da casa principal conversando com a mulher que o patrão quase sempre trazia para ali. Que mal poderia haver? – pensava – Afinal, as duas estavam apenas conversando.

É bem provável que nem *seu* Severino nem a sua esposa, *dona* Diúza, nunca tenham encontrado o binóculo. Do mesmo modo, nunca flagraram a filha nas madrugadas em que, sozinha, no quarto, depois de se despir, apanhava dois pedaços de corda e, com eles atava os próprios pés e mãos para assim dormir.

Seu Severino estava longe de poder ser considerado um sujeito simplório. Sabia que o mundo não era mais como no seu tempo e, a despeito de ter opiniões muito bem formadas a respeito de várias coisas, sabia que suas idéias nem sempre eram aplicáveis. Por

isso, sua máxima era: *quando em Roma, faça como os romanos*. No dia em que a filha mais velha chegou com trabalho de casa a respeito de reprodução humana, ele foi o primeiro a levá-la à biblioteca e mostrar-lhe diversos livros sobre o assunto. A moça ficava mortificada no início, mas, sabendo como era *dona* Diúza, preferia ouvir certas coisas do pai a não ouvir de ninguém.

O maior temor de *seu* Severino não era de que a filha se envolvesse com drogas ou perdesse a virgindade. Nesses assuntos, ela havia sido muito bem instruída. Além disso, não houve uma vez sequer em que tivesse dado motivos ao pai para desconfiar de sua conduta: era sempre organizada, tirava as melhores notas e, mesmo quando se ausentava de casa, sempre ia aonde dizia ter ido. Com efeito, o homem estava preparado para, qualquer dia, em uma das conversas, ouvir da filha que ela não era mais virgem. Curiosamente, isso não aconteceu. Mas, aos dezesseis anos, ela o procurou para ter uma conversa que o incomodou bastante: ela queria passar, dali em diante, os fins-de-semana em casa. Não era difícil para ele deduzir o que aquilo significava. Mas não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Quando a moça completou dezoito anos, veio o golpe final: ela confessou que era perdidamente apaixonada pelo patrão e que não via a hora de se declarar a ele.

– Mas o *seu* Marcos não vai querer nada com você, minha filha. Você sabe muito bem do que é que ele gosta. Duvido que ele queira alguma coisa mais séria com a filha do caseiro.

– Não estou pensando em coisa mais séria, pai – foi a resposta.

Seu Severino suspirou.

– Filha, você não está pensando em virar uma daquelas mulheres que... você sabe... ele bate nelas, amarra, faz coisas estranhas...

– Bom, se elas voltam na semana seguinte é porque gostam, né, papai?

Um suspiro de desalento foi a resposta. Mas o homem não desistiu.

– Você não vai aguentar isso, filha. Nunca levou um tapa sequer na sua vida. Não faz idéia do que é apanhar.

– Bom... não é bem assim... o senhor sabe... o senhor nunca me bateu. Nem a mamãe... mas...

– De quem você andou apanhando, moça? Diz que eu quebro a cara do infeliz!

A menina corou.

– De mim mesma.

– Como é que é?

– Eu queria saber como era a sensação. Peguei um cinto e...

– Chega! Por favor, me poupe dos detalhes.

– Pois é, pai. A gente sempre conversa sobre tudo... eu não queria fazer isso sem falar com o senhor primeiro.

Severino preferia que ela tivesse feito. Sua tática de manter aberto o diálogo funcionara perfeitamente; bem até demais. Agora ele

entendia por que muitos pais preferiam se esquivar de algumas tarefas: chegava um momento, um ponto, em que um peso maior lhes recaía sobre as próprias costas. Tentou uma evasiva.

– Não é verdade que você conversa comigo sobre tudo, filha.

– É verdade, sim.

– Ah, é? E quando você perdeu a virgindade? Veio conversar comigo? Me contar? Me pedir conselhos?

O estratagema não funcionou. Em silêncio, a moça simplesmente baixou a cabeça e ficou com o rosto vermelho.

– E então? – insistiu ele.

– Eu não...

Novamente, o silêncio.

– Não o quê? Não teve coragem? Ou não achou que era preciso?

– Eu não perdi a virgindade, papai – disse ela, com os olhos marejados.

– Oh...

– O senhor me ensinou muito bem. Mas eu achei que isso devia acontecer na hora certa, com a pessoa certa, do jeito certo... daí que...

Severino arqueou as sobrancelhas.

– Daí que você concluiu que a pessoa certa é o *seu* Marcos, o jeito certo é levando umas palmadas e a hora certa...

Ela se limitou a olhar para o pai com súplica no rosto.

– Pai, está difícil falar sobre isso.

Seu Severino abraçou a filha e a trouxe para junto de seu peito.

– Não precisa mais falar, meu bem. Siga seu coração. Foi pra isso que eu e sua mãe criamos você. Mas vá com calma, está bem? Pra não se machucar demais.

Ela olhou para ele e, sorrindo, agradecida, lhe beijou a face. Mas, enquanto se afastava, foi chamada.

– Filha!

Ela se voltou e o pai prosseguiu:

– Se eu soubesse que você gostava de apanhar, teria providenciado isso há mais tempo...

* * *

Lord Dark reduziu a velocidade ao se aproximar do portão. Borboleta apanhou o celular e ligou para um dos números que estavam armazenados na discagem rápida.

– Pai? Tudo bem?

Uma pequena pausa indicava que a pessoa do outro lado respondia.

– O senhor pode abrir para a gente? É que eu esqueci o controle remoto.

E desligou o aparelho.

Miss Take olhou para a irmã de coleira, incrédula.

– Você é filha do caseiro?

Borboleta sorriu.

– Sou, sim. Algum problema?

– Nenhum... mas... seu pai sabe...

– Sabe – interveio Lord Dark –. Na verdade, foi ele quem conversou comigo. Uma conversa muito interessante, por sinal. Nunca imaginei que um homem pudesse assumir uma atitude dessas em se tratando da própria filha. Se já admirava o Severino, aí mesmo é que virei fã dele.

Take não respondeu. Mesmo no universo estranho no qual havia ingressado, aquela era uma situação, no mínimo, inusitada.

Atravessaram o portão. A pequena alameda que conduzia à casa principal era forrada de pedras e circundada por pequenos arbustos. Era evidente que se tratava de uma propriedade exclusivamente destinada ao lazer. O zelo e o primor com que cada detalhe fora projetado e era mantido revelava o cuidado extremo do proprietário e de seus empregados para com o lugar.

O trio deixou o veículo na garagem e entrou na casa. Miss Take tratou de estudar o ambiente com o olhar. Nada ali denunciava tratar-se de um local destinado à prática do sadomasoquismo. Ao menos, não à primeira vista. Um observador mais atento perceberia que a maior parte dos móveis guardava nichos cujo conteúdo não se destinava à apreciação de curiosos. Veria também que uma das paredes não possuía portas ou janelas e nenhum móvel lhe estava próximo. Ou seja: exceto por alguns quadros que a adornavam, era aparentemente inútil do ponto de vista decorativo. Quem olhasse com mais minúcia perceberia que tratava-se, na verdade, de uma divisória

móvel, apoiada sobre roldanas e que se recolhia ao toque de um botão em um painel de controle, revelando outra parede, essa, sim, repleta de argolas e ganchos, além de diversos instrumentos BDSM pendurados ou acondicionados em nichos.

– Vocês já sabem o que fazer – disse Lord Dark, sem grandes cerimônias –. Vou ao banheiro.

Borboleta sabia bem o que fazer. Miss Take não tinha a menor idéia. Restava-lhe imitar a irmã de coleira. Tirou a roupa e a organizou em um canto da sala. Ajudou a outra a preparar cordas e maravilhou-se quando, ao apertar de um botão, a parede falsa e parte do teto rebaixado se recolheram, revelando um dungeon bem equipado. Havia até uma cadeira especial que replicava as máquinas de tortura da Idade Média. Quem ali sentasse ficaria imobilizado por correias em posição bastante desconfortável e com as partes íntimas à disposição do torturador. O forro recolhido revelou uma trava de ferro fundido à qual se prendiam três ganchos com pequenos guindastes semelhantes aos utilizados em algumas oficinas mecânicas para erguer peças pesadas. O objetivo do aparato era evidente.

Lord Dark voltou à sala e encontrou as duas submissas já prontas: nuas, portando suas coleiras, de pé, uma ao lado da outra e olhando para o chão. Levando a mão por trás da cabeça de Miss Take, como se lhe fosse afagar a nuca, ele a puxou levemente pelos cabelos e a conduziu à cadeira de torturas. Ali, a moça foi presa pelas correias nos pulsos e tornozelos. Uma cinta envolvia sua cintura, de modo que

a possibilidade de movimentação era mínima. Apenas a cabeça estava realmente livre. Uma pequena bola de borracha foi posta em sua boca.

Com gesto semelhante, Lord Dark posicionou Borboleta bem abaixo de um dos guindastes. Utilizando-se de cordas, prendeu seu tronco em três pontos. Duas amarras foram fixadas em cada uma de suas pernas e, por fim, seus pulsos também foram atados. Depois, ela deitou-se no chão e o gancho de aço foi descido até uma altura adequada. Pontas de cordas foram presas a cada uma das amarrações e ao gancho. Quando a moça foi içada, lembrava uma marionete.

Voltando a Miss Take, Lord Dark falou:

– Já vi que você é boa em ficar sem fazer nada.

Take bem queria discordar, mas não podia. Até mesmo a saliva que lhe escorria pelos cantos da boca por conta da *ball gag* que a impedia de deglutir fora suportada, apesar de seu asco. Mãos e pés já davam sinais de que não aguentariam por muito tempo: começavam a formigar. Mas, a despeito de tudo, ali estava ela, firme e forte, em uma posição que, em parte, lembrava aquela utilizada para exames ginecológicos.

O dominador se afastou e voltou com um pequeno chicote e uma chibata semelhante àquelas utilizadas em equitação.

– Muito bem, vamos ver quanta dor você aguenta.

Começou com o chicote, bem de leve. As finas tiras de couro passavam pela pele dos braços, abdome e seios quase sem serem percebidas. Um pequeno aumento na intensidade só fez

provocar arrepios na submissa. Dark, então, se concentrou nos seios. Passou a bater com as pontas, mirando na aréola. Aos poucos, Miss Take começou a respirar mais fundo e a retesar os músculos a cada chicotada. Mas foi nas duas finais, uma em cada mamilo, que, afinal, gemeu. Essas foram dadas com mais força, o que fez com que a dor despontasse. Lord Dark passou, então, à chibata. Batia apenas com a ponta de couro flexível, primeiro sobre os ombros, depois no abdome. Deu umas chibatadas bem fortes nas plantas dos pés antes de partir para o interior das coxas. Concluiu a série com pancadas leves mas ritmadas na genitália. Àquela altura, Take já não sabia mais discernir onde terminava dor e a partir de que ponto começava o prazer. Teve um orgasmo simplesmente apanhando no clitóris. Seu olhar se alternava, ora nos pontos onde recebia o suplício, ora na mão do dono, ora na irmã de coleira que permanecia pendurada como marionete, limitada a ouvir os sons do que se passava.

A cena terminou com uma penetração vaginal. Em momento algum Miss Take teve autorização para cuspir a ball gag. Em momento algum lhe foi proibido gozar. Ao final, estava arfante e exausta. Os músculos, doloridos e relaxados, vez por outra eram contraídos ainda por uma onda de espasmos.

Foi sem nenhuma surpresa que ela viu o mestre ir possuir Borboleta, deixando-a ali, ainda imobilizada. Mas foi com espanto que o viu desatar a moça e trazê-la para a frente da cadeira, fazendo-a se apoiar em seus braços e empinar a bunda.

– Chupa essa vadia, vai, meu amor.

E, penetrando-a na vagina, fez Borboleta gozar antes de ele mesmo atingir o próprio orgasmo.

* * *

Miss Take se remexeu na cama e abriu os olhos. Estava sozinha e já era noite. Com a lerteza de quem acaba de despertar de um sono profundo, jogou um lenço sobre a pele dolorida e desceu as escadas. Encontrou seu amor na sala, assistindo televisão.

– Você estava mesmo cansada – ironizou ele, ao percebê-la entrando.

– Pois é. Foi uma tarde e tanto.

Take se sentou no sofá ao lado do dono, atendendo a um sinal deste, e pousou a cabeça em seu colo. Teve os cabelos afagados, como se fosse um bichinho de estimação.

– Borboleta saiu? – perguntou ela, olhando fixamente para a televisão e tentando emprestar um tom casual à voz.

– Foi bater um papo com os pais dela. Matar as saudades.

– Ah...

Take hesitou. Não sabia bem como começar aquele assunto. Discutir relacionamentos não era muito o seu forte. Decidiu, então, arriscar, indo direto ao ponto.

– E quando é que você vai assumir o namoro?

Dark desviou os olhos da televisão e a fitou, confuso.

– Pensei que já estivéssemos namorando, Marli. Acho que essa história de vinte e quatro por sete está embaralhando sua cabeça.

– Não comigo. Com ela.

– O que quer dizer?

– Ah, Marcos! Está mais do que na cara que a outra nessa relação sou eu. Vocês dois se amam e isso a gente percebe até sem chegar perto.

– Marli, eu...

– Não me enrola, benzinho. Eu não sou nenhuma adolescente. Bancar apartamento, custear faculdade, até aí, tudo bem. Vai que você é um filantropo, não é mesmo? Mas daí a chamar de “meu amor” no meio de uma cena de sadomasoquismo... e o retrato dela no seu criado-mudo? Não sei a quem você está tentando enganar. Mas, se é a mim, está perdendo o seu tempo.

O que mais consternou Marcos não foi o que Marli disse, mas o tom de voz que usou. Falava naturalmente, como se conversasse sobre um vestido que vira na vitrine do shopping. Era como se aquilo tudo não dissesse respeito a ela.

– Bom, eu nunca pensei na coisa por esse ângulo.

Marli se endireitou sentada no sofá.

– Pois devia ter pensado. A garota é gamada por você. Você também cai de quatro por ela, apesar de, pelo visto, não admitir isso nem para si mesmo. O que falta, então?

– Bom... sei lá. Ela é muito nova e...

– Você tem trinta e cinco anos, Marcos. Não é nenhum coroa. Pelo amor de Deus!

– Lá isso é verdade.

– Mas também não é um garotinho. Então, por que não pára de agir feito moleque e assume logo esse relacionamento?

– Sei lá... é que eu acho que... bom...

Marli riu.

– Ora, ora! O poderoso Lord Dark com medo de assumir um compromisso? Quem diria! O mestre dominador não passa, no fundo, de um menino assustado!

Marcos fechou a cara.

– Você já está abusando, moça! Não lhe dou o direito de...

– Desculpe, mestre – disse ela, de imediato, atirando-se ao chão e beijando-lhe os pés –. Não tive a intenção de desrespeitá-lo.

O rapaz lhe fez sinal para que se sentasse novamente.

– Eu sei; eu sei – respondeu ele –. Só que não estou acostumado com a minha namorada me empurrando para os braços de outra.

– E que saída eu tenho? Está mais do que evidente que entre vocês ninguém se mete. Não vale nem a pena tentar.

– Mas e eu e você, Marli? Como é que fica?

– Ué... bom... quer dizer...

Marli tinha pensado inicialmente em simplesmente deixar aquilo tudo de lado. Mas lembrou-se de que não poderia; se não por conta de seus sentimentos em relação a Marcos, ao menos por causa do trabalho que estava desenvolvendo, no qual ele e Denise eram peças-chave.

– Entre nós... continua a mesma coisa, eu acho. Ou quase a mesma coisa. Quer dizer... eu continuo sendo sua submissa, se você quiser, claro. Mas não é legal a gente continuar brincando de namorar e eu vendo vocês dois se negando um ao outro na minha frente. Não vou me sentir bem com isso.

Um breve silêncio se fez. Marcos precisava refletir um pouco sobre aquilo tudo. Ou será que não? Com certeza, não. Nem para si mesmo conseguia mais mentir. Era evidente que a doce Denise o havia conquistado do modo mais efetivo possível: o envolvera e cativara sem jamais exigir nada em troca. E, por mais que ele a incentivasse a procurar outros homens, ela nunca o fizera de verdade. Sabia o que queria e lutara para consegui-lo. E assim o fizera.

Marcos olhou no fundo dos olhos de Marli, como a pedir sua aprovação. Ela acenou suavemente com a cabeça, em um discreto sim.

– Obrigado – disse ele.

E tratou de ir imediatamente à casa de *seu* Severino, pedir a mão de sua filha em casamento.

7 Dominadora

Espreguiçar e esticar-se na cama foi fácil; sair dela, nem tanto. Marli Cerqueira estava em algum ponto entre o cansaço e a preguiça. Não era por menos. Ainda que sua vida não fosse monótona, os últimos dias vinham sendo bem mais intensos do que de costume.

A enigmática entrevista com a suposta vítima de um homicídio lhe dera uma nova perspectiva sobre o caso. Além de ser testemunha chave, já que vira o assassino e sobrevivera a ele, Márcia Alencar fornecera certos detalhes interessantes. A série de assassinatos como sendo um disfarce ainda não lhe tinha passado pela mente. Mas, olhando para o quadro geral, esse ponto de vista lhe pareceu a única contribuição efetiva da vítima. A idéia de que estaria sendo perseguida por causa de alguma atividade relacionada a seu trabalho; achar que precisava forjar a própria autópsia para não ser encontrada; tudo isso parecia paranóia de Márcia.

Tirando a paranóia, o que restava? A possibilidade de que três dos assassinatos acobertassem o quarto. E, ainda assim, a possibilidade parecia remota. Um estratagema desses precisaria ser elaborado com o intuito de confundir um investigador. Então, por que

assassinar quatro mulheres em quatro lugares diferentes? Cada crime seria investigado por uma equipe, até mesmo por um departamento diferente. A menos, é claro, que o assassino tivesse em mente despistar um investigador capaz de transpor fronteiras e ignorar jurisdições. Mas um crime comum não justificaria uma investigação desse tipo.

De repente, a paranóia de Márcia Alencar parecia fazer tanto sentido quanto sua resistência em revelar mais detalhes no primeiro encontro. Uma das vítimas, Domme Gwyn, era estrangeira. Isso teria algum significado especial?

Esses devaneios passaram pela mente de Marli, enquanto se espreguiçava. Com certeza, precisaria pensar melhor em cada um dos pontos. Mas deveria fazer isso em outra hora; pois, naquele momento, o que mais lhe ocupava a cabeça era a imagem – fabricada por sua própria imaginação – de três mulheres idênticas usando um único homem, simultaneamente.

Levantou-se, ainda que a contragosto. Precisava começar o dia; iniciar seu treinamento. O combinado foi que Borboleta a treinaria para que pudesse se fazer passar por dominadora. Fossem quais fossem os verdadeiros objetivos do assassino, ele devia ser neutralizado. O plano era atraí-lo, torcendo para que ele tentasse fazer com ela, Marli, o que fizera com as outras vítimas. Não chegava a ser um estratagema brilhante, mas, em se tratando de um assassino em série, era bem provável que desse certo.

Em sua vida particular, Marli dera uma guinada completa. Depois de se descobrir submissa, deveria aprender a se portar como dominadora. De uma hora para outra, sua rotina fora completamente alterada, passando a trabalhar em casa em vez de ir à delegacia, como de costume. E, se isso não bastasse, ainda acabara de entregar, de mão beijada, seu namorado a outra.

Quanto a esse último ponto, não se arrependia. Seria tolice de sua parte tentar nutrir sentimentos por um homem que era evidentemente apaixonado por outra mulher com a qual tinha laços tão fortes. E uma coisa de que Marli não podia ser acusada era de tolice.

Ainda bem que não chegara a se apaixonar tão intensamente por Marcos. Sabia que se isso acontecesse, nem todo o bom senso do mundo a demoveria da idéia de tê-lo para si – algo que, provavelmente, não conseguiria, já que disputar namorado não era exatamente sua especialidade. Uma coisa, entretanto, não saiu ilesa da história: seu orgulho. Tudo bem que fora uma atitude nobre e inteligente de sua parte. Tudo bem que, em última análise, continuaria desfrutando da intimidade daquele homem, ainda que em outro contexto. Mas ter que conviver em nível tão íntimo com a mulher para quem perdera o namorado era algo que não deixava de ser um tanto desconfortável. Ainda mais que, por conta de sua atitude, acabara por conquistar o respeito e o carinho de ambos em um nível inusitado – o que, decerto, faria dela madrinha do casamento.

Era isso que Marli detestava ao acordar: todos os pensamentos lhe fluíam na mente de modo desordenados, na forma de devaneios. Metódica como era, deixar-se levar por tantos raciocínios tortuosos era algo de que, definitivamente, não gostava.

Tratou de fazer sua higiene matinal o mais rápido possível. Em minutos, estaria frente a frente com a irmã de coleira. Precisava deixar transparecer tranquilidade e naturalidade. A última coisa que queria era que Borboleta visse nela uma ameaça ao seu relacionamento recém-conquistado.

* * *

O café da manhã já estava servido quando Marli chegou à copa. Denise continuava eficiente como sempre. A agente admirava, na moça, essa capacidade de separar os papéis; de agir convenientemente de acordo com cada situação. Estava ali como ajudante; não, como noiva de seu ex-namorado. E sabia muito bem se portar à altura de suas atribuições.

– Bom dia – cumprimentou Denise, em tom suave.

– Bom dia, Denise – respondeu Marli, cordialmente –. Acordou cedo, hoje.

– Nem tanto. Já são onze horas.

– Sério?

– Pois é. O telefone tocou três vezes e eu atendi. Não queria acordá-la à toa.

– E quem era, Denise?

– O primeiro telefonema foi de uma operadora de telemarketing, pedindo doações para uma creche. Menti, dizendo que a dona da casa não estava. Acho que não fiz mal. Provavelmente, a moça estava mentindo do outro lado, também. Serviços de telemarketing não são baratos; e o dinheiro gasto contratando um serviço desses seria melhor empregado comprando o leite que elas alegam que as crianças não têm.

Marli não respondeu; apenas se surpreendeu com a repentina prolixidade da ajudante.

– O delegado Macedo ligou, também. Disse que queria falar com você, mas que não tinha pressa. Eu falei que você retornaria a ligação. Ah, e ligou uma tal de Marta, de Goiânia. Disse que está em Brasília e perguntou se poderia se encontrar com você. Deixou o número, caso você queira ligar de volta. E tem outra coisa: o Lord quer que a gente vá a um encontro de um grupo de BDSM em um boteco. É hoje à noite. Eu deveria ter avisado antes, mas, sinceramente, esqueci. Quando lembrei, pensei: “acho que ela vai ficar brava comigo; ou o Lord vai ficar”. Mas achei melhor dar o recado, assim, em cima da hora, do que não dar de jeito nenhum. Puxa, eu estou falando demais, hoje, não é?

– Não, que nada! – mentiu Marli, enquanto, intimamente, agradecia aos céus porque a moça não tinha a voz estridente – É normal você estar entusiasmada. Gostei da aliança, aliás.

– Ah, pois é. Eu também achei linda. Meu pai quase caiu pra trás, quando o Marcos pediu a minha mão. Eu nem acreditei, no

começo, para falar a verdade. Achei que era algum tipo de brincadeira. Minha mãe está que não se aguenta de tanta felicidade. Puxa, Marli, eu nem sei como lhe agradecer por isso...

– Não precisa agradecer, garota. Não foi nada demais. O Marcos é doidinho por você. Isso está na cara. Só precisava de alguém que desse um empurrãozinho; e eu dei. Também, seria muita burrice minha me meter entre vocês dois. Só ia gerar dor de cabeça pra todo mundo.

Marli já estava quase terminando o desjejum. Aquela conversa despretensiosa até que era um bom pretexto para que adiasse um pouco mais os afazeres do dia.

– É, mas eu sei que não é tão simples – retrucou Denise –. Eu sei que você também gosta dele.

– Ah, gostar, é claro que eu gosto. Se não, a gente não estaria namorando... Quer dizer... Não é que a gente esteja mais namorando; é que a gente estava namorando...

– Eu sei. Entendi.

– Pois é. Mas não posso dizer que sou perdidamente apaixonada pelo Marcos, como você. Longe disso. Se quer saber, eu achei que tudo ficou muito melhor assim. Vai que eu também acabo encontrando o homem certo, não é mesmo? Enquanto isso, eu acho que você não vai se importar muito se eu me divertir com o seu.

– Do jeito que você fala, até parece que o Marcos é propriedade minha... – ironizou a garota – Parece que essa estória de

aprender a dominar está fazendo você esquecer quem é que pertence a quem, por aqui.

O tom de Denise continuava suave. Não se podia entrever, em sua voz, qualquer sinal de arrogância. Mas Marli notara que, desde a volta da chácara, seu comportamento havia mudado. A moça parecia não apenas mais feliz, mas também segura e confiante em suas atitudes – se é que isso seria possível; em meses de convivência, Marli nunca percebera, na amiga, qualquer sinal de insegurança ou instabilidade emocional –. Fosse como fosse, o fato é que a situação mudara radicalmente; mas isso não parecia se constituir em qualquer impedimento a que, ao menos nas aparências, tudo parecesse igual a antes

– Nós temos que continuar treinando – lembrou Denise –. Você ainda não me parece pronta para se fazer passar por dominadora.

– Por quê? Não pareço segura o suficiente?

– Não é isso, Marli. É que você ainda deixa transparecer muito claramente seu lado submisso. E não estou falando só de ter aberto mão do Marcos, não.

– Isso não tem nada a haver com submissão, Denise.

– É claro que tem. É da natureza da submissa pensar, primeiro, na felicidade e no bem-estar de seu dono. E, para vê-lo bem, ela é capaz de qualquer sacrifício, mesmo que isso vá, de certa forma aniquilar ou sufocar algo nela. Já a dominadora é diferente. Não é que ela não seja capaz de se sacrificar, mas vai pensar primeiro no

que quer, no que pensa, no que sente, no que acredita. Só depois é que vai procurar os interesses de quem quer que seja. A submissa pensa primeiro no outro; a dominadora pensa primeiro em si mesma.

– Isso não me parece fazer sentido.

– É; eu sei. Custei a entender bem isso. Mas quem domina é, normalmente, mais disposto a aceitar o sacrifício dos outros; quem prefere se submeter aceita com mais facilidade o próprio sacrifício do que o alheio.

– Tudo bem, Denise. Isso pode até ser verdade. Mas eu não pretendo me tornar uma dominadora. Apenas fingir que sou uma.

A moça suspirou.

– Eu sei disso. Mas você não vai convencer ninguém do meio de que é dominadora se não aprender a, mesmo que em situações mais triviais, impor sua vontade e seus desejos. Todo mundo que entende um pouquinho de BDSM percebe isso. E essa imposição não precisa ser grosseira; mas tem que ser firme.

Foi a vez de Marli suspirar.

– Olha, Denise, uma coisa que eu sei é comandar. Não se esqueça que trabalho chefiando uma equipe. Tenho escrivães e assistentes sob meu comando.

– Aí é que está. Isso, pra você, é muito natural no ambiente de trabalho. Mas, fora dele, você não deixa dúvidas de que quer ser qualquer coisa, menos a pessoa que comanda. Até porque mandar no ambiente de trabalho tem muito pouco a haver com mandar fora dele. Lá dentro, você tem uma série de procedimentos e rotinas que

precisam ser seguidos. Aqui fora, tudo o que conta é o seu próprio capricho. E é aí que eu digo que você tem muito o que aprender.

– É verdade. Nesse ponto, você tem razão. Não me atrai muito a idéia de ter alguém me pajeando pra cima e pra baixo.

– Pois vai ter que agradar, se você pretende ser convincente no papel de dominadora. Porque uma domme, no fundo, é isso: uma menina mimada na pele de uma mulher.

– Quanto preconceito, Denise!

– E não é? Que graça tem uma mulher que se porte como um homem, dando ordens e comandando verdadeiras operações logísticas? O charme da mulher dominadora é exatamente ser caprichosa, dengosa e exigente. E o que os homens submissos mais querem é ter a oportunidade de satisfazer a esses caprichos.

– Eu acho que você está generalizando.

– Pode ser. Aliás, estou generalizando, mesmo. Conheço muitas dommes que se portam como os dons. E, pelo visto, elas têm prazer nisso. Mas estamos construindo um personagem pra você. E pode ter certeza: você não ficaria nada convincente se adotasse uma atitude masculinizada.

– Tá certo. Então, o que acha de pararmos com essa teorização toda e partirmos logo para o treinamento? – Marli se levantou da mesa, enquanto falava – Não temos o dia inteiro. O que você preparou para hoje?

– Hoje, você vai experimentar um pouco de podolatria. E, pelo amor de Deus, veja se muda essa atitude. É você quem está no comando a partir de agora, Miss Take.

* * *

Controlar uma situação não era problema para Marli Cerqueira; estar no comando, tampouco. Conhecia bem as técnicas. Aprendera-as por dever de ofício, pode-se dizer assim.

Mas, ali, ela não estava trabalhando. A situação era bem diferente. Não bastava controlar e controlar: precisava fazer isso para seu próprio prazer; e não tinha o menor prazer em dominar. Preferia a sensação de entrega total; obedecer e servir era algo que parecia fazer parte de sua identidade. Submeter-se lhe era instintivo. Não era por menos que, dia após dia, exercera seu trabalho com tanto primor: mesmo chefiando equipes ou pondo ordem em uma investigação, estava, no fundo – ainda que sem o saber – exercitando sua submissão. A cada passo que dava, seguia meticulosamente as regras. E não só isso, obedecia, quase cegamente, a seu superior imediato – o delegado Macedo, a quem, mesmo que não soubesse ser dominador assumido, prestava uma certa reverência –, sequer se importando quando ele, invadindo seu espaço, fazia questão de despejar sobre ela sua altivez e alguma dose de arrogância. De fato, pensando melhor sobre o assunto, podia, agora, lembrar o leve sorriso com o qual respondera a cada gesto prepotente do delegado. Ainda que sem saber, estava jogando com ele.

No entanto, teria que aprender a se portar contra seus próprios instintos. Seria uma mudança de atitude. Uma dolorosa mudança de atitude. Precisava ser convincente em seu papel; e, em um ambiente onde boa parte do grupo começa a festa inteiramente nua e o restante se despe – em um momento ou outro – antes que ela termine, ser convincente requeria dela bem mais do que executar à perfeição algumas técnicas. Em situações tão íntimas, a própria intimidade seria exposta. Por isso, o que quer que fizesse teria que ser autêntico, genuíno; sua performance teria que ir muito além das aparências.

Sentou-se no sofá. Procurou se concentrar. Não era Marli Cerqueira quem estava ali – pensou –. Era Miss Take. E Miss Take era capaz de fazer coisas que sequer passariam pela cabeça de Marli. Era apenas um personagem, uma roupa que vestiria. Depois que a retirasse, voltaria a ser a mesma Marli de sempre. Afinal, muda-se a roupa, mas a pele permanece a mesma.

O estratagema psicológico não deu muito certo. Por mais que tentasse conscientizar-se de que estava representando uma personagem, seus sentimentos, pensamentos, desejos e temores estavam ali. A roupa não tem sensações ou sentimentos; não reage a estímulos sensoriais; não se emociona; não deseja; não teme. A personagem não era uma personalidade à parte; no máximo, seria uma adição à sua própria. Marli não dava lugar a Miss Take. Apenas, a vestia, como uma roupa. E uma roupa – pensou – não substitui a pele.

Não havia jeito. O dilema estava estabelecido. Teria que aprender a ter prazer em algo que, simplesmente, não lhe provocava qualquer excitação. Isso ia contra sua vontade, contra seus desejos. Mas, por outro lado, era um desafio. E Marli não era mulher de recuar diante de um desafio.

Respirou fundo. Fechou os olhos. Não haveria de ser nada demais. Já descobrira que Borboleta a excitava. Tivera, já, alguma experiência com a moça.

Abriu, novamente, os olhos. Concentrou-se no corpo nu, na pele viçosa daquela que se postava a seus pés. Os longos e macios cabelos negros tocaram suas pernas e ela suspirou, respondendo à carícia acidental. Borboleta o percebeu e usou os cabelos para massagear os pés de sua domme temporária. Esfregou-os contra a pele de Take, provocando novos suspiros. Passou, então, a beijar, acariciar e lambe os pés delicados. Colocou os dedos pequenos, de unhas bem feitas, entre seus lábios e os sugou, um a um, enquanto lhes passava a língua.

Deitando-se no chão, de barriga para cima, Borboleta abriu levemente as pernas e fez um gesto sutil para que a parceira se pusesse de pé. Take entendeu o sinal e fez como seria de se esperar: se levantou e, com a planta do pé direito, percorreu o corpo da outra de baixo a cima, retornando até a altura da vagina depilada, com a qual passou a brincar, bolinando com o dedão.

Miss Take sorriu. Não era a posição de controle que a excitava; bem o sabia. Era, isso sim, a visão e o contato com a

menina-mulher que, naquele momento, se postava, qual tapete, a seus pés.

Sim, aquilo lhe dava algum prazer. Na verdade, muito prazer. E queria satisfazer-se logo. Mas ainda havia algo a ser feito. As técnicas lhe haviam sido explicadas com antecedência.

Apoiou-se sobre os dois pés e se dirigiu para junto da cabeça da escrava. Segurando com uma das mãos no sofá, ofereceu a planta do pé direito para que fosse beijada. Logo em seguida, começou a chutar, muito de leve, a face da submissa com a parte superior do pé. Era mais uma carícia do que propriamente um chute. E a resposta foi uma série de gemidos discretos.

Take percebeu que, de fato, Borboleta estava gostando daquilo. E resolveu ir mais além. Com voz firme, mandou que a moça abrisse a boca e lhe enfiou, entre os lábios, os dedos do pé. A submissa chupou sofregamente o que lhe era oferecido, enquanto gemia e se contorcia de excitação.

– Está pensando que vai se masturbar? – Take percebeu que a *bottom* encaminhava a mão à própria virilha – Nada disso. Deixe essa buceta em paz. Hoje, ela é minha. Além disso, eu é que vou gozar primeiro.

Assim dizendo, tirou a própria calcinha e se ajoelhou, tendo a cabeça da moça entre as pernas.

– Chupa, cadela! – disse, enquanto aproximava a própria vagina dos lábios da parceira, em um *face sitting*.

Foi recompensada com beijos e lambidas no clitóris e por toda a vagina.

– Isso, vagabunda. Assim mesmo!

E gozou intensamente.

Take sentou-se novamente no sofá, protegendo o couro branco da umidade de seu sexo com o tecido da saia.

– Venha aqui, cadelinha. Sente no meu colo – ordenou.

Borboleta obedeceu e ganhou a recompensa por sua atuação: com beijos na boca, lambidas nos bicos dos seios e carícias com os dedos na vagina, Miss Take a fez gozar rapidamente – um orgasmo discreto, silencioso.

O odor do prazer impregnou o ambiente, só não sendo mais perceptível do que o sorriso de satisfação das duas. Borboleta, então, proferiu sua avaliação:

– Se é isso que você chama de não saber dominar, eu tenho que agradecer aos céus porque prefere ser submissa...

8 Barzinho

Treinar técnicas podia ser muito interessante e útil. Mas, se quisesse aprofundar as investigações, Marli Cerqueira deveria se infiltrar o mais depressa possível na comunidade. Era uma idéia da qual não gostava muito. Queria unir-se à comunidade BDSM; não, se infiltrar nela. Queria poder apresentar-se como era: submissa de Lord Dark, portadora de sua coleira. Só que, antes disso, teria que aparecer para os grupos como uma farsa: uma dominadora em busca de um submisso.

Havia alguns riscos inerentes a essa abordagem. Marli era daquele tipo de mulher que tem plena consciência da própria beleza e sabe o que fazer com ela. Quando se apresentasse como domme, não demoraria muito a receber algumas propostas de pretendentes a submissos. Quanto a isso, a orientação de Lord Dark fora clara:

– Não rejeite logo de cara. Marque uma sessão particular. Teste o sujeito. Se lhe agradar, fique com ele por um tempo. Quando tudo isso acabar, você pode dispensá-lo.

– Não sei se é uma boa idéia... – ponderou ela.

– Não é uma idéia. É uma ordem.

– Bom, dito assim, tudo muda. Farei o que o senhor manda.

Quando concordou, Marli sabia que isso estava quase no limite de suas forças. Mas não se recusaria a obedecer a uma ordem de seu senhor. Não havia o que pensar. Ordem é ordem.

E foi assim que, contrariando sua própria vontade e disposta a fazer o que estivesse ao seu alcance em obediência àquele a quem pertencia, Miss Take entrou no carro junto com Lord Dark e com sua Borboleta, naquela noite. Iria sentada no banco de trás, junto com o Lord. Borboleta serviria de chofer. Dirigiam-se a um encontro do grupo BDSM do Cerrado, em um bar da Asa Norte. Take seria apresentada como uma nova dominadora. Portanto, não deveria dar qualquer mostra de afeição especial – e muito menos, de submissão – com relação a Lord Dark.

* * *

Às vésperas de comemorar seu primeiro cinquentenário, Brasília vai, aos poucos, adquirindo os contornos de uma metrópole.

Todos os problemas comuns nas grandes cidades brasileiras já se encontram instalados ali: violência urbana, trânsito tumultuado, transporte público deficitário e bolsões de pobreza.

Mas nem só de problemas vive uma cidade. Depois de cinco décadas, Brasília é, cada vez menos, um aglomerado de imigrantes de outras regiões do país. Ano após ano, aumenta o número de naturais do Distrito Federal – filhos dos pioneiros, mas que já têm o nome de Brasília ou de uma de suas cidades-satélite no campo “local” de sua certidão de nascimento.

Mesmo assim, ainda falta muito para que alguns traços bem peculiares à capital federal sejam dissolvidos pelo tempo: em certa medida, o individualismo ainda impera na cidade – resquício dos tempos, não muito distantes, em que quase todos os que transitavam pelas ruas eram, em última análise, migrantes, com todas as implicações que isso traz: uma boa dose de desconforto, uma certa desconfiança em relação ao outro e uma grande necessidade de adaptação.

Às vésperas de comemorar seu primeiro cinquentenário, Brasília mostra, em sua dinâmica, algumas características bem peculiares: o centro gravitacional da cidade – assim como das que a circundam – é o Poder Público. Por isso mesmo, o ritmo da região é ditado pelos cartões de ponto dos servidores do Estado. E, mesmo que já não se possa mais dizer que o Plano Piloto se transforma em cidade fantasma em épocas de férias e em feriados, a redução no ritmo de atividades é sensível durante os períodos de recesso dos três Poderes. Durante os meses de janeiro e fevereiro, por exemplo, é até possível encontrar uma vaga para estacionar o carro, durante o dia, no Setor Comercial Sul.

O aumento da população trouxe consigo um considerável incremento na vida noturna brasiliense. Shopping centers, espetáculos noturnos, academias de ginástica, clubes, escolas de dança, de música, de artes marciais... A quantidade de opções quanto ao que fazer no tempo livre cresce em ritmo quase tão vertiginoso quanto a recente explosão demográfica. Mas, no meio de todo o

tumulto dessa nova vida que floresce em meio ao cerrado, frequentar os bares e casas noturnas e visitar amigos em suas residências nos fins de semana continuam a ser as atividades prediletas de grande parte dos brasilienses.

Brasília já possui suas tribos urbanas; e a comunidade BDSM é apenas mais uma delas. Uma? Não. É impossível, hoje, falar em apenas uma comunidade BDSM em Brasília. O centro do poder brasileiro congrega, em suas fronteiras, praticantes de diversos perfis: de comunidades estabelecidas e cuja existência é de conhecimento público a grupos herméticos, que se assemelham aos átomos: muita gente já ouviu falar que eles existem, mas poucos já os viram, de fato. E há também aqueles que preferem praticar em casa ou nas casas de seus parceiros, sem que ninguém mais tenha conhecimento de suas preferências. E ainda aqueles que praticam “entre amigos”, ou seja, vão às casas uns dos outros, mas sequer cogitam a hipótese de aparecer em um grupo.

Marli Cerqueira estava prestes a conhecer uma das três comunidades BDSM brasilienses que, mesmo com certa dose de discrição, não fazem tanta questão de ocultar suas preferências: grupos que, periodicamente, se reúnem em bares para conversar ou em chácaras ou casas mais distantes para praticar coletivamente – as *play parties*.

Quando o carro parou em uma vaga junto à calçada, Borboleta se apressou em descer e abrir as portas para os

dominadores. Primeiro, seu dono, Lord Dark; em seguida, a convidada, Miss Take.

O trajeto até o bar era bastante curto, mas, como em todas as entrequadradas do Plano Piloto, nada simples de ser percorrido. Depois da luta para sair do carro, espremido entre dois outros em uma vaga estreita, era preciso vencer as poças d'água deixadas próximas ao meio-fio pela lavagem das calçadas, atravessar o calçamento irregular – cada lojista faz o que quer diante de seu estabelecimento –, um trecho de gramado e uma faixa de brita, e se contorcer entre mesas, cadeiras e garçons, até chegar onde se encontrava reunido o grupo.

Como de hábito, várias das pequenas mesas de madeira haviam sido colocadas juntas, de modo que os presentes tivessem a impressão de estar ao redor de uma única mesa de banquete. Lord Dark, vinha à frente do trio, saudou os presentes.

– Boa noite, gente!

Foi como se tivesse sido dado início ao pregão da bolsa de valores: todos falando ao mesmo tempo, cada um dizendo uma coisa. A disputa era para ver quem conseguia chamar a atenção do Lord primeiro; e, nessa disputa, o volume de voz parecia elemento fundamental.

Miss Take sentiu-se em uma feira livre enquanto circundava a mesa, sendo apresentada a cada um dos presentes. Depois de uns quinze minutos, conseguiu, afinal, sentar-se. Como havia sido instruída a não mostrar interesse ou proximidade demais

com Lord Dark, apanhou uma cadeira e a colocou em um ponto qualquer da mesa. Estava tão à vontade quanto qualquer um que se vê imerso em um ambiente estranho, ao lado de gente desconhecida. Mas isso não duraria muito.

O garçom se aproximou, perguntando se ela beberia alguma coisa. Depois de correr os olhos pela mesa, para ver do que os outros haviam se servido, Take pediu uma cerveja. O rapaz tomou nota e se retirou, driblando mesas, cadeiras e pessoas com a maestria de um dançarino.

Logo em seguida, Miss Take foi abordada por Samyra, a mulher que funcionava como anfitriã do grupo.

– Oi! Que bom ver você aqui. O Lord já tinha me dito que você viria. É nova na área, não é?

– Mais ou menos – mentiu Take –. Eu já pratico há algum tempo. Mas nunca me interessei por grupos. Lord Dark teve um trabalho danado pra me convencer a vir.

Samyra riu.

– É assim mesmo. Tem muita gente que prefere não aparecer. Mas ainda bem que você veio. Eu acho que vai gostar muito do BDSM do Cerrado. O povo, aqui, é bastante interessante. Tem gente de todo jeito. No começo, você estranha; mas, depois, se acostuma.

Miss Take sorriu em resposta. Já havia se informado com relação a Samyra. Era uma submissa que, para desespero de uns e admiração de outros, fazia as vezes de líder do grupo BDSM do

Cerrado. Sua capacidade de liderança era incontestável; sua habilidade em coordenar e conduzir situações, impressionante. Além disso, era vista, na maior parte dos encontros do grupo, com um chicote na mão, flagelando as costas ou a bunda de algum *bottom* desavisado. No entanto, se recusava a assumir o rótulo de *domme*. Preferia referir a si mesma como uma mulher que tem tesão na submissão, mas que não recusa qualquer outra experiência que possa, ainda que só por um momento, lhe proporcionar alguma dose de prazer.

Fosse como fosse, Samyra era o alicerce do BDSM no Cerrado: incentivava os iniciantes, ralhava com os mais afoitos, estabelecia contato entre participantes que tivessem alguma dificuldade em se aproximar de outros. E, num misto de moderadora, líder e relações públicas, exercia o papel que seria de se esperar de uma submissa: era, no fim das contas, a alma do grupo.

Se alguém poderia ajudar Miss Take a se entrosar na comunidade BDSM, esse alguém era Samyra. Sempre muito bem informada, ela conhecia gente do Oiapoque ao Chuí. Com sua figura polêmica, tinha penetração nos mais inusitados meios sadomasoquistas brasileiros. E, o principal: estava sempre disposta a ajudar a quem quisesse se enturmar.

Não foram necessários mais do que cinco minutos de conversa para que Samyra pusesse em prática seus talentos. Erguendo o inseparável copo de uísque, gritou para alguém que se encontrava na outra ponta da mesa:

– Alternó! Alternó! Venha aqui! Eu quero lhe apresentar uma pessoa.

Miss Take viu um homem se levantar, na direção que Samyra apontara. Ele circundou a mesa e chegou onde as duas estavam.

– Miss Take, esse é o sub Alternó. Eu já andei brincando com ele. É show de bola. O Alternó está procurando uma *domme* e, quando Lord Dark falou de você, eu pensei: por que não apresentar os dois?

Samyra se levantou e fez sinal para que o homem ocupasse o seu lugar.

– Vou ali conversar com o Dark. Depois a gente se fala mais, ok?

– Legal – respondeu Take. – Obrigada, viu?

O homem permanecia de pé, calado. Miss Take o analisou com o olhar. Era alto. Bem mais alto do que ela. Seu porte, seu modo de andar e de se vestir, sua gesticulação... tudo nele era bem masculino. Era o que Take procurava.

– Sente-se – disse ela, indicando a cadeira a seu lado, calculando o que falaria em seguida.

Alternó obedeceu. Mesmo sentado, era evidente que era, ao menos fisicamente, bem maior do que ela.

Ficaram os dois em silêncio, se avaliando mutuamente. Hábil em observar o ambiente, Take estava cônica de que, naquele momento, não era apenas seu interlocutor que a avaliava. Boa parte

da mesa, discreta ou abertamente, olhava para ela, buscando indícios de sua postura e de suas intenções. Foi a dominadora quem tomou iniciativa.

– Então, você é submisso.

– Sim, senhora – respondeu ele, sem deixar de fitá-la nos olhos, indisfarçavelmente encantado pela beleza daquela de quem pretendia portar a coleira.

– E o que gosta de fazer?

A resposta do rapaz pareceu sincera.

– Eu não sei dizer. Estou começando. Fiz muito pouca coisa até hoje.

“Era só o que me faltava.” – pensou Take – “Além de tudo, um principiante.”

– Então, vamos pelo mais fácil. Do que é que você não gosta? O que é que não faz de jeito nenhum?

– Bom, eu não gosto de *cross dressing*. Mas isso não é uma limitação. Só não gosto, mesmo. Nunca tentei, mas nem a idéia me agrada. Agora, *scat* e zoofilia, estou fora. Se uma *domme* me propuser isso, devolvo a coleira na hora.

Miss Take sorriu. Brincar com fezes ou fazer sexo com animais não eram coisas que estivessem em sua lista de possíveis práticas.

– Não se preocupe com isso – foi a resposta simples e seca –. O que espera de uma *domme*?

Imediatamente, Miss Take se deu conta de que seu treinamento na academia falava mais alto. Estava conduzindo uma conversa que mais parecia um interrogatório policial. Sorte sua que o rapaz parecia não perceber.

– Não sei se espero muita coisa. Quero que ela saiba o que está fazendo. Quero ter prazer em servi-la e que ela tenha prazer em ser minha dona. Se for bonita como a senhora, melhor ainda. Se não for, tanto faz. Não estou procurando uma namorada; estou procurando uma dominadora.

– Então, você já tem namorada.

Foi a vez de o rapaz rir.

– Já tive. No momento, estou sozinho. Tenho vinte e oito anos, ainda. Está cedo pra me amarrar, eu acho.

Miss Take não respondeu, mas achou irônico que ele não quisesse compromisso conjugal ao mesmo tempo em que estava à cata de se entregar completamente nas mãos de uma mulher. Resolveu testar os limites de seu candidato ali mesmo.

– E se eu resolver humilhar você em público?

– Isso é com a senhora. Se quiser me fazer passar vexame e isso lhe der prazer...

Take não resistiu à tentação. Apanhou duas batatas fritas em forma de palito, no prato sobre a mesa, e entregou ao rapaz.

– Enfia isso no nariz.

Ele não titubeou, embora não conseguisse conter um sorriso. Obedeceu.

– Parece que a sua amiga já se enturmou e conseguiu um brinquedinho, Lord Dark! – gritou uma voz masculina que Take bem conhecia. Era Prometeus.

A uma só voz, a gargalhada explodiu na mesa. Lord Dark esticou o pescoço para conferir a cena. O que flagrou não o deixou muito contente: os dois recém-conhecidos trocaram um olhar que mostrava certa cumplicidade e uma boa dose de intimidade, o que fez parecer que eles se conheciam há tempos.

– Tire isso! – ordenou Take, puxando os dois pedaços de batata, ela mesma – Está ridículo.

Com o decorrer da conversa, Take descobriu que Alternio era o tipo de praticante que procurava. O rapaz não estava à busca de um relacionamento amoroso travestido de sadomasoquismo, como muitos; também não parecia do tipo que vê o BDSM como uma forma de se obter sexo fácil e barato. À primeira vista, era sincero em suas convicções e expectativas. Costumava postar em listas e participar de comunidades virtuais – o que poderia ser bastante útil – e procurava aprender cada vez mais. Era charmoso e bonito, algo que, mesmo não sendo pré-requisito, não deixava de ser um bônus para a pretensa dominadora.

O objetivo de Miss Take, naquela reunião, já havia sido alcançado. Queria um ponto de acesso ao universo BDSM e conseguira. O rapaz parecia ansioso para ter uma primeira experiência com sua provável futura dona. Mas não seria de bom tom deixar o grupo tão depressa. Era preciso conversar um pouco mais,

estabelecer novos contatos, expandir a rede de relacionamentos. Além disso, Take precisava de algum tempo para se preparar emocionalmente e para elaborar o que faria com sua nova aquisição, quando estivessem a sós.

Para sua sorte, o celular de Alterno tocou. Ele atendeu, sussurrou alguma coisa junto ao aparelho e desligou.

– Senhora – começou –, eu sei que vai parecer estranho, mas preciso sair agora. Aconteceu uma emergência...

– Sem problemas – apressou-se em responder Miss Take, aliviada com o imprevisto –. Eu entendo perfeitamente. E ainda está meio cedo pra mim. Podemos marcar alguma coisa para amanhã, se você tiver tempo.

– Claro que sim, senhora. E eu adoraria – apanhou uma caneta e anotou, em um guardanapo, o número do celular –. Ficarei esperando, ansioso, por ordens suas.

Miss Take apanhou a anotação improvisada e guardou em sua bolsa. Sem se levantar, estendeu a mão, que o rapaz beijou reverentemente.

– Agora, o meu pé – disse ela.

Alterno não se fez de rogado. Deixou a caneta cair no chão e abaixou-se sob a mesa para apanhá-la. Beijou os pés da mulher que, em vez de lisonja ou prazer, sentiu cócegas. Quando ele se ergueu, ela levou a mão direita à sua nuca e o puxou para um rápido beijo nos lábios.

– É bom esperar, mesmo – disse, em um sussurro.

Tão entretida estava em seu pequeno jogo que não prestou atenção a Borboleta, que a observava discretamente, à distância, satisfeita com o resultado de seu próprio trabalho. A aprendiz estava convincente em seu papel.

* * *

Era quase meia-noite quando Lord Dark deixou o bar, acompanhado de suas meninas. Àquela altura, havia poucos carros estacionados, o que facilitou o acesso ao sedan. Sentou no banco de trás, junto com Miss Take, tendo Borboleta como motorista, assim como fizera na vinda.

O céu estava limpo e a lua, cheia. Como os vidros do carro foram abertos, Take sentiu um pouco de frio, quando este se pôs em movimento. Permaneceu quieta e de cabeça baixa, como convinha a uma submissa.

– Meus parabéns, Miss Take – limitou-se a dizer Lord Dark, visivelmente contrariado e com o ânimo alterado por algumas cervejas além da medida –. Representou muito bem seu papel.

Take percebeu que, mesmo fazendo tudo o que estava ao seu alcance para cumprir a missão que lhe fora designada sem que isso afetasse demasiadamente sua vida pessoal, não obtivera êxito. Ela era treinada para se infiltrar em ambientes estranhos e hostis e agir como se fizesse parte do meio; mas seu dono, não. E, naquele momento, o silêncio prolongado deixava claro que Lord Dark fora mais afetado pelas circunstâncias do que seria de se desejar. A agente chegara a se perguntar como é que o ex-namorado suportara, com

tanto sangue frio, vê-la flertando com um estranho sem mostrar qualquer reação. Agora, sabia o motivo. Não era sangue frio: era apenas uma questão de manter as aparências, a postura de dominador. Mas, terminada a atuação, Dark se despiu da capa de impassividade e deixou à mostra sua verdadeira reação ao ocorrido. E o que se via, retirada a máscara, era um homem com o orgulho ferido por ver a mulher que, há poucos dias, o chamava de “meu amor”, flertando publicamente com um estranho; a submissa que portava sua coleira tendo seus pés beijados por alguém que mostrava querer dela bem mais do que uma simples sessão de sadomasoquismo.

Suspirou. Não havia como contornar o dilema. A abnegação estava em sua natureza; a entrega corria em suas veias, junto com o sangue. Por isso mesmo, não tivera grande dificuldade em, a despeito do próprio sofrimento, abrir mão da condição de namorada para ver seu homem feliz. Mas seria demais esperar que ele tivesse, para com ela, atitude semelhante. Por temperamento, Marcos Tamiani era orgulhoso e, em certa medida, possessivo. Vestindo a capa de dominador, esse orgulho e essa possessividade se potencializavam. E pouco havia a fazer a respeito.

9 Spanking

Dois dias. Esse era o tempo de que Marli dispunha, antes de se encontrar, em particular com o sub Alterno. Não era suficiente para aprender ou desenvolver técnicas que dessem fôlego a toda uma noite de SM. Se bem que, no caso, isso seria desnecessário. Como se tratava de um primeiro encontro, era bem provável que o rapaz não esperasse muito. Por outro lado, ela não poderia chegar lá de mãos vazias: há certas práticas que são quase padrão entre os sadomasoquistas; não fazer qualquer alusão a pelo menos uma delas seria quase equivalente a declarar que não dominava as técnicas. E isso era algo que Marli, definitivamente, não desejava.

No quesito dominação, podia-se dizer que ela aprendera o suficiente para não se deixar trair. Mas dominar não é tudo. Precisaria aprender algo que, efetivamente, pudesse ser utilizado em uma cena convincente. Nas últimas três semanas, treinara bastante o uso de cordas. Sem grande dificuldade, dominara algumas técnicas básicas de imobilização. Em todo caso, sempre poderia contar com as algemas, que sabia usar como ninguém. Mas, ainda assim, precisaria de algo mais e, para aprender esse algo mais, teria que recorrer novamente à sua ajudante e treinadora: Borboleta.

Chegou a pensar em pedir ajuda a seu dono. Ele, melhor do que ninguém, saberia treiná-la nas técnicas mais usuais. Só que, desde a saída do bar, na noite anterior, Lord Dark mudara radicalmente de atitude em relação a ela: estava mais distante, mais calado, mais retraído. Não precisava ser um grande analista para perceber que Dark sentia-se bastante desconfortável com a situação que, em última instância, ele mesmo criara. Assim, restava apenas o recurso a Borboleta.

Marli abordou a amiga sem grandes salamaleques.

– Denise, eu estou enrolada. Tenho que me encontrar com Alternô no sábado e simplesmente não faço idéia de como agir.

– O que quer dizer com isso? – estranhou Borboleta – Você foi tão bem no boteco... Vai dizer que regrediu de ontem pra hoje?

– Ah, uma coisa é lidar com o cara em público. Outra coisa, bem diferente, é ficar sozinha com ele num quarto de motel. Sem contar que sou eu que vou ter que conduzir a situação do começo ao fim.

– Isso não é problema, Marli. Você já mostrou que dá conta.

– Mais ou menos. O que eu fiz no bar foi, basicamente, jogar um charme em cima dele e copiar o que nós duas fizemos outro dia. Mas, no sábado, vou ter que ter um bocado de criatividade pra levar a sessão adiante. E você sabe muito bem que, para uma sub, criatividade e cena não combinam.

– É. Eu entendo. A gente chega, se despe e se entrega. O dom que se vire pra inventar o que fazer. Mas, pense bem: você já

teve algumas cenas com Lord Dark. É só lembrar o que ele fez com você e imitar.

– Fácil dizer, né? Esquece que a coisa muda quando a gente está do outro lado da chibata.

– Muda, sim.

Denise sabia bem onde a amiga queria chegar com aquela conversa. E era engraçado que ela fizesse tantos rodeios para solicitar uma cena entre as duas. Talvez, Miss Take percebesse que estava pisando em ovos em relação a Lord Dark e não quisesse deixar as coisas ainda mais complicadas.

– Está bem – prosseguiu Borboleta –. Venha comigo.

As duas se puseram de pé, frente a frente uma com a outra, no pequeno corredor livre que ficava entre a escrivaninha e a parede, no quarto de Marli. A idéia era começarem pelo básico: spanking.

– Eu não sei se consigo fazer isso – disse a aprendiz, visivelmente contrariada.

– Mas é só me dar um tapa na cara – respondeu a treinadora –. Vamos lá. Bata.

Marli ensaiou um tapa que mais parecia um carinho desajeitado.

– Mais forte – instruiu Denise.

Outra tentativa. Pouca diferença.

– Você pode mais do que isso. Vamos!

Marli respondeu com uma bofetada que fez zunir o ouvido da moça. Denise levou a mão ao rosto, enquanto lágrimas lhe brotavam, incontrolláveis, dos olhos.

– Desculpe! – se apressou a dizer a aprendiz de dominadora.

– Tudo bem. Tudo bem – foi a resposta –. Isso passa. Me dê só um instante.

– Denise, eu...

– Denise, não. Borboleta – respirando fundo, a moça recobrou o controle –. Não se esqueça: durante uma cena, nunca chame o parceiro ou a parceira pelo nome. O apelido faz parte da coisa, entende? Faz parte da fantasia.

– Tudo bem, desculpe. Borboleta...

– E vê se pára de pedir desculpas, Take. Isso não é próprio de uma dominadora. Você está no comando. Você faz o que quer e ponto. Deixe para pedir desculpas se cometer um erro muito sério.

– Hummm... isso vai ser mais difícil do que eu pensei.

– Não vai, não. É só uma questão de atitude. Venha. Vamos tentar outra coisa. O chicote curto.

Borboleta entregou o apetrecho nas mãos de Miss Take, levantou a própria saia, apoiou-se com as duas mãos na beirada da cama e disse:

– Bate.

Take obedeceu.

– Isso é spanking ou carinho com couro? Bate pra valer, garota!

Miss Take desceu a mão com vontade.

– Agora sim! – incentivou Borboleta.

Take agarrou a submissa pelos cabelos, puxou-lhe o rosto para junto do seu e sussurrou no seu ouvido:

– Olha aqui, garota, já está enchendo o saco. Vê se pára de me dar ordem, falou?

– Sim, senhora – respondeu a professora, com um sorriso de satisfação nos lábios, antes de ser atirada de bruços na cama.

A aprendiz se pôs de pé sobre o colchão e começou a chicotear a escrava por cima da roupa, com fúria. Bateu até cansar o braço. Então, parou, ofegante, e se jogou sobre os lençóis.

Borboleta lhe deu um tempo para recuperar o fôlego, antes de se sentar junto a ela. Miss Take sorriu.

– Era isso que você queria?

– Ufa! Dessa vez você pegou pesado pra valer. É por aí, mesmo. Só que...

– Só que o quê, Borboleta?

– Só que isso aqui não é terapia anti-stress. Você está batendo para ter e proporcionar prazer; não, simplesmente para extravasar a raiva.

– Mas eu não tenho prazer em bater. Você sabe disso.

– Nem todo mundo bate porque gosta de bater.

– Como assim?

– Muitos sádicos têm prazer, não no causar dor, propriamente dito, mas em ver a reação do masoquista. Há quem

goste de provocar lágrimas, há quem goste de provocar pânico para depois acalmar sua peça, há quem goste de ver os orgasmos intensos... e há, claro, os que gostam de tudo isso junto. Mas o prazer está na reação do *bottom* e não no ato em si. Eles acham que bater por bater pode ser feito em um saco de pancadas.

Miss Take riu.

– É um modo de ver a coisa.

– Vamos tentar de outro jeito, pra começar – propôs Borboleta, enquanto tirava a roupa, no que foi imitada pela parceira –. Eu faço em você e você repete em mim. O que acha?

– Boa idéia.

As duas se despiram e sentaram-se de frente uma para a outra. Borboleta começou dando um tapa no rosto da amiga.

– Com a mão solta e os dedos frouxos. Viu? E tente acertar com a palma. O punho pode deslocar o maxilar e as articulações dos dedos podem machucar.

– Sim – respondeu Miss Take, devolvendo o tapa.

– Isso. Assim mesmo. Faça de novo.

E ficaram ali, trocando leves bofetadas, por alguns instantes. Já com as bochechas coradas, Borboleta tentou outra manobra. Com as pontas dos dedos, premiu os mamilos de Take. A aprendiz sentiu um arrepio percorrer todo o seu corpo, em um misto de dor e prazer. Gemeu baixo e devolveu o gesto.

– Não faça força demais – instruiu Borboleta, retraindo levemente o corpo –. Essa é uma região delicada. E não torça, a não ser que você saiba muito bem o que está fazendo.

E assim continuou o treinamento, noite a dentro. A cada ato, Borboleta parava e explicava detalhes e princípios. Ao final, Miss Take já tinha algumas noções bem definidas sobre tortura com as mãos e sobre o uso do chicote e da chibata.

À medida que aprendia, Miss Take sentia-se mais segura quanto ao que deveria fazer. A cada vez que tocava a parceira ou mesmo prestava mais atenção às suas reações, sentia-se mais próxima dela; percebia que, entre as duas, crescia a cumplicidade. Os toques e carícias eventuais que, a rigor, faziam parte do treinamento, se tornavam cada vez mais autênticos e nenhuma das duas fazia questão de ocultar o prazer que lhes proporcionava.

– Muito bem – concluiu Borboleta, depois de horas de prática –. Acho que, agora, você está pronta.

Colocou-se de quatro e esperou que Miss Take batesse. Mas isso não aconteceu.

Take já estava cansada de tapas e chicotadas. Queria algo que lhe fosse mais prazeroso.

Em vez de bater na bunda de Borboleta, calçou uma luva de látex na mão direita e a encharcou com lubrificante íntimo. Sem muita cerimônia, enfiou dois dedos na vagina da parceira. Percebendo a intenção da manobra, a moça empinou ainda mais o traseiro e procurou relaxar os músculos da pelve.

Miss Take tirou os dedos e voltou a colocar; desta vez, os cinco juntos. Apenas as pontas. Borboleta rebolou, gemendo de dor e de prazer, enquanto a mão pequena e delicada, mas firme, entrava, movendo-se com gentileza. Take só parou quando apenas seu pulso restava do lado de fora. Então, começou outra movimentação, com os dedos e com a mão inteira, à qual Borboleta respondeu com repetidos orgasmos, até quedar, exausta. A algoz tirou, cuidadosamente, a mão de dentro de sua vítima, deitou-se ao seu lado e lhe ofereceu o ombro. Borboleta aconchegou a cabeça nele e suspirou.

– Onde foi que você aprendeu *fisting*? – perguntou, sussurrando.

– Parece que você esqueceu quem é o nosso dono, não é?

10 Escravinho

Marli dirigiu seu automóvel até o restaurante onde havia marcado de se encontrar com seu candidato a escravo. A noite estava fria e o céu sem nuvens. Isso era bom, pois permitia que ela cobrisse, com um sobretudo pesado, seus trajes nada ortodoxos: minissaia e corpete de couro e meia-calça preta. Nada mais.

À medida que atravessava o Plano Piloto, refletia sobre a situação. Lord Dark prosseguia em seu comportamento estranho, dando mostras claras de que se encontrava absolutamente instável quanto a seus sentimentos por ela. Na quinta-feira, não lhe telefonou e não atendeu às suas ligações; na sexta, mandou entregar flores em seu apartamento, acompanhadas de um colar de ouro e um cartão pouco convincente; mas continuou sem querer contato direto; no sábado, pela manhã, mandou que Borboleta saísse com ela e a ajudasse a comprar as roupas para a noite, as quais fez questão de pagar. Todos esses gestos foram interpretados por Marli como atitudes de alguém que, mantendo distância por conta do orgulho, se recusava a deixar espaço para que outro a pudesse conquistar. Atitude típica de homem com ciúmes – pensou ela.

Essa postura de Lord Dark reavivou nela um conflito que julgava haver superado ainda no bar: precisava se portar como dominadora, mas o que queria mesmo era atirar-se aos pés de seu dono e servi-lo incondicionalmente. Não lhe agradava a idéia de saber que seu senhor sentia-se contrariado ou desconfortável; e o fato de ser ela a causa desse desconforto lhe provocava bastante sofrimento.

Por mais de uma vez, nos últimos dias, pensou em desistir. Que se danasse o trabalho, que se explodisse o caso. Era mais importante ver seu dono feliz do que completar uma missão que lhe havia sido imposta. Entretanto, a cada vez que essa idéia lhe passava pela cabeça, lembrava-se de que, por mais desagradável que fosse a situação, encontrava-se nela porque era preciso.

Já outras vezes se vira diante de dilemas semelhantes.

Esse é o preço por trabalhar como agente infiltrado: quando a missão toca tão de perto em aspectos da vida pessoal, é preciso fazer uma escolha; tomar uma decisão. Por mais que essa escolha seja dolorosa.

No caso, era. Tinha que escolher entre fazer seu trabalho e tornar feliz o homem por quem era tão perdidamente apaixonada que se via a si mesma como sua propriedade.

Nesse ponto dos devaneios, Marli se deu conta de que sua situação era bem pior do que poderia avaliar. Era a primeira vez que confessava – ainda que em silêncio, somente para si mesma – sua paixão por Marcos. Pela primeira vez, assumia seus verdadeiros

sentimentos. E, o pior, via o quanto estava fadada a sofrer dali por diante: a mesma paixão que a conduzia a uma entrega completa a levava a pôr, de mão beijada, seu amado nas mãos de outra. Mas, curiosamente, isso não a angustiava. A idéia de não ter Marcos só para si – ou mesmo de não tê-lo junto de si com a mesma intensidade que se espera de um casal – não lhe era tão aversiva quanto a idéia de fazê-lo sofrer, entregando-se – ainda que só aparentemente – nos braços de outro homem.

Nesse ponto, a submissa falava mais alto. Se alguém tivesse que sofrer, que fosse ela; não, ele.

À medida em que se aproximava do ponto de encontro, sua angústia aumentava. Se a idéia de Marcos era fazê-la sentir dor na consciência, isso estava dando certo.

* * *

Depois de estacionar o carro e descer dele, Miss Take respirou fundo e ergueu a cabeça. Estava ali para uma noite de prazer. Era o que teria.

A mulher não consegue fingir prazer tanto quanto se imagina. Os homens é que, em geral, são desatentos demais para perceber os pequenos e sutis sinais que demonstram a insatisfação feminina. Take tinha consciência disso e não pretendia deixar que os conflitos internos estragassem seu disfarce. Seu parceiro naquela noite funcionaria como um teste: seria ela capaz de extrair prazer suficiente de uma situação de dominação, a ponto de não despertar suspeitas em quem estivesse com ela numa cena?

Para que pudesse atrair para si o assassino, essa habilidade era fundamental. Um homem que convencia uma *domme* a jogar com ele e invertia o jogo no meio da cena era alguém, no mínimo, sofisticado. Sua percepção devia ser bastante aguçada e, caso notasse algo que não se encaixasse nos padrões, era bem capaz de que ele desaparecesse sem deixar rastro.

Independente de quaisquer pistas ou testemunhos que pudesse vir a coletar quanto aos crimes anteriores, Marli estava convencida de que o único meio de capturar o criminoso era atraí-lo para uma armadilha. No caso, o estratagema envolvia tantos riscos que jamais admitiria usar como isca alguém além de si própria. Mas, para que tudo desse certo, precisava passar pelo teste daquela noite.

O restaurante era o mesmo que costumava frequentar quando ainda estava em atividade na polícia. Em uma cidade do tamanho de Brasília, é bobagem escolher um estabelecimento onde não se é visto casualmente esperando não topar com um conhecido.

Quando chegou, o rapaz já esperava por ela. Não foi difícil reconhecê-lo, mesmo tendo se encontrado com ele apenas uma vez.

– Fique sentado – ordenou ela, quando o submisso fez menção de levantar –. Eu sei me virar sozinha.

Contrariando todas as regras de cavalheirismo – as quais admirava ao extremo –, Miss Take puxou a própria cadeira e sentou-se, colocando a bolsa ao lado, para desespero do garçom que corraera para ajudar.

– Nós vamos querer uma refeição bem leve – foi logo instruindo ela, dirigindo-se ao funcionário da casa –. O que o senhor sugere?

– Posso sugerir salmão ao champignon, acompanhado de couve-flor gratinada e arroz branco. Para beber, um vinho branco suave.

– Perfeito – disse ela, que já havia combinado, com antecedência, com o garçom, que já conhecia a tempos, o que deveria ser servido.

Se a idéia era transmitir segurança, nada melhor do que escolhas rápidas e decididas. E, como era uma situação na qual não se sentia à vontade, Miss Take preferiu deixar tudo armado com antecedência. Não que não tivesse capacidade de escolher as próprias refeições – vivia só desde os dezoito anos –. É que eram tantas as coisas em que pensar, que não queria correr o risco de demonstrar insegurança ao decidir o que comeriam.

Sub Alterno evitava olhar para ela. Parecia um autômato, aguardando as próximas instruções por comando de voz. Isso irritou Miss Take.

– Não quero um robô na minha frente – disse ela –. Aja com naturalidade. Estou procurando um homem que me sirva; não, um boneco inanimado.

Foi como se alguém tivesse apertado um botão de ligar no sujeito. Ele relaxou a postura, sorriu e a olhou nos olhos.

– Muito obrigado. Isso é um alívio – disse ele, com evidente sinceridade.

– Me conte de suas experiências – ordenou a dominadora, mais para saber como não agir do que para imitar as antecessoras. Afinal, se o rapaz estava à cata de dona, muito provavelmente não se satisfizera com as antigas.

– Não sei se há muita coisa interessante a contar – respondeu ele, parecendo não se importar em ser submetido a novo interrogatório –. Eu tive experiência com três dommes, ao todo. A última foi a que durou mais tempo: quatro anos. Ela me pediu a coleira de volta porque ia se casar e o noivo é baunilha. Uma pena.

– E as outras?

– Ah... A primeira, quase me fez desistir. No primeiro encontro, me tratou feito um lixo. Era como se eu fosse só uma coisa, como se não tivesse sentimentos. Detestei. Tudo bem que a domme trate seu escravo como uma peça, mas não precisa exagerar. Logo na primeira vez? E com um cara que nunca tinha feito nada? É claro que não voltei mais a falar com ela. Queria aprender; queria ser iniciado. Não tinha a intenção de servir apenas como um saco de pancadas.

– Você não gosta de spanking? É isso?

– Gosto; gosto muito. Mas eu vejo tudo, inclusive o spanking, em um contexto maior. Se minha dona quiser moer todos os ossos do meu corpo, por mim, tudo bem. Mas, pra isso, ela tem que ser minha dona, entende? Tem que me dominar de fato. Tem que me provocar o tesão de ser arrebitado por ela.

– E a primeira não fez isso...

– Humpf! E que tesão eu poderia ter em uma mulher que nem sabe se lavar direito?

Miss Take não conseguiu conter o riso.

– Ela fedia?

– Mais do que um gambá, se quer saber. E a cena foi na casa dela. A senhora precisava ver: tudo desarrumado, sujo. Olha, eu pensei que as mulheres fossem higiênicas por natureza. E aquelas cicatrizes, então?

– Você tem problemas com cicatrizes, Alterno?

– Claro que não. Todo mundo tem cicatrizes; umas maiores, outras menores. Se quer saber, eu já acariciei algumas cicatrizes com quelóide; e fiz isso com muito prazer. Mas cicatrizes em uma mulher feia, arrogante, prepotente e fedorenta...

– E a segunda?

– Ah, minha segunda rainha era exatamente o oposto. Bonita, bem cuidada, atenciosa, carinhosa...

Miss Take respirou aliviada. Por um momento, temera que aquele fosse o tipo de homem que fala mal de todas as experiências anteriores só para impressionar a mulher a quem deseja conquistar. Ele prosseguiu:

– Nós chegamos a fazer algumas cenas juntos.

– E por que não deu certo?

– É que ela é homossexual, sabe? Eu não tenho nada contra os homossexuais, mas sou hétero. Ela gosta de mulher e eu também.

Tudo bem, me travestir em uma cena ou outra, ou me deixar usar como se fosse um homo, mas não é minha praia. Daí, conversamos e achamos melhor parar com tudo. Continuamos amigos e foi ela quem me apresentou a Lady Gwyn, a quem servi por mais tempo.

A menção do nome de uma das vítimas do assassino em série fez acender, na mente de Miss Take, uma luz vermelha. Seria apenas coincidência? Por outro lado, o rapaz parecia falar com sinceridade. Não havia nada em sua postura ou em sua atitude que demonstrasse que ele a estava avaliando quanto à sua reação ao nome.

– Me fale um pouco mais de sua Lady. Você parece gostar dela até hoje.

– Bem... eu gosto. Desculpe, senhora, se o que vou dizer não a agrada, mas duvido que encontre, na minha vida, mulher à altura de Lady Gwyn. E não é porque ela era estrangeira, não. Ela era filha de um adido cultural, sabe?

– Era? – Take se fez de desentendida.

– Era. Morreu, no ano passado. Eu fui avisado e estive no enterro. Foi horrível. Quem iria querer matar uma mulher daquelas? Não passa pela minha cabeça... Imagine só: ela foi encontrada morta no quarto de um motel. Um absurdo! Se eu ponho as mãos no desgraçado que fez isso...

– Espere um pouco. Não estou entendendo mais nada. Você não disse que ela o havia deixado para se casar?

– Essa é a parte irônica da história. Ela me deixou para casar, sim. Ia casar com o filho de um embaixador. Mas, pouco antes

do casamento, o cara disse que teria que voltar para casa com seu pai. Coisas da diplomacia, sabe? O embaixador seria substituído. Bem que eles todos insistiram para que ela fosse morar com ele no Caribe. Mas Lady Gwyn amava o Brasil e não tinha a menor intenção de ir embora. Então, eles desfizeram o compromisso. Depois de um tempo, ela me procurou. Eu fiquei todo animado. Pensei, mesmo, que iríamos retomar dali. Mas não deu duas semanas e ela foi assassinada.

De todas as investigações que já conduzira, Miss Take achava aquela a mais insólita: em menos de dois meses tivera contato com pessoas ligadas a duas das vítimas. Sem falar que, na primeira situação, estivera com a vítima em pessoa.

– Isso tudo é muito triste – disse ela, sem fingimento –. Você deve, ainda, estar arrasado.

O rapaz respondeu, com certa melancolia na voz:

– Não posso negar que foi um baque. Eu gostava pra valer de Lady Gwyn. Mas a vida é assim mesmo, não é? Por um tempo, cheguei a alimentar a ilusão de que, talvez, no futuro, a nossa relação pudesse evoluir para algo mais do que o SM. Depois, quando vi que ela se interessava de verdade era por outro tipo de homem, desisti. Mas gostava de estar com ela. Pra ser sincero, eu a idolatrava.

A conversa foi interrompida com a chegada do garçom. Sub Alterno se admirou com a rapidez com que os pratos haviam sido preparados. Miss Take, já sabendo que tudo estava pronto bem antes de sua chegada, não se espantou nem um pouco.

Quando ficaram novamente a sós, o rapaz prosseguiu:

– Foi muito duro, sim, mas isso é passado. E eu não acho que a senhora esteja aqui para me ver lamentar meu passado.

– Nem para competir com ele – respondeu Take –. É bom que isso fique bem claro. Eu sei que você já passou por coisas muito boas e muito ruins, mas espero que compreenda que perguntei apenas por curiosidade. Espero que você não pretenda encontrar em mim uma nova Lady Gwyn, porque isso não vai acontecer.

– Claro que não. Cada mulher é diferente. Cada domme é diferente. Todas elas têm seus encantos, mas não há como projetar uma na outra. Disso, eu sei.

* * *

O quarto de motel era amplo e agradável. Uma coisa com a qual Miss Take não estava preocupada era com o preço. Por isso, escolheu um estabelecimento de luxo, onde a primeira experiência dos dois pudesse ser, ao menos, agradável. Banheira espaçosa, ao ar livre, com hidromassagem; quarto grande, com cama redonda e uma pista de dança com um tubo cromado – normalmente destinado ao *streeptease* das mulheres menos tímidas – no centro; frigobar; duchas aquecidas; banheira interna, também com hidromassagem; sauna com capacidade de até cinco pessoas.

Alterno entrou na frente, carregando a pequena valise que, sabia, continha os apetrechos que provavelmente seriam utilizados durante a noite. Miss Take subiu as escadas logo atrás, aproveitando para admirar as nádegas de seu parceiro, convenientemente emolduradas por uma calça *jeans*.

Logo de cara, Take se agradou do modo meticoloso pelo qual sub Alternio abriu a valise e organizou os adereços sobre uma bancada. Gostava de ordem e método e, ao menos nesse quesito, o candidato já estava aprovado.

– Tire a roupa – ordenou ela, enquanto se despia do sobretudo, revelando as peças de couro que cobriam boa parte de seu corpo.

Alternio obedeceu, organizando as próprias vestes em um cabideiro. Em seguida, se postou, de joelhos, aos pés da domme.

– Estou pronto para servi-la, senhora.

– É isso o que vamos ver – respondeu ela, enquanto se sentava em uma poltrona – Venha até mim de quatro, como um cachorrinho.

Ele obedeceu prontamente. Era engraçado ver aquele homenzarrão se movendo como um bicho de estimação. Take levou a mão ao seu queixo, fazendo com que ele olhasse para ela, e lhe deu uma bofetada.

– Gosta de apanhar, seu safado?

– Sim, senhora – respondeu ele, em um sussurro.

Ela bateu mais forte.

– Não ouvi. Fale para fora. Gosta de apanhar, seu safado?

Não era preciso responder. O membro já erguido denunciava que ele estava adorando a experiência. Ainda assim, o submisso falou:

– Sim, senhora.

– Venha cá – disse ela, puxando-o pelos cabelos, trazendo sua cabeça para junto do colo –. Escute bem: eu estou aqui para me divertir e para gozar, entendeu?

– Sim, senhora.

Enquanto falava, ela lhe afagava os cabelos.

– Muito bem. Não quero ver cara de cachorro pidão. Quero ver cara de um homem que está tendo prazer. Se não estiver gostando de alguma coisa, diga. Não tenho saco pra bater DR e explicar as coisas depois. Prefiro que você diga lodo do que não gosta, porque quero ver um orgasmo bem gostoso no final. No dia em que quiser torturar você, eu aviso antes. Hoje, quero vê-lo gozar. Fui clara?

Por um instante, a dominadora temeu que seu lado submisso estivesse assumindo o controle e que ele percebesse isso. Não era comum uma domme que, em vez de castrar seu escravo e levá-lo ao limite da dor e da humilhação, estivesse disposta a vê-lo gemer de prazer. Ao menos isso era o que podia depreender das listas de discussão na internet e das conversas que tivera com outras dommes. Mas, em vez de se mostrar surpreso ou desconfiado, Alterno se limitou a responder:

– Sim, senhora.

Take se pôs de pé e fez com que o sub ficasse, novamente, de quatro. Tirou a meia calça e montou sobre as costas dele, como se fosse um cavalo. Com isso, a minúscula saia se ergueu e o rapaz lamentou não poder erguer a cabeça e se deliciar com a visão proporcionada. Mas isso não significava que nenhuma sensação

prazerosa pudesse ser extraída do momento. Naquela posição, era possível sentir todo o calor da vagina da domme em suas costas.

– Vamos, ande! – ordenou ela – Quero ir ao banheiro.

O rapaz obedeceu sem grande dificuldade. Era forte e ela, apesar de não ser franzina, não pesava tanto. E, movimento após movimento, com todo o cuidado para não desequilibrar sua dona, Alternio a levou até o banheiro.

Era de se esperar que, lá chegando, ela descesse da montaria e usasse o vaso sanitário. Mas não foi isso que Miss Take fez. Ali mesmo, sentada sobre o lombo de seu escravo, aproveitando que a saia já estava erguida e que seus sapatos haviam sido tirados, deixou que a urina escorresse.

A sensação do líquido quente em contato com a pele arrancou de Alternio um gemido de indisfarçável prazer. Há meses – desde que se separara de Lady Gwyn – não experimentava uma chuva dourada; e nem tinha pretensões de fazê-lo, já que aquele era um primeiro encontro. Mas o gesto de Miss Take lhe soou como uma grata surpresa. Ao final, ele recitou seu mantra:

– Obrigado, senhora.

– Gostou, não, é, seu tarado? – Miss Take sorria, surpresa com o fato de ter tido igual prazer.

– Sim, senhora.

Apenas para não perder o costume, ela o puxou pelos cabelos da nuca e lhe deu um tapa na bunda.

– Fale mais alto, porque eu não entendi.

– Sim, senhora! – repetiu ele, com sinceridade.

– Se você for bonzinho, ganha mais depois. Agora, pegue uma toalha e me enxugue. Não vou ficar com a perna cheia de mijo.

Enquanto falava, Take se pôs de pé. Deliciou-se com a visão do corpo masculino, úmido, se erguendo à sua frente. Até ali, parecia estar sendo bem sucedida em extrair prazer de uma situação que lhe parecia adversa.

Por um instante, o remorso começou a bater às portas de sua mente, quando lembrou-se de Lord Dark; mas tratou de afastar o pensamento rapidamente, antes que ele a dominasse.

– Seque direito – ordenou, enquanto o rapaz, com a toalha recém-desembrulhada, enxugava as pernas femininas bem torneadas.

Mal ele acabou de secá-la e a dominadora ordenou:

– Vá preparar a banheira lá fora. Daqui a pouco, vamos tomar um banho.

– Devo me secar primeiro, senhora?

– Claro que não, seu imbecil! Por acaso eu mandei? Vá com as costas molhadas, mesmo, que eu quero ver você tremendo de frio.

O pequeno deslize do rapaz, em adiantar-se a uma ordem sua, trouxe a Miss Take um certo alívio. Por paradoxal que parecesse, a falha mostrava a sinceridade dele, ou seja: o fato de que não estava calculando tudo meticulosamente apenas para impressioná-la. Habituada a analisar o comportamento humano, sabia que a perfeição excessiva é o primeiro indício da falta de espontaneidade.

– Fique em posição para apanhar – ordenou ela, logo que o sub entrou novamente no quarto.

Foi prontamente obedecida. Apoiando-se em uma poltrona, Alterno empinou a bunda e fechou as pernas, de forma a proteger a própria genitália. Take percebeu a manobra e aprovou. Uma chicotada nas bolas era tudo o que não desejava naquele momento.

– Contando e agradecendo – ordenou, enquanto empunhava o chicote curto.

Iniciou-se a ladainha.

– Um. Obrigado, senhora. Dois. Obrigado, senhora...

A intenção era testar a resistência do rapaz à dor; mas não foi necessário ir muito longe: na sétima chicotada, ele já se contorcia, deixando claro que o suplício não estava sendo bem suportado.

Alarmada, Miss Take agiu depressa: apanhou um par de algemas, ordenou que ele se pusesse de pé e, torcendo-lhe com vigor o pulso esquerdo, o obrigou a se curvar, enquanto o braço, puxado para trás, era imobilizado. Curiosamente, o rapaz não ofereceu resistência. Em vez disso, se jogou no chão, caindo de bruços, e ofereceu o outro pulso, para que também fosse algemado. Take o fez, mas não sem antes forçar o oponente a virar de lado.

– Encolha as pernas! – ordenou, sem titubear.

O rapaz obedeceu e teve os limites de sua flexibilidade testados. Miss Take passou as algemas por seus calcanhares, antes de as prender no outro pulso. Sub Alterno ficou encolhido e imobilizado. Era visível que a dor que experimentava estava quase no limite de

suas forças. Ainda assim, Take apanhou o chicote longo e começou a castigá-lo, sem piedade, nas costas.

– Ai! – foi a resposta.

– Ai? Como assim, ai? – inquiriu ela, sem parar de bater – Está mentindo pra mim, seu sem-vergonha?

– Ai! Não, senhora! Ai!

– Está mentindo pra mim, cretino! Está mentindo! Disse que era sub e não aguenta meia dúzia de chicotadas! Está mentindo!

– Ai! Não, senhora! Eu juro! Não estou mentindo! Ai! Por favor, senhora! Eu juro!

Miss Take continuava a bater, sem se preocupar com o sofrimento do rapaz.

– Senhora! Ai! Por favor! Tenha misericórdia! Tenha clemência, senhora! Eu juro que não estou mentindo!

O moço estava aos prantos. Take sabia que alguma coisa estava errada, mas não conseguia atinar para o quê. E continuou batendo.

– Está mentindo, cretino! É mentira! Você não é sub coisa nenhuma! Confesse!

– Não, senhora! Eu juro! Eu não estou mentindo!

E o chicote continuava cantando nas costas do infeliz.

– Pra quem é que você trabalha, desgraçado! Quem mandou você atrás de mim?

– Ai! Caralho! Senhora, eu não sei do que está falando! Pelo amor de Deus! Pare! Senhora! Eu não sei do que está falando!

Eu não estou mentindo! Pare, por favor, senhora! Eu imploro! Não estou aguentando mais!

– Se não aguenta, por que é que não pede *safe word*, seu filho da puta? É orgulhoso demais pra isso?

O desgraçado não aguentava nem falar. Gastara suas energias gritando e grunhindo, tentando suportar a dor. Era evidente que não aguentaria por muito mais tempo. Ainda assim, arriscou:

– É porque eu não tenho!

O chicote parou no ar. Então, era isso que estava errado!

– Como é que é? – Perguntou Miss Take, visivelmente desestabilizada.

– Eu não tenho, senhora. Nós não combinamos uma *safe word*.

Miss Take quase entrou em pânico. Não o fez porque estava habituada a situações de estresse extremo. Mas não evitou um impropério.

– Cacete! – praguejou, enquanto jogava o chicote de lado e se aproximava de sua vítima – Olha, foi mal. Eu não... Quer dizer... Eu...

Bem que Borboleta a alertou para guardar as desculpas para quando fizesse uma besteira muito grande. Aquela era uma besteira muito grande.

Aos poucos, o rapaz parecia recuperar o autocontrole. A respiração já estava voltando ao normal e os músculos, na medida do

possível, relaxavam. Mas seus olhos permaneceram vidrados, fitando o vazio.

Miss Take se apressou em apanhar as chaves.

– Olha – disse, evitando se aproximar demais –, eu vou abrir suas algemas, agora. Mas não se mexa muito depressa. Seus músculos estão tensos e você pode se machucar. Sei que deve estar furioso; e com razão. Mas procure não fazer movimentos bruscos, ok?

– Sim, senhora – respondeu ele, sem tirar os olhos do nada.

Take retirou as algemas e se espantou com a docilidade de seu parceiro. Ele a deixou conduzir, calmamente, cada um de seus movimentos. Ela fez com que ele relaxasse, primeiramente, as pernas e, em seguida os braços. Posicionou-o de costas para o chão e aguardou. Por via das dúvidas, deu dois passos para trás. Se o oponente resolvesse reagir, teria condições de se defender. Mas a reação obtida estava longe de ser a esperada.

Lentamente e com visível esforço, o rapaz se postou de joelhos e, assim, se aproximou. Suava da cabeça aos pés. Apoiando-se nas mãos, baixou a face até perto do chão e lhe beijou os de sua dona.

– Obrigado, senhora.

Foi tudo o que disse.

* * *

A piscina a céu aberto tinha capacidade para doze pessoas confortavelmente instaladas. Miss Take se despiu completamente e entrou, no que foi seguida por Alternio. Tão discreto quanto possível,

dadas as circunstâncias, o rapaz admirava o corpo feminino bem desenhado à sua frente. Take percebeu e fez questão de provocá-lo, com movimentos sensuais, acentuando as curvas que sabia serem mais atraentes.

Tentava, de alguma forma, compensar o erro cometido há pouco. Porém, por mais que se esforçasse, não conseguia imaginar uma forma de, sem quebrar o clima, redimir-se pelo imperdoável descuido. Ensaiou:

– Isso aqui é meio grande. Chegue mais perto.

– Sim, senhora – respondeu ele, em um tom de voz evidentemente mais entusiasmado do que nas assertivas anteriores.

Assim que ele chegou mais perto, a dominadora ordenou:

– Estenda os braços.

O rapaz obedeceu e ela, em uma manobra rápida e ágil, se deitou sobre eles, ficando com o corpo quase submerso, com a linha d'água mal cobrindo parte de seus seios e de seu abdome. Alternou, então, a andar lentamente pela piscina, transportando, nos braços, sua domme. Aproveitando-se do fato de que ela estava de olhos fechados, passou um bom tempo apreciando o corpo desnudo, memorizando suas curvas.

– Isso mesmo – disse Take –. Olhe bem. Quero que você se lembre deste corpo por muitos anos.

Tal qual uma criança apanhada fazendo arte, ele se assustou.

– Desculpe, senhora – disse, constrangido.

Miss Take ficou de pé à sua frente e o encarou.

– Desculpar pelo quê? Você é homem, não é? Qual o problema em admirar um corpo feminino? Acha que eu não tenho prazer em ser observada? Não sou daquelas mulheres que têm vergonha de ser como são, rapaz.

Alternô procurou medir bem as palavras, para não soar desrespeitoso. Mas não havia como dizer aquilo de outra forma.

– Com um corpo desses, seria um absurdo a senhora tivesse vergonha dele.

Miss Take emitiu uma sonora gargalhada.

– Ah, Alternô, você é impagável!

Se aproximou ainda mais e o abraçou.

– Me beije.

– Senhora?

– Me beije, cara! Não sabe o que é isso? É assim: você encosta sua boca na minha e começa a esfregar. Se souber fazer gostoso, eu deixo usar a língua.

O submisso não sabia se cumpria a ordem ou se caía na gargalhada. Decidiu-se pela primeira opção. E foi além. Contrariando tudo o que aprendera a respeito de ser usado, tomou todas as iniciativas, até que, quando deu por si, estava sobre a imensa cama redonda, com sua senhora o cavalgando.

– Muito bem, garoto bonzinho. Agora, vai ter sua recompensa. Goza pra mim, goza!

Não era preciso repetir a ordem. Alternô teve um orgasmo tão rápido e intenso que temeu que fosse interpretado como

ejaculação precoce. Olhou para a dominadora e ela sorria, antes de lhe dar um delicado tapa no rosto.

– Isso é que eu chamo de usar um homem de verdade! – disse Take, antes de se deitar ao lado do parceiro da noite.

Mais tarde, ela receberia a cópia de um e-mail que ele postou em uma lista de discussão destinada apenas a submissos:

Nesta noite, conheci uma mulher maravilhosa. Ela é capaz de fazer um homem sentir-se feliz em ser usado, manipulado. Me proporcionou, em poucas horas, tanto sofrimento e tanto prazer que nunca imaginei que seria capaz de experimentar em uma única sessão. Espero e desejo profundamente que ela me receba como seu escravo. Meu desejo é servi-la para sempre.

E a mensagem pública teve ainda um outro destinatário certo. Em frente ao seu notebook, em uma cidade do interior de São Paulo, um homem leu o texto e imediatamente começou a preparar seu próximo ataque.

11 Insegurança

Em pleno século XXI, ainda há quem acredite que sexo é uma coisa que já nascemos sabendo. Nada de se estranhar: em nossos dias, não são poucos os que crêem piamente que deixar o chinelo com a palmilha virada para o chão fará com que a mãe morra...

O sexo é como o vinho: há quem goste e quem deteste; alguns preferem cerveja, conhaque ou água mineral. Há aqueles que nunca provaram e dizem que é horrível. E aqueles que caem de tanto beber, mas não têm a menor noção do que estão fazendo.

Qualquer um é capaz de enfiar um bocado de vinho goela abaixo, sentir a tontura e sofrer com a ressaca do dia seguinte. Mas apenas um apreciador será capaz de se deliciar com toda a gama de prazeres que ele pode proporcionar.

Assim também é o sexo: mesmo que qualquer um seja capaz de praticá-lo, é preciso conhecer certas técnicas e dominar a arte para extrair dele o máximo de seu potencial. E técnica é algo que se aprende.

Com o BDSM, não é diferente. É possível praticá-lo sem saber muito bem o que se faz; mas, para que ele seja, de fato, prazeroso, há um sem-número de conceitos e técnicas que se deve

conhecer e desenvolver. Por isso mesmo, um bom dominador precisa, antes de tudo, de um bom mentor: alguém que conheça os meandros da arte desse sexo exótico e esteja disposto a transmiti-los a outros.

O mentor de Lord Dark era Prometeus – a quem Marli Cerqueira conhecera por muitos anos como delegado Macedo –. E, ainda que o Lord tenha concluído, há muito, seu treinamento, vez por outra se encontrava com o mestre para alguma troca de idéias.

Naquele dia, em particular, havia um motivo especial para Dark desejar conversar com seu mentor. Por isso, marcou com ele um encontro em um bar da Asa Norte.

– Me diga o que o aflige, meu caro! – disse Prometeus, assim que seu pupilo sentou à sua frente.

Lord Dark puxou um pedaço de papel e o pôs sobre a mesa.

– Borboleta me entregou isso hoje – foi dizendo, sem sequer cumprimentar o amigo –. É uma postagem que um tal de sub Alterno fez numa lista. Evidente que ele se referia à Miss Take.

O homem apanhou o texto e o leu, sorrindo.

– Ora! Parece que sua menina está fazendo um excelente trabalho. Se isso foi parar em uma lista de discussões, não demora e o nosso alvo morderá a isca.

– É – respondeu o outro, sem qualquer entusiasmo –. Um bom trabalho, mesmo.

Prometeus percebeu o evidente descontentamento do interlocutor.

– O que é, Marcos? O que está pegando? Não era isso que a gente queria? Nós precisamos atrair o homem. Quer melhor jeito do que colocar um anúncio público, esfregando o anzol na cara dele?

O rapaz titubeou, antes responder:

– Sim, eu sei. Mas é que...

– É que você está se mordendo de ciúmes, não é isso? Deu pra perceber, naquele dia, no boteco. Sua cara estava péssima.

– Não é ciúme, Macedo. Você sabe. É que...

– É ciúme, sim, senhor. Você está inseguro porque descobriu que mais alguém, além de você, é capaz de sentir-se nas nuvens nas mãos de sua garota. E, pelo que deu pra perceber, é bem capaz de ela estar correspondendo ao sentimento.

– Não! De jeito nenhum! A Marli é louca por mim. Isso é indiscutível.

– Sim, é louca por você. E, ainda assim, parecia uma colegial, flertando, no bar. Ficou muito evidente que ela estava adorando a brincadeira. E, se quer saber, quando isso tudo acabar, eu duvido que ela não vá querer repetir a dose, de vez em quando. Isso se é que vai devolver a coleira do sujeito, como você espera que aconteça...

Marcos deixou pender a cabeça, visivelmente desolado.

– É, eu sei. Só que não faço idéia de como lidar com isso.

Prometeus fez uma pequena pausa, antes de prosseguir:

– O que você quer, não vai conseguir nunca, Marcos. Isso não existe. Não, em nossa sociedade. Vai ter que escolher uma e ficar com ela. A outra, você vai precisar deixar ir...

– Do que você está falando? – indagou o rapaz, como quem tenta decifrar as palavras de um oráculo – Eu não sou o primeiro a ter duas escravas no BDSM.

– Não estou falando de submissas. Estou falando de namoradas. Você trocou a Marli pela Denise, mas quer que Marli ainda o veja como se fosse o único homem de sua vida.

– Não fui eu que troquei. Marli me empurrou para Denise. Precisava ver.

– E ela fez muito bem. Está na cara que vocês dois nasceram um para o outro. Mas você vai ter que aprender a separar as coisas, meu camarada. Isso que você está sentindo não tem nada a haver com SM. É ciúme de namoradinho, mesmo. Acontece que, enfie isso na sua cabeça, ela não é mais sua namorada. Está livre e solta para se apaixonar por quem quiser. Se ela resolver se enrabichar para os lados do capacho, o problema é dela.

– Duvido que ela possa se apaixonar por um submisso. Não é o perfil da Marli.

– Isso, só quem pode dizer é ela. E eu não estou falando que ela está apaixonada. Só disse que, se isso acontecer, é ela quem tem que tomar uma atitude; não, você.

– Mas foi ela quem escolheu ser 24x7! Foi ela que se entregou completamente a mim. Mudar isso é traição!

– Como assim, Marcos? Estou te estranhando! Não aprendeu nada do que eu ensinei?

O pupilo estancou, diante da reprimenda. Prometeus prosseguiu:

– Se ela se entregou por completo, aí mesmo é que você tem uma responsabilidade ainda maior: a de, usando a outorga que lhe foi concedida, dar a ela o que é melhor para ela; não, o que você quer. Dominação é uma tremenda responsabilidade, Lord Dark; e a dominação 24x7 torna a responsabilidade ainda maior. Você tem que ver o que ela precisa, o que vai fazê-la crescer. Não pode olhar as coisas apenas do ponto de vista do que você gostaria que fosse ou do que acha que ela acredita que é melhor para ela.

– Está me deixando confuso.

– Marcos, pare pra pensar. Foi você quem colocou a moça nessa situação, não foi? No frigar dos ovos, foi você quem a colocou frente a frente com o capachinho e a incentivou a seguir adiante.

– É. Isso é verdade.

– Já parou pra conversar com ela sobre o assunto? Perguntou como ela se sente, o que ela quer de verdade?

– Não. Eu...

– Ficou com medo de ouvir a resposta, não é?

– Sim, fiquei. Confesso. Não sei se suportaria ser trocado por...

– Ela suportou muito mais do que isso sem reclamar, cara. E, ao que me conste, em nenhum momento ela falou em trocar você pelo... Como é mesmo o nome dele?

– Alternó. Sub Alternó.

– Não. Estou falando do nome verdadeiro.

– Ah, esse eu não sei. Ela não me disse.

Macedo riu.

– Não está vendo, seu mané? O sujeito é tão importante pra ela que nem o nome real ela diz. E você enchendo a cabeça de caraminholas por causa disso. Sem contar que deve estar torturando a menina horrorosamente por causa de sua própria insegurança.

– Macedo, você sabe que não é bem assim. Esse email deixou claro que ele está babando pela Marli.

– Não. Pela Miss Take. Pela dominadora; não, pela mulher.

– Tá. Tudo bem. Como se isso fizesse muita diferença... O fato é que, não demora muito, ele vai tentar conquistá-la. A Marli é sensacional. Não tem homem que não queira ficar com ela.

– Se isso acontecer, quem é você pra impedir? Ela não se sacrificou por você? Pela sua felicidade? Será que é pedir demais querer que você devolva a gentileza, Marcos?

Lord Dark não respondeu. Estava perdido em algum ponto entre seus pensamentos e seus sentimentos. Demorou um tempo, antes de voltar a falar.

– Mas e se ela quiser devolver a coleira?

– Aí, você, como homem sensato que é, devolve. Não se esqueça de que o BDSM é um jogo consensual. Só funciona enquanto os dois quiserem jogar. E, nesse meio, não cabe aquela atitude infantil, típica do casamento: quando os dois se divorciam, não querem nem ouvir falar um do outro, como se tivessem nascido inimigos. A cidade é pequena. Os grupos, menores ainda. Vocês, com certeza, vão continuar se esbarrando pela vida afora. Mas tem um pequeno detalhe.

A pausa dramática irritou Lord Dark, mas ele evitou esboçar qualquer reação. Prometeus continuou:

– Ela querer devolver ou não a coleira é algo que vai depender muito mais de você do que dela.

– Agora eu viajei.

Prometeus reassumiu aquele ar de oráculo que fazia com que Dark tivesse vontade de deixar a mesa. Mas, depois de tantos anos lidando com seu mestre, o pupilo aprendera que lucraria mais se ficasse e ouvisse o que havia a ser dito.

– Lembre-se de que uma submissa da estirpe de Miss Take é como um pássaro: se você mantiver o braço estendido e a mão aberta, ela comerá entre seus dedos; se você tentar prendê-la, sairá voando. E, quanto mais você apertar, mais ela se debaterá; até que seja sufocada completamente. Provavelmente, ela não conseguirá escapar; mas pode ser que não sobreviva.

– Não quero sufocá-la.

– Então, pare de apertar os dedos.

Lord Dark deixou o bar sentindo-se o próprio Moisés ao descer do Sinai. Arrancou com o carro e se dirigiu, resoluto, ao apartamento de Miss Take.

* * *

O som da campainha anunciou que alguém estava à porta. Denise foi abrir e se deparou com o noivo, com olhar muito sério.

– Oi – disse, um tanto tímida.

Marcos a beijou rapidamente nos lábios.

– Oi, meu amor – respondeu.

– Ela está no quarto – prosseguiu a moça, adivinhando o que o visitante fazia ali –. Quer que eu chame?

– Não precisa. Eu vou até lá.

– Marcos, eu sei que não devia me meter, mas...

– Não se preocupe, meu bem – interrompeu ele, afagando-lhe os cabelos –. Eu vim me desculpar com ela. Vai dar tudo certo. Você vai ver.

Denise abriu passagem e deixou que ele entrasse. Marcos seguiu até a porta do quarto e deu três pancadas na madeira. Isso não era necessário, pois a porta estava aberta; mas ele preferiu agir assim, chamando a atenção para sua chegada, em vez de entrar desavisadamente.

Marli interrompeu o que fazia no computador e fez sinal para que ele entrasse. Marcos sentou-se na cama e começou, titubeante:

– Olha, eu vim aqui... Bom... Eu acho que a gente precisa conversar.

Marli não disse nada. Limitou-se a esperar que ele pudesse completar alguma frase que fizesse sentido.

– Marli, eu sei, eu tenho agido feito um babaca. Eu sei que você está trabalhando, está tentando fazer o melhor que pode, e eu estou atrapalhando tudo.

– Pode ser mais claro, Marcos? Não estou entendendo.

– Esse seu lance com o... como é mesmo o nome dele?

– O Alternio?

– Pois é. Nem o nome do cara você sabe e eu aqui, morrendo de ciúmes. Desculpe. Foi mal.

Marli sorriu e se voltou para Marcos, aproximando-se e sentando bem junto dele na cama.

– Ah, então é isso? Seu maior medo é que eu saiba o nome dele? É Joel. Mas que diferença isso faz?

– Não, Marli! Não se trata disso. Não se faça de desentendida. Esse papel não lhe cai bem.

– Mas eu não estou fingindo. É que não estou entendendo, mesmo. Onde quer chegar com esta conversa, Marcos?

Enquanto, por dentro, se divertia com a indisfarçável atrapalhação do dono, Marli esperava que ele pudesse, afinal, recobrar o autocontrole e dizer coisa com coisa.

– Bom... – tentou ele recomeçar – Eu só queria dizer que... Bem... se você quiser continuar se encontrando com o Joel, não é

esse o nome? Eu não vou me importar, entende? Eu sei que você precisa seguir com sua vida.

Marli ergueu a mão, em gesto claro para que ele parasse.

– Marcos, você é tão bom em esconder seus sentimentos quanto eu, em me fazer de sonsa. É claro que você se importa. Não precisa fingir que não. Mas, quer saber? Acho que está se precipitando um pouco. O que está rolando entre eu e o Joel é só um lance de momento. E, assim mesmo, está acontecendo por causa do meu trabalho. Não sei se vou querer continuar com isso depois.

– Mas seja sincera. Você bem que está curtindo, não está?

Marli riu.

– Você gosta mesmo de se torturar, hein? E depois a masoquista sou eu.

– Fala logo!

– Estou curtindo, sim. É verdade. Joel é um cara bastante interessante. E você sabe que eu gosto de pessoas interessantes. Não posso negar que a noite de ontem foi uma delícia, apesar da tremenda trapalhada que aprontei. Nem dá pra acreditar que ele fez de conta que não foi nada demais! Acredita que esquecemos de combinar uma *safe word*? E o coitado, lá, totalmente imobilizado, apanhando até não poder mais, e não tinha como parar a cena. Simplesmente porque a besta, aqui, esqueceu de combinar uma *safe word*...

– Erro típico de principiante – respondeu Marcos, tentando, ainda sem sucesso, esconder o fato de que queria morder os próprios cotovelos –. Mas ele não é masoca? Por que precisaria de *safe word*

na mão de uma mulher que bate com um terço da força de um homem?

– Mais tarde ele me explicou. É que *spanking* não está entre suas práticas prediletas. Não é que não curta, mas não tem muita resistência à dor. E, vamos combinar, eu peguei pesado. Achei que ele estava mentindo. Por alguma piração da minha cabeça, acreditei que ele estava fingindo para tentar inverter o jogo no meio. O infeliz quase desmaiou de tanto apanhar.

– Você achou que ele podia ser o assassino, Marli? Fala sério! Você tem um retrato falado do sujeito, não tem?

– É, tenho. Mas, sabe como é. No calor do momento, primeira experiência, cheia de coisas passando pela cabeça... eu pirei.

– Sorte a dele que você é iniciante. Se soubesse umas coisinhas a mais, poderia ter aleijado o coitado.

Marcos se deu conta de que estava recostado na cama, trocando confidências com a ex-namorada, como nos velhos tempos. Fez uma pequena pausa antes de perguntar:

– E como é que fica a coleira, Marli? No caso de você se acertar com esse cara?

A investigadora sabia muito bem a resposta. Não tinha a menor intenção de deixar seu dono, fossem quais fossem as circunstâncias. Mas preferiu não deixar isso muito claro. Já havia sofrido o suficiente por conta dos ciúmes do parceiro.

– Acho que isso é uma coisa para se pensar quando e se acontecer, não acha?

12 Play party

Foram três meses de prática diária, ora como submissa de Lord Dark, ora como dominadora de Borboleta ou de sub Alterno. A resistência à dor aumentara consideravelmente; truques e dicas de dominação foram aprendidos em tempo recorde; as técnicas mais usuais foram treinadas à exaustão. Enfim, Miss Take estava pronta para se apresentar, de fato, ao mundo. E isso seria feito em uma festa – uma *play party*.

Se o objetivo era se enquadrar no perfil das vítimas do assassino, Take não poderia chegar à festa como submissa. Fora o seleto grupo que assistira à sua iniciação, todos os demais já tinham ouvido falar dela como uma dominadora cujo mentor era Lord Dark, dona da coleira usada por sub Alterno. E assim ela se apresentaria.

A festa era promovida pelo BDSM do Cerrado – provavelmente o mais irreverente grupo de praticantes do Brasil –. Como em todos os eventos organizados pelo grupo, havia uma programação rígida a ser quebrada do início ao fim. O local era uma chácara em um ponto afastado do Distrito Federal, onde, no mesmo dia, ocorria um encontro de *swingers* – pessoas cujo fetiche é a troca de casais –. Como a entrada para os praticantes de BDSM

tinha desconto, muitos “baunilhas” (pessoas que não pertencem ao meio) foram trajados de preto para pagar mais barato. Os mais curiosos se juntaram ao grupo no início da play.

O recinto estava apertado para tanta gente. Miss Take e Lord Dark sentaram-se lado a lado em um canto, sobre o banco de concreto que circundava o ambiente. Como convém a uma submissa, Borboleta sentou-se no chão, aos pés de seu dono. Sub Alternio fez o mesmo com relação à sua rainha. Até por conta do fato de que a casa era aberta ao público em geral, um pequeno tapete havia sido levado por Borboleta para servir de assento. Seu dono não abria mão de que ela estivesse nua, mas não a exporia ao risco de sentar diretamente no chão.

Uma festa aberta ao público: o ambiente ideal para se entrar em contato com novas pessoas; também o ambiente perfeito para se expor ao contato com um assassino em série. Enquanto acompanhava os preparativos, Miss Take procurava memorizar rostos e avaliar atitudes. Era bem provável que seu alvo estivesse ali.

Mestre Hipócrates pediu silêncio aos presentes.

– Bom, gente, todo mundo sabe que eu não sou muito chegado a liturgias. Então, vou passar a palavra ao cara que gosta dessas coisas. Mestre Gaspar.

Todo o grupo sabia bem quem era Mestre Gaspar. Ele e suas meninas eram conhecidos por dar um toque a mais em todas as festas a que estavam presentes. Também eram conhecidos por nunca fazer o que deles se esperava. Enquanto o grupo aguardava um

discurso de abertura, ou a tradicional tomada de votos das submissas, Gaspar limitou-se a acender uma vela em forma de pirâmide e a dizer:

– Sejam bem-vindos. Está iniciada a festa.

A gargalhada foi geral. O clima de descontração estava estabelecido.

Mestre Plutão assumiu o palco. Sem grandes cerimônias, lançou mão das cordas e, em menos de cinco minutos, imobilizou totalmente sua loira, na frente de todos. Causou impacto ao jogá-la sobre os ombros, como se fosse um salame, e se retirar para um canto, dando vez ao Senhor Poseidon. Este, também um mestre nas cordas, preferiu se apresentar em uma demonstração com lâminas e velas. Fazendo uso de uma das submissas desacompanhadas, promoveu um pequeno espetáculo que prendeu o fôlego dos baunilhas. Eles não faziam idéia de que a faca que passeava na jugular da moça não tinha fio.

O excesso de gente no lugar começou a incomodar. A fumaça dos cigarros se misturava ao fumo do narguilê de Mestre Baco, tornando o ar ainda menos respirável. Miss Take pôde observar quando Samyra – a anfitriã – chamou Mestre Gaspar em um canto. Viu também quando ele, após acenar afirmativamente com a cabeça, se dirigiu ao palco, trazendo suas meninas pela coleira.

– Bom, gente – começou ele, enquanto Foquinha, sua esposa-escrava, prendia Carmenta na estrutura em forma de “X” –, todos vocês conhecem Foquinha e sabem que ela é tão obediente que, quando erra, nem dá gosto castigar. E todos conhecem a minha

querida Carmenta, que tem muito boas intenções, mas custa a aprender disciplina. Bom... tanto Carmenta fez, que hoje vai ser castigada na frente de todo mundo. Mas vocês sabem que eu não gosto de bater sem a sub saber por que é que está apanhando. Assim, Carmenta vai pagar soletrando a lição que já deveria ter aprendido. Vamos lá, Carmenta?

A moça murmurou alguma coisa.

– Pensa pra dentro e fala pra fora! Ninguém ouviu o que você disse. Vamos tentar de novo?

– Sim, senhor! – respondeu ela.

– Muito bem. A frase é: “quando meu mestre fala, eu não devo retrucar”.

A cada letra, uma chicotada. No final da primeira palavra, Mestre Gaspar interrompeu.

– Ninguém escutou. Começa de novo.

Foi tudo bem até chegar ao “não”.

– Ene, a, o, espaço.

– Errou. Volta.

Tudo do começo. Miss Take sorriu, ao ver os baunilhas começarem a deixar o salão.

– Ene, a, o, til, espaço.

– Tá errado. Se não sabe escrever, não vai saber praticar. Volta.

Mais uma leva de gente saindo.

– Ene, a, til, o, espaço...

Dessa vez, o castigo foi até o fim. Gaspar prosseguiu:

– Bom, gente, eu já disse isso a ela mais de cem vezes. Mas como estou com preguiça, ela vai contar até cem. A cada número, vai repetir a frase inteira.

Outro grupo saiu de fininho.

Quando a contagem estava em oitenta e cinco, uma baunilha gritou, de um canto:

– Coitada! Dá pelo menos um beijinho nela!

Contendo o riso e fazendo o ar mais sério que podia, Mestre Gaspar se voltou para a intrometida:

– Bom, moça, você atrapalhou a contagem. Vou ter que começar tudo de novo.

Foi a gota d'água. Não só a mulher que falara, mas todos os demais não-praticantes deixaram a sala. Das cento e cinquenta pessoas iniciais, pouco mais de quarenta permaneceram. Sorrindo, Mestre Gaspar beijou Carmenta nos lábios e ordenou que fosse desamarrada. Acenou, então, para Samyra, indicando que a festa poderia prosseguir.

E prosseguiu. Em um canto, Mestre Hipócrates iniciou um duplo fisting. Com uma das mãos dentro da vagina de cada uma de suas meninas, ouvia Tália e Samyra se revezando no pedido “*posso gozar?*”, ao que respondia não. Quando as duas estavam a ponto de estourar, ele soltou seu tradicional “*vem, cadela*”, que resultou em gritos alucinados embalando orgasmos intensos. Enquanto isso, Mestre Gaspar fazia um shibari – uma decoração com cordas – no

corpo de sua Foquinha, Lady Hortência esfolava a bunda de seu escravinho com uma colher de pau e o Nihil servia de tapete para todas as belezas femininas presentes. Domme Liane recebia em seus pés o afago de um podólatra. E o Baco, em um canto, olhando tudo enquanto dava baforadas em seu narguilê.

Uma mulher trajando mais roupa do que o desejável e menos do que o necessário se aproximou de Miss Take.

– Oi, eu sou a Flor-de-lis.

A apresentação era dispensável diante do enorme adereço que adornava sua coleira. Lis prosseguiu:

– Tem um rapaz aqui na festa que é meio tímido. Sub, a senhora sabe como é. Pois é. Ele queria ser apresentado à senhora. Se lhe interessar, claro.

– Claro! – disse Take, após, discretamente, receber o aceno de anuência de Lord Dark.

– Então está bem.

Flor-de-Lis atravessou o salão e voltou puxando um homem de quase dois metros pelo braço.

– Este é Édipo – introduziu.

O homem se ajoelhou na frente de Miss Take e beijou-lhe a mão. Ela retribuiu com um aceno de cabeça.

– Quer brincar um pouco, Édipo? – perguntou ela, sem rodeios.

– Se for do seu agrado, senhora – foi a resposta.

Take, então, se levantou, empurrou Alterno para um lado e, puxando o homenzarrão pelo cabelo, o fez andar de quatro. Desviou de Rainha Núbia, que despejava vela derretida nas costas de seu escravo, se dirigiu a um espaço livre no salão, cuidando para não ficar longe das vistas de seu próprio dono. Fez com que Édipo se despisse completamente e começou uma pequena sessão de sadismo.

O homem era resistente à dor, suportava bem as velas e não tinha problemas em ser imobilizado. Parecia o escravo perfeito.

“Perfeito demais”, pensou Take.

Para completar a cena, Miss Take chamou Flor-de-lis e ordenou que o rapaz lhe fizesse sexo oral.

– Eu também quero! – gritou Samyra, do outro lado do salão, àquela altura mais submissa aos efeitos do álcool do que ao seu próprio amo.

Miss Take olhou para Mestre Hipócrates, que fez sinal de que já havia autorizado. De fato, Samyra perguntara-lhe, antes, mas ninguém precisava saber disso.

Depois de fazer sexo oral em duas submissas, Édipo ainda teve que, na frente de todos, penetrá-las: uma orgia em público. E nenhum sinal de que estivesse contrariado foi percebido.

Miss Take deixou a festa, naquela noite, com o telefone de Édipo e a sensação de que havia fígado sua presa.

13 Encontro às escuras

Marli Cerqueira olhou para o pedaço de guardanapo em sua mão e pensou por um instante. O que estava prestes a fazer, diferentemente das outras tantas ações das quais participara como agente infiltrada, mexia com ela. Não era mais um papel que representava; não era mais um trabalho de equipe. Estava sozinha e por conta própria. E tinha consciência de que o risco envolvido era o de sua própria vida.

Apanhou o celular. Digitou o número. Um toque. Dois. Uma voz masculina atendeu.

– Alô?

– Édipo? Aqui é Miss Take.

– Olá, senhora. Fico muito agradecido que tenha decidido entrar em contato.

– Gostei de você na festa. Sua atitude foi exemplar.

– Obrigado, senhora. Não mereço tanta gentileza.

– Fiquei pensando... se, em público, você foi tão perfeito... bem... o que acha de uma sessão privada? Eu e você?

Um breve silêncio indicou que Édipo estava avaliando a proposta.

– Seria um prazer, senhora. A senhora tem sugestão de dia e lugar?

– Deixa eu ver... hoje, que tal? Eu apanho você e vamos para um motel.

– Qual motel, senhora?

– Édipo, uma dominadora não fica dando satisfações de seus atos. Você quer ou não?

– Sim, senhora – respondeu o outro sem titubear.

– Então está bem. Algum limite ou limitação que eu deva saber?

– Sim, senhora. Eu não curto zoofilia.

Marli ficou imaginando como é que o sujeito esperaria um animal em um motel. Mas limitou-se a responder:

– Sem problemas. Me espere às quatro da tarde no Setor Comercial Sul...

* * *

As acomodações da suíte correspondiam às expectativas de quem entra em um motel que já foi um dos melhores do centro-oeste. Como acontece quando um dono de estabelecimento dá mais valor ao lucro rápido do que à manutenção da clientela, os equipamentos estavam desgastados e carentes de manutenção. A fita aposta ao tampo do vaso sanitário, onde se lia “esterelizado”, preocupava. Afinal, quem não tinha o cuidado de consultar o dicionário, para verificar como se escreve *esterilizado*, dificilmente haveria de atentar para outros detalhes, como, por exemplo, a qualidade dos

produtos de limpeza utilizados na higienização do local. Mas Miss Take não estava ali em uma missão da Vigilância Sanitária.

Enquanto se trocava no banheiro, Take ordenou a Édipo que se despirse completamente e organizasse os apetrechos trazidos em uma mala. O olhar arguto da agente não deixou escapar uma pequena perturbação nos olhos do rapaz ao ouvir a ordem, especialmente quando ela apontou para um lugar, em um canto do quarto, onde era impraticável ocultar qualquer tipo de acessório que, porventura, pudesse ser utilizado inesperadamente.

Propositalmente, ela deixou a porta do banheiro aberta e se posicionou de tal forma que, através do espelho, podia monitorar todos os gestos do parceiro e constatar o fato de que ele, mesmo discretamente, a observava atentamente.

Quando entrou no quarto, Miss Take encarnava o arquétipo da dominadora: o corpo bem esculpido tinha suas formas salientadas por uma roupa de couro preto elaborada com o fito de deixar entrever algumas partes estrategicamente selecionadas. Era indisfarçável a atração que exercia sobre seu escravo. Nesse ponto, as experiências com sub Alterno haviam sido enriquecedoras.

Seguindo à risca o ritual, Édipo se postou nu e de joelhos à frente de sua dominadora. Durante as próximas horas, ele seria seu escravo e lhe satisfaria todos os desejos, por mais bizarros que fossem. Ao menos era isso o que estava combinado.

Miss Take não tirava os olhos do parceiro. Em silêncio, ele parecia aguardar as primeiras instruções. Mas alguma coisa em sua

postura estava errada. Em vez de se colocar sobre os dois joelhos e curvar-se, o homem estava apoiado em apenas uma das pernas, enquanto a outra servia de suporte a um dos braços: postura mais adequada a um cavalheiro em uma cerimônia de outorga de título... ou a um homem que está prestes a lançar um ataque. Percebendo isso, Take afastou discretamente a perna direita para trás e, relaxando todos os músculos, se preparou.

O bote foi rápido. Édipo utilizou a perna esquerda para se alavancar e, com as duas mãos, avançou na direção da dominadora. Esta, por sua vez, se limitou a afastar-se para o lado, deixando o golpe passar direto. Quando as mãos do sujeito atravessaram o ar a poucos milímetros de seu pescoço, Miss Take agarrou-lhe o pulso direito e torceu-lhe o braço para trás; ato contínuo, utilizou o próprio pé esquerdo para golpear a perna de apoio do adversário bem na altura do joelho, fazendo com que ele fosse ao chão, completamente desequilibrado.

Com o braço direito dobrado para trás, o pulso retorcido e um joelho apoiado em seu pescoço, o homem ouviu:

– O que pensa que está fazendo, seu idiota?

Bem que ele queria reagir, mas não havia muito como. A mão que lhe segurava o pulso já havia sido substituída por uma algema, a qual, em uma fração de segundo, iria também imobilizar-lhe o braço esquerdo. Só então, o joelho da dominadora deixou de pressionar sua jugular. Mas, se Édipo esperava algum alívio, sua

expectativa era em vão. O joelho em seu pescoço havia sido substituído pela ponta de um salto agulha sobre um de seus testículos.

– A menos que não queira mais filhos, é melhor nem pensar em me dar uma chave de perna – avisou Miss Take.

– Sim, senhora – grunhiu o outro.

– Como é que é?

– Sim, senhora! – foi a resposta, em tom mais alto, menos provocado por uma atitude submissa do que por uma dor excruciante nos bagos.

A resposta de Édipo teve o único intuito de ganhar tempo – o tempo suficiente para tomar fôlego, retesar os músculos das coxas e interromper o ataque. Contorcendo-se, ele lançou ao chão a dominadora e, pondo-se de pé com uma agilidade impressionante, se preparou para jogar sobre ela o peso do próprio corpo. Mas foi interrompido por uma voz feminina que vinha da porta de entrada.

– Nem pense nisso, otário.

Virando-se, Édipo deu de cara com o cano de uma arma calibre .22 apontada para sua testa.

– Porra, Borboleta! Você demorou! – reclamou Miss Take, se levantando.

– Desculpe, senhora. É mais difícil abrir o porta-malas quando a gente está dentro dele.

– Tudo bem – respondeu a dominadora, puxando, pela algema, o atônito escravo –. Venha cá, seu infeliz – disse, dirigindo-se a ele.

Sob a mira de uma arma, Édipo não teve outra alternativa, senão obedecer. Tentara forçar as algemas, mas tudo o que conseguira fora que elas estrangulassem ainda mais seus pulsos. Era evidente que não se tratava de um par de algemas comprado em qualquer esquina. Era evidente também que ele estava, de fato, encrencado.

– Deite-se aí – ordenou Miss Take, apontando para a cama.

Quando ele o fez, teve também os movimentos das pernas limitados por um par de algemas para tornozelos.

– Quem são vocês? – perguntou ele, com o olhar destilando ódio, ao constatar que não estava nas mãos de uma dominadora comum.

– Somos as duas últimas pessoas com quem você gostaria de topar na sua vida, seu pervertido – apressou-se a dizer Borboleta, antes de sorrir para Miss Take com aquele olhar de “eu sempre quis dizer isso”.

– Pode baixar a arma agora, Borboleta – disse Take -. Ele não tem muito o que fazer, preso desse jeito.

A moça obedeceu, mas tomou o cuidado de deixar o revólver em um lugar onde pudesse ser alcançado sem dificuldades. Fechou, então, a porta, e se despiu, ficando apenas de sutiã e calcinha. Aproximou-se da cama, onde Miss Take já estava sobre o abdome de Édipo, com um joelho apoiado em cada um dos braços dele.

– Então, o rapazinho gosta de virar o jogo, não é?

Não houve resposta. Take desferiu uma bofetada no rosto do sujeito.

– Responde, cachorro!

Nada. Outra bofetada. A única resposta foi um olhar enfurecido e uma respiração ofegante que denotava raiva.

A voz de Miss Take se tornou ainda mais sarcástica.

– Vamos combinar uma coisa: você se comporta direitinho e sai daqui vivo. Um tanto arrebitado, é verdade. Mas vivo. Se não...

– Conversa fiada. Sabe que se eu sair daqui vivo boto as duas na cadeia.

– Ah, claro! E como vai explicar ter sido espancado por uma garota? Aliás, acho que você esqueceu que BDSM é uma prática consensual. Vai ser difícil provar que foi obrigado.

– O que vocês querem? – perguntou ele, se contorcendo um pouco, mas desistindo ante a pressão imprimida por Borboleta em seus testículos.

– Colaboração da sua parte, um pouco de diversão, é claro, e muito prazer. E, de quebra, eu quero que você responda a algumas perguntinhas.

A figura de Miss Take deixava Édipo transtornado. Ele estava, afinal, na posição que sempre fingira ocupar: indefeso e vulnerável na mão de uma mulher – no caso, duas, já que Borboleta parecia atender à voz de comando da dominadora sem qualquer sombra de contestação.

– Eu não tenho nada a dizer – começou ele –. Não sei do que você está falando e não faço idéia do que está acontecendo aqui. Então, se vai me matar...

– Sabe, sim – atalhou Take –. E é bom começar a abrir o bico, se quer que a gente tenha algum cuidado na hora de torturar você.

– Eu sou masoquista. A dor é o meu prazer.

– É mesmo? Então por que é que está de pau mole, queridinho?

– Eu...

– Não importa. Isso não vem ao caso. Borboleta?

– Sim, senhora.

– Prepare as agulhas.

14 Agulhas

Qualquer praticante de BDSM bem orientado sabe que a prática exige algum conhecimento e treinamento, tanto de sádicos e dominadores quanto de masoquistas e submissos. Quanto mais elaborada a técnica empregada, maior deve ser a capacitação prévia dos praticantes. Não basta, por exemplo, que uma pessoa goste de sentir dor. É preciso saber lidar com isso, para que não restem seqüelas – mesmo psicológicas – após uma cena. Há praticantes, por exemplo, que possuem tal controle sobre suas sensações que a tolerância à dor é aumentada a tal ponto que, em caso de acidentes, se mantêm lúcidos enquanto outras pessoas desmaiariam por conta do sofrimento. O conhecimento das técnicas, portanto, é fundamental para que a prática do BDSM se torne segura. Por outro lado, esse mesmo conhecimento aparelha o praticante com um cabedal de informações que, se utilizado fora do meio sadomasoquista, pode redundar em resultados nada agradáveis. É o que Édipo estava prestes a experimentar.

Deitado de costas, com uma corda prendendo as algemas a uma coluna de ferro de forma a manter as mãos acima da cabeça e outra corda atando seus pés a uma segunda coluna, tinha o corpo

esticado e sabia não poder retrair os músculos sem se ferir. Além de ser incômoda, a posição o deixava extremamente vulnerável; e o fato de permitir-lhe acompanhar tudo com os olhos era angustiante. Tinha consciência de que seu treinamento o capacitava a suportar níveis de dor e agonia bem acima daqueles tolerados por uma pessoa comum; por outro lado, já percebera estar nas mãos de mulheres que, por sua vez, dominavam técnicas bastante sofisticadas, as quais poderiam lhe propiciar experiências fascinantes e também levá-lo ao limite do suportável.

Agulhas não eram problema para ele. Ao menos não, se utilizadas de modo convencional. Quando viu que se tratava de agulhas de acupuntura, Édipo teve vontade de gargalhar. Finas e compridas, as agulhas de acupuntura são projetadas para causar o menor desconforto possível a quem recebe a aplicação. O que o rapaz não esperava, entretanto, era que as agulhas fossem aplicadas nos lugares escolhidos por sua algoz.

– Testículos, uretra e mamilos – disse Miss Take a Borboleta.

A moça fez uma pequena careta. Sabia que aquilo não seria exatamente excitante para a vítima. Mas não teve o menor pudor em obedecer à orientação.

Fixadas as agulhas, Take olhou para Édipo.

– Muito bem, pode começar a falar agora.

O rapaz riu.

– Isso é tudo? Acha mesmo que vai me forçar a alguma coisa com isso?

– Não; claro que não – foi a resposta –. Mas estou lhe dando uma última oportunidade de cooperar.

– Vá à merda.

– Tudo bem, então. Borboleta, ligue os terminais.

Nesse ponto, Édipo gelou. As finas agulhas, mesmo posicionadas tão profundamente, não seriam grande problema... a menos que por elas passasse corrente elétrica.

– Espere aí – blefou ele –. Acho bom me matar depois disso. Porque eu vou sair daqui e vou direto para a polícia. Na hora em que eles virem as marcas de queimaduras, vocês duas estão ferradas.

– Polícia? – a voz de Miss Take não disfarçava seu sarcasmo – Isso mesmo! Vá à polícia. Eles vão adorar o que você tem pra dizer. Mas... ah! Eu esqueci de explicar! Esta máquina não deixa marcas de queimadura. Ela não dá choque.

– Como assim?

– Pulsos eletromagnéticos, meu caro. Já ouviu falar? Você preferiria mil vezes que eu o ligasse diretamente na tomada. Tudo pronto, Borboleta?

– Sim, senhora – disse a assistente, passando-lhe um dispositivo de controle remoto que acionava o equipamento.

O dispositivo era simples. Oito botões ao todo. Um acionava o equipamento, fazendo iniciar o ciclo de pulsos; abaixo dele, dois outros se destinavam a selecionar o pulso desejado; os dois

seguintes controlavam a intensidade e os outros dois determinavam a frequência; o último botão, menor do que os outros, determinava a emissão de um pulso apenas, aleatório, mas independente e de maior intensidade do que os dos ciclos. O projetista da máquina havia explicado a Take o propósito daquele botão: surpreender a vítima, evitando que seu sistema nervoso se habituassem aos ciclos de pulsos, fazendo, assim, com que as sensações se mantivessem intensas, fosse qual fosse a duração da sessão. Se aplicado isoladamente e não durante os ciclos contínuos, aquele pulso aleatório seria percebido ainda mais intensamente, o que poderia, em situações extremas, ser quase impossível de suportar.

Miss Take não estava em um jogo de eletro-estimulação. Aumentou ao máximo a potência do equipamento e disparou um pulso aleatório. A reação de Édipo foi instantânea e inevitável: todo o seu corpo se retesou em um espasmo acompanhado de um grito que só não pôs em alerta todo o motel porque Borboleta, providencialmente, abafara sua boca do homem com um travesseiro.

– Pronto para conversar agora? – perguntou a algoz, enquanto Borboleta retirava o travesseiro.

Édipo não respondeu. Manteve o olhar fixo no vazio, em demonstração clara de que não estava disposto a cooperar. Take acenou para Borboleta, que voltou com o travesseiro. Novo pulso. Nenhuma resposta.

– É, parece que nosso amigo se acha muito forte – disse Miss Take, ajustando a máquina para pulsos contínuos de baixa intensidade.

O espaçamento entre cada ciclo foi regulado de tal forma que cada pulso era percebido como uma série de agulhadas.

– Venha cá, Borboleta. Vamos nos divertir um pouco, enquanto ele reflete sobre o que prefere: a cadeia ou dois anos na nossa mão.

A escrava obedeceu, visivelmente contente com a perspectiva que se descortinava. Aproximou-se de Miss Take, que, então, se encontrava de pé junto ao pequeno sofá forrado de napa cinza. Foi recebida com um suave beijo nos lábios, enquanto mãos delicadas começaram a explorar seu torso, obrigando seus seios a saltarem para fora do sutiã. Sem afastar o beijo, Take passou levemente as unhas pelas aréolas intumescidas antes de, com o polegar e o indicador, começar a premir os bicos rijos. Borboleta respirou fundo ao sentir a dor aguda e, quanto mais aumentava a pressão, mais retesados ficavam os músculos de seu corpo. Quando os dedos afrouxaram, ela relaxou, aliviada.

Afastando-se um passo, Miss Take deu-lhe uma bofetada na face direita. Borboleta não ofereceu resistência; deixou que a cabeça acompanhasse o movimento imposto pela mão que a atingira, o que fez com que os longos cabelos se lançassem para a frente, cobrindo seu rosto. De pé, as mãos para trás e o olhar submisso, a moça aguardou o próximo movimento.

Miss Take deu voz de comando:

– Borboleta, em posição para castigo.

A escrava obedeceu. Apoiou-se em uma coluna, afastou as pernas e empinou a bunda. Sentiu a calcinha pressionada contra o ânus quando a algazema a enfiou entre as nádegas. Sabia o que isso significava.

– Um. Obrigada, senhora – disse, quando a ponta da chibata fez doer e arder sua pele.

– Dois. Obrigada, senhora – prosseguiu, em resposta ao segundo golpe.

E continuou. Três, quatro, dez vezes. Vinte. Trinta. A cada chibatada, aumentava a dor e mais pesada se mostrava a mão que impunha o castigo. Após cinquenta, parou.

Borboleta mal se aguentava sobre as próprias pernas quando sentiu um dedo lubrificado ser introduzido em seu ânus. Um gemido escapou de seus lábios. A manobra não doía. Ao contrário, estava intensamente prazerosa.

A dor só veio quando o quarto dedo foi introduzido. Borboleta era muito apertada atrás e não suportava mais do que isso. Ciente dos limites da submissão, Miss Take iniciou um vai-e-vem lento e suave, mas que teve sua intensidade e sua velocidade aumentadas até que o ânus se contraiu em um orgasmo explosivo e dolorido.

– Ai! – disse a dominadora, massageando a própria mão – Isso é sadismo de mão dupla. Você esmagou meus dedos!

Borboleta riu, enquanto se ajoelhava para agradecer antes de retribuir a cena com um sexo oral bem aplicado à dominadora.

* * *

Quando as duas terminaram de se divertir, estavam nuas e completamente suadas. Porém, nem cogitaram tomar um banho. Miss Take olhou para Édipo, que não conseguia disfarçar duas coisas: o sofrimento que o afligia e a excitação que o assolava.

– Olha! O pobrezinho está de pau duro! – exclamou, irônica, Miss Take – Desligue a máquina, Borboleta, antes que ele estoure.

A moça atendeu. Desligou o equipamento e retirou as agulhas.

– Posso brincar um pouquinho? – perguntou ela – Seria um desperdício deixar amolecer.

– Claro! – respondeu Miss Take – Mas não seja gulosa. Deixe um pouco pra mim.

Borboleta vestiu um preservativo no membro rijo e se pôs a cavalgar o homem que já demonstrava sinais de exaustão. O orgasmo veio rápido para ela; mas Édipo, talvez por conta do excesso de excitação, sequer dava conta de suportar a dor. Outro orgasmo feminino e nada do lado dele.

– Minha vez, Borboleta. Deixe de ser gulosa.

A escrava saiu de cima e trocou a camisinha. Miss Take assumiu seu lugar.

– Isso está muito monótono – reclamou Borboleta.

Afastando-se da cama, ela remexeu a mala de acessórios e voltou com uma peça peculiar: uma focinheira feita de couro, projetada para amoldar-se à cabeça humana, destinada a imobilizar o maxilar, de modo que a vítima não pudesse falar ou morder. Ajustou o adereço na cabeça de Édipo que, àquela altura, já não oferecia qualquer resistência. Em seguida, sentou-se sobre seu rosto, impedindo-lhe a respiração.

Para um homem que gostava de estrangular dominadoras, a situação na qual Édipo se encontrava era insólita: cavalgado por duas mulheres, sufocado por uma genitália feminina. Atingiu o orgasmo instantes antes de desfalecer, vítima da asfixia.

15 Epílogo

Aos pés de seu dono, Miss Take – ou melhor, a agente federal Marli Cerqueira – repousava, esperando o coração desacelerar. Suas costas ardiam e podia sentir o calor do sangue que brotara de suas nádegas, misturando-se ao seu suor, fruto de uma sessão de *spanking* mais intensa do que o de costume. Ao seu lado, Borboleta lhe acariciava os cabelos, confortando-a, como se isso fosse realmente necessário.

Dois meses haviam se passado desde a prisão de Édipo. A confissão não fora obtida durante a sessão de eletro-tortura. Isso não impediu que fosse preso. Flagrado desmaiado e imobilizado em um quarto de motel ao lado das fotos de suas vítimas anteriores, até poderia ter escapado, não fosse pelo pacote de cocaína sobre a cama, no qual estavam suas digitais, mas que ele jurava ter sido ali plantado por alguém mal intencionado. Não foi difícil para a Polícia Civil relacioná-lo à série de assassinatos e levá-lo a uma confissão completa. Seu depoimento foi confirmado por amostras de DNA que correspondiam àquelas encontradas na cena de cada crime. Para completar, a Rainha Selvagem resolveu deixar seu esconderijo e, em troca de não ser acusada de estelionato por forjar a própria morte,

aceitou depor contra o assassino. O mais estranho foi que nenhuma impressão digital ou qualquer outro indício da presença de outra pessoa além do próprio Édipo foi encontrado no quarto onde ele recebeu voz de prisão.

Cumprida a missão, Marli Cerqueira tratou de desfrutar do restante do tempo de sua licença e do dinheiro obtido com o trabalho. Livre da obrigação de atuar como dominadora, pôde se entregar totalmente a seu amo, como era seu desejo. Mas isso não durou muito. Menos de duas semanas se passaram antes que ela abrisse o coração – não apenas para o dono, mas também para si mesma – e assumisse o fato de que havia gostado da experiência de dominar tanto quanto da de se submeter. Seus fetiches podiam ser plenamente realizados sem grande dificuldade: mesmo sob a chibata de Lord Dark, podia perfeitamente dar vazão ao seu sadismo usando, para isso, a doce Borboleta. Mas, por insistência do próprio Dark, ela manteve contato direto e intenso com seu novo submisso: Alternio.

Depois de meses de busca e aprendizado, finalmente havia se encontrado. Muito mais do que submissa ou dominadora, masoquista ou sádica, Marli sabia agora que era uma mulher, no sentido mais amplo do termo. Uma mulher para quem mais importante do que mandar ou obedecer, sofrer ou infligir dor, é viver o prazer em toda a sua plenitude.

Todos os nomes de personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com nomes ou codinomes de pessoas é mera coincidência.

Os eventos narrados no capítulo 12 (*Play Party*) correspondem, em parte, à compilação de narrativas ofertadas ao autor por seus colaboradores. Tal inserção se deu como uma homenagem do autor àqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram com a construção desta obra. Os codinomes – inclusive o nome do grupo – foram trocados, para proteção da identidade dos colaboradores.

Todos os demais eventos e fatos narrados nesta obra são fictícios. Qualquer semelhança com eventos ou fatos reais são mera coincidência.